

The background of the cover is a vibrant landscape. A large, full-canopied green tree stands on a rolling green hill. The sky is a deep blue, with a faint rainbow visible in the upper half. The overall scene is bright and colorful, suggesting a peaceful and hopeful atmosphere.

Amor além das fronteiras

Guy
Hammond

O que cada cristão precisa saber
sobre homossexualidade

AMOR ALÉM DAS FRONTEIRAS
O que todo cristão precisa saber sobre a homossexualidade
Guy Hammond



Segunda Edição
Brasília 2017

Título Original: Caring Beyond the Margins
What Every Christian Needs to Know About Homosexuality
Copyright ©2012 por Illumination Publishers

Copyright da tradução ©2017 por Tangente Editora Ltda.

Tradução:
Eliane Mariano Albuquerque

Revisão:
Elias Ferreira

Capa:
Leslie Ann de Moraes

Projeto Gráfico:
Tangente Editora

Todas as referências bíblicas foram tiradas, exceto quando mencionado, da versão bíblica Nova Versão Internacional. Este Livro está de acordo com as mudanças propostas pelo novo Acordo Ortográfico, que entrou em vigor em janeiro de 2009

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem permissão expressa e por escrito da Tangente Editora

Endereço: editoratangente.com.br
Email: info@editoratangente.com.br

O QUE AS PESSOAS ESTÃO DIZENDO

"Como pastor titular, tenho recebido cada vez mais perguntas sobre questões relacionadas à homossexualidade e atração pelo mesmo sexo. Infelizmente, muitos na comunidade cristã parecem estar divididos entre dois polos: a 'aceitação incondicional da teologia afirmativa dos gays' ou 'todos os gays vão para o inferno'. Guy Hammond irá ajudá-lo a encontrar o equilíbrio. Ele está nos ajudando a refletir sobre essas questões e a responder com graça e fundamentação bíblica".

— Rev. Mark Hazzard, Pastor Titular;
Assembleias Pentecostais do Canadá

"Aprecio o trabalho pioneiro que Guy Hammond tem feito nessa área. Ele está apresentando um caminho por meio do qual as pessoas que têm se sentido muitas vezes esquecidas ou ostracizadas pelos nossos ministérios possam ser compreendidas. Aprecio a boa vontade de Guy em dar essas aulas que ajudam a abrir os olhos dos cristãos para as necessidades das pessoas dentro de nossas igrejas que lutam contra essa tentação específica".

— Dr. G. Steve Kinnard, Evangelista e Mestre;
New York City, New York

"Guy Hammond é um colega e amigo. Guy tem uma alma corajosa, trilhando pessoalmente a viagem que o tem distanciado da homossexualidade para servir os outros em Jesus por meio de seus dons e talentos a fim de oferecer esperança para aqueles que estão lutando contra a atração pelo mesmo sexo e ensinar aos cristãos como amar as pessoas de modo sacrificial ao mesmo tempo que honram suas convicções pessoais".

— Rev. Jayson Graves, M. MFT, Ministério de aconselhamento e coaching Cura para a Alma;
Colorado Springs, CO

"Nestes dias em que a atração pelo mesmo sexo tornou-se uma questão política tão emocional, há um absoluto excesso de desinformação. Infelizmente, para algumas pessoas, a única experiência com comunidades religiosas no lidar com a atração pelo mesmo sexo tem sido o escárnio e a malícia. O ensino de Guy Hammond não só é bíblico como também pessoal. É semelhante a Cristo na forma como ele combina uma forte convicção com uma compaixão ilimitada. O resultado é esperança e direção tanto para cristãos quanto para aqueles que ainda vão se tornar cristãos. Esse Ministério é a resposta para muitas de nossas orações. Recomendo veementemente 'Strength in Weakness' [Força na Fraqueza] a todos que desejam ministrar, de modo eficaz, àqueles que lutam contra a atração pelo mesmo sexo".

— Sheridan Wright, Evangelista;
New York City, New York

"Nenhum ministério é tão grandemente desafiado quanto aquele que busca alcançar de modo bíblico e verdadeiro as pessoas que lutam contra a atração pelo mesmo sexo". Ora vemos uma indecorosa permissividade para acomodar relacionamentos ilícitos sob o pretexto de tolerância cristã, ora vemos esforços bem-intencionados, porém ingênuos, que condenam com tanto alarde que a preocupação e o amor genuínos não podem ser ouvidos. Andando numa delicada corda bamba, o 'Ministério Força na Fraqueza' consegue obter o equilíbrio certo, apresentando a verdade de Deus com humildade e respeito. Somente alguém que andou na sua própria corda bamba pode, de modo eficaz, trazer outros para conhecer a alegria da obediência em face dessa enorme luta. O ministério afetuoso e corajoso de Guy Hammond é uma dádiva providencial de Deus para um segmento da sociedade que a Igreja normalmente nem entende nem deseja receber".

— Dr. F. Smith LaGard, autor e conferencista;
Nashville, Tennessee

"Temos muito a aprender tanto sobre a beleza da intenção de Deus para com nossa sexualidade, quanto como amar, respeitar e manter em confiança e oração aqueles que discordam de nós, ou que estão eles próprios em dor profunda dentro das igrejas por causa da atração pelo mesmo sexo. Para aqueles que procuram viver a graça e a verdade, tanto a atitude de julgamento quanto a defesa da legitimidade da expressão da homossexualidade deixam de acertar o alvo do cuidado pastoral. Um terceiro caminho é essencial para o momento atual. Guy Hammond, por meio de sua experiência e ministério, nos convida a levar em conta o caminho de Jesus com sensibilidade, transparência e honestidade. Eu o recomendo por sua coragem em lidar com questões difíceis e a forma graciosa de sua apresentação que gera conversas cheias de graça".

— Ron Fraser EdD, ex-presidente; Alberta Bible College,
Calgary, Alberta, Canadá

AMOR ALÉM DAS FRONTEIRAS

Segunda edição

Guy Hammond

O que todo cristão precisa saber sobre a homossexualidade

Sobre o autor:

Antes de se tornar um cristão em 1987, Guy viveu como um homossexual ativo por mais de uma década. Hoje ele é o diretor executivo do *Ministério Força na Fraqueza*, ensinando cristãos sobre as questões complexas e polêmicas em torno da homossexualidade e da atração homossexual. Ele já ministrou aulas a dezenas de milhares de pessoas por meio de suas palestras em todo o mundo. É casado desde 1991 com sua esposa Cathy, e eles têm quatro filhos. Eles moram nos arredores de Toronto, no estado de Ontário, Canadá.

Sumário

Sumário.....	1
Dedicatória.....	2
Agradecimentos.....	3
Prefácio.....	4
Introdução à segunda edição.....	5
Capítulo 1 - Homossexualidade versus atração homossexual: será que existe diferença?.....	9
Capítulo 2 - Como a homossexualidade me enganou.....	20
Capítulo 3 - Dicas práticas para ajudar cristãos que sentem atração homossexual.....	29
Capítulo 4 - Ajudando mulheres que sentem atração homossexual.....	41
Capítulo 5 - Ajuda prática para maridos e esposas.....	52
Capítulo 6 - Ajuda prática para pais e mães.....	65
Capítulo 7 - Como compartilhar sua fé com a comunidade LGBT.....	77
Capítulo 8 - Respondendo às perguntas mais frequentes sobre homossexualidade.....	88

Dedicatória

À minha mulher, Cathy, o milagre em minha vida.

Agradecimentos

Minha mulher, Cathy, e eu estamos juntos nessa jornada desde 1991. Como poderia eu agradecer o suficiente, querida, por acreditar em mim quando eu mesmo tantas vezes não acreditei? Você é a alegria e o amor absolutos da minha vida, o maior presente que Deus me deu. Sempre a valorizarei fielmente até meu último suspiro.

Meus quatro filhos incríveis têm acompanhado essa jornada também, só que eles não tiveram escolha — sinto muito por isso, pessoal! Estou ciente de que não é fácil para vocês ter um pai que sente atração homossexual. Obrigado por amar seu pai tão incondicionalmente e não permitindo que essa fraqueza me diminuísse aos seus olhos. Vocês não conseguiriam entender o quanto amo vocês e como sou grato por tê-los em minha vida.

Os meus pais e meus irmãos são, obviamente, uma grande parte da minha história. Obrigado por serem tão pacientes e compreensivos comigo enquanto me esforço para lidar com essa parte da minha vida. Vocês não sabiam do meu problema de atração homossexual até pouco tempo, e quero que saibam que sou um homem cristão fiel, com uma vida incrivelmente feliz e realizada e que cada um de vocês é parte muito importante disso.

Meus conselheiros e amigos mais chegados de confiança de longa data, Mike e Barb Lock, Andrew e Suzette Lewis, Dave e Rejane Burrage e Sheridan e Debbie Wright, obrigado por tudo o que fizeram pela família Hammond.

Meu Conselho Consultivo para o *Ministério Força na Fraqueza* tem sido tão útil. Obrigado por sua disponibilidade em associar sua estimada reputação a este ministério que, por vezes, é frágil e “fora da caixa!”.

Dr. Douglas Jacoby, Andrew Lewis, Dr. F. LaGard Smith e Dr. Jennifer Konzen, estou incrivelmente agradecido pela gentileza que vocês têm demonstrado.

Minha equipe de apoio no *Ministério Força na Fraqueza* tem ajudado a realizar o meu sonho de fundar um ministério que auxilia cristãos que sentem atração homossexual em todo o mundo. Esse ministério se iniciou quando comecei a ajudar algumas pessoas usando somente meu notebook, e agora auxilia a tocar as vidas de milhares ao redor do mundo. Nada disso teria sido possível sem vocês. Obrigado, Brandon Redler, Morgan Roberts, Daniel Forschner, Michael Yager, Ellen Radcliff, Sam Tacher, Kris e Nicole Boyer, Kathy MacBrien, Stephen e Deb Bowen e Roy Appalsamy, por seu contínuo envolvimento.

Prefácio

Quando nos conhecemos, no Canadá, eu não fazia a menor ideia de que Guy Hammond tinha vindo de um passado homossexual. Para mim, ele era um afável canadense que pregava fielmente o evangelho em uma das nações mais liberais do nosso planeta. Mais tarde convidei aquele canadense alto para uma conferência internacional que estava dirigindo, para falar sobre a revolução homossexual da nossa sociedade. Sem saber nada sobre o passado de Guy, além do fato de que ele era um cristão dedicado, fiz o convite apenas acreditando que, como cidadão de uma sociedade liberal, ele certamente apresentaria uma palestra interessante.

Guy nos deu muito mais do que esperávamos! Ele se abriu sobre o seu passado compartilhando sentimentos profundos (tanto esperanças quanto sofrimentos) com os participantes da conferência, sendo um modelo de abertura cristã. Ao falar a verdade em público de modo vulnerável, ele encantou a todos. A palestra foi um destaque da conferência. Acho que ele também se deu conta, de modo concreto, de que ainda era respeitado, apesar de seu passado e na verdade talvez ainda mais reverenciado por sua coragem e integridade. Certamente minha impressão inicial de sua integridade e coragem só tem aumentado com o passar dos anos.

Contudo, o Ministério de Guy Hammond tem se manifestado em mais do que palestras ocasionais sobre atração homossexual. Já há muitos anos, *Força na Fraqueza*, um ministério dinâmico fundado pelo autor, tem oferecido inestimável direção espiritual para homens e mulheres de todo o mundo que sentem atração homossexual. Ele e sua equipe têm também treinado líderes de igreja e membros sobre como oferecer ajuda prática para aqueles que sentem a indesejada atração pelo mesmo sexo de uma maneira respeitosa, digna e compassiva.

Por todos esses motivos, é uma honra para mim elogiar Guy Hammond, um amigo e colega de confiança, e recomendar *Amor além das fronteiras*, segunda edição. Você fez uma compra inteligente, adquirindo este livro.

Guy é uma verdadeira referência, alguém a quem podemos imitar, independentemente do que tenha acontecido em seu passado. Que o Senhor possa nos impelir a seguirmos o Espírito Santo e a viver vidas de autenticidade, arrependimento e renovação.

— Dr. Douglas Jacoby, Atlanta, Geórgia;
Membro do Conselho Consultivo do *Ministério Força na Fraqueza*

Introdução à segunda edição

Minha vida à margem

*E essa bagunça é tão grande
Tão funda e tão alta,
Que não consigo nem assimilar.
Não tem jeito não!!*

— Dr. Seuss, *O Gatola de Cartola*

Eu odiava sentir atração homossexual; agora não mais. Não que a ideia me agrada, veja bem, pois essa realidade na minha vida de certa forma ainda é como um fardo para mim. Eu certamente não discutiria com Deus se chegasse um dia em que ele decidisse arrancar a atração homossexual de dentro de mim e me tornasse uma pessoa heterossexual tradicional. Dito isso, é verdade que minha visão de homem cristão que também se sente emocional e fisicamente atraído pelo mesmo sexo mudou radicalmente desde o outono de 2006. Antes disso, nos primeiros 19 anos da minha caminhada cristã, devo dizer que sofrer atrações e tentações homoeróticas produziram o mesmo tipo de caos e desordem no meu coração e mente que o Gatola produziu na casa de duas crianças entediadas e desavisadas no famoso livro infantil do Dr. Seuss, *O Gatola de Cartola*. Com certeza, quando olhava para dentro de mim, a bagunça que a homossexualidade causava na minha alma era tão funda e tão alta que eu não conseguia pegá-la e jogá-la fora — não havia nenhum jeito! Conseqüentemente, passei quase duas décadas triste, lamentando e odiando aquela "coisa" que me fazia sentir como se eu fosse amaldiçoado. Na verdade, era o que aquilo significava para mim: uma enfermidade, uma deficiência ou a doença que ninguém, incluindo Deus, teria a capacidade de curar.

Não sou deficiente físico, portanto não tenho a pretensão de entender as dificuldades diárias que aqueles que têm uma deficiência devem passar, mas é certo dizer que passei muitos anos acreditando ser emocional e espiritualmente aleijado. Na verdade, sentia-me paralisado, confuso, frustrado e, muito frequentemente, isolado; ou devo dizer, como alguém que viveu não apenas à margem da sociedade, mas em detrimento próprio, à margem da igreja também. Falando bem francamente, na igreja, viver a vida de cristão e ao mesmo tempo sentir atração homossexual foi, na maior parte do tempo, uma experiência solitária e desgastante.

Então, muito inesperadamente, na manhã de 19 de setembro de 2006, abri minha caixa de e-mail, como costume fazer para começar o meu dia e encontrei uma mensagem que forçosamente me levaria a um caminho de cura que eu nunca teria crido que fosse possível. Dr. Douglas Jacoby, uma autoridade reconhecida internacionalmente em apologética cristã, estava me convidando para falar em um futuro seminário internacional anual que ele estava organizando em Washington D.C. Meu tópico seria: "Liberação sexual e o movimento pelos direitos dos gays". Fiquei estarecido. Eu tinha mantido essa informação de meu passado homossexual e a contínua atração homossexual mais escondida e trancafiada do que o Fort Knox! Exceto pela minha esposa e apenas alguns dos meus conselheiros espirituais de maior confiança, nunca tinha falado sobre isso com ninguém. Eu ficava embaraçado e envergonhado demais, além de sentir o medo de rejeição se as pessoas soubessem quem eu realmente era. Quanto ao Dr. Jacoby, era um conhecido distante na melhor das hipóteses, alguém com quem eu tinha falado rapidamente em algumas conferências, então de que maneira ele poderia ter sabido sobre minha situação? Quem havia traído minha confiança e como essa informação secreta havia chegado aos ouvidos dele?

Magoado, ofendido e com muito medo de abordar o assunto na frente de qualquer tipo de

plateia, muito menos um grupo de líderes e pastores da Igreja de Cristo Internacional que eu não conhecia, recusei a oferta. Ele pacientemente explicou que não tinha absolutamente nenhum conhecimento prévio dos meus problemas com atração homossexual. Então pareceu-me que as estrelas tinham se alinhado, que eu tinha simplesmente ganhado um sorteio ou, talvez mais próximo à realidade, que nenhum dos outros palestrantes convidados tinha escolhido esse assunto controverso. Vim a descobrir que o Dr. Jacoby não tinha pedido a mais ninguém e que simplesmente queria minha opinião baseada no fato de que eu representaria o Canadá, país liberal com relação a esse assunto, e que eu teria uma perspectiva mais particular sobre o tema do que a maioria dos outros palestrantes, que eram quase todos americanos. Espiritualmente, acredito que Deus estava me forçando a finalmente abordar essa área tão sofrida e frágil da minha vida, que tinha causado tantos danos e produzido uma existência que não era representativa do tipo de vida que Deus desejava que eu experimentasse. Após chegar a essa conclusão, liguei para o Dr. Jacoby e aceitei o convite. Não apenas proferi a palestra, mas compartilhei a história do meu próprio passado homossexual e como era conviver com a atração pelo mesmo sexo sendo um cristão. Aqueles 90 minutos de palestra e *workshop* foram um evento assustador, mas também libertador. Foi algo que me impulsionou a começar essa mudança que vivencio desde então sob a orientação do Espírito Santo.

Como Deus mudou minha opinião sobre esse espinho na minha carne? Que esperança existe para meu irmão que sente atração homossexual? Em poucas palavras (explicarei e discutirei isso com mais profundidade mais à frente neste livro), apresento quatro verdades simples, porém transformadoras:

1. Embora viver uma vida de homossexualidade ativa seja pecado (Levítico 18:22, 20:13; Romanos 1:26-27 1 Coríntios 6:9-10), o fato de simplesmente sentir-se atraído pelo mesmo sexo não é.
2. O objetivo principal para o discípulo de Jesus que sente atração homossexual não é sentir atração heterossexual, mas viver uma vida de santidade enquanto também convive com a atração pelo mesmo sexo.
3. Deus não sente vergonha ou embaraço pelos cristãos que sentem atração pelo mesmo sexo. O valor e mérito desse indivíduo para Deus e para a igreja não são baseados nesse critério.
4. Todo seguidor de Jesus que sente atração homossexual pode, com toda a certeza, viver uma vida cristã bem-sucedida da qual Deus ficaria incrivelmente orgulhoso, independentemente do desaparecimento ou não de suas tentações homoeróticas.

Como fiquei à margem

Comecei a praticar a homossexualidade aos 11 anos de idade, e isso continuou até os meus 24 anos. Até aquele momento, tinha passado por mais de uma década praticando atos homossexuais: mantendo encontros sexuais clandestinos e anônimos com estranhos, vivendo uma vida dupla, escondendo-me à vista de todos, sendo incapaz de ser verdadeiro com as pessoas de quem eu era próximo, sentindo medo de magoá-las se elas soubessem da verdade. Além de um relacionamento desfeito com um namorado de longa data, todas essas coisas tiveram um efeito terrível sobre mim. Espiritual e emocionalmente, eu sabia que não tinha mais forças para viver assim. Felizmente, Deus tinha outro plano para minha vida.

Entre o outono de 1985 e o verão de 1987, consistente e amorosamente ensinaram-me as Escrituras e a ética sexual bíblica. Bem tarde da noite, em 15 de agosto de 1987, no norte de Toronto, Canadá, eu e o cristão que me ensinou a Bíblia pulamos o muro de uma piscina pública, muito tempo depois do horário de fechamento e pouco antes de um segurança aparecer do nada e sem a menor

cerimônia nos expulsar de lá, fui batizado e entreguei minha vida a Cristo. Nunca mais me envolvi em qualquer tipo de atividade homossexual desde aquela data.

O que aconteceu depois daquela noite quente de agosto é um verdadeiro testemunho do avassalador poder de Deus, pois o Senhor não somente me perdoou, mas permitiu-me conhecer e me apaixonar por uma linda mulher cristã. Cathy e eu, até o momento que escrevo este livro, somos loucos um pelo outro, há mais de 25 anos. Como se um homem não pudesse ser abençoado o suficiente, fomos contemplados com quatro filhos incríveis: dois biológicos e dois adotados. Todos são adolescentes agora e são amados e valorizados, muito além da compreensão deles. Profissionalmente, Deus achou por bem escolher este vaso imperfeito para servir no ministério em tempo integral há quase 20 anos e agora supervisionar o *Ministério Força na Fraqueza*, uma organização que fundei, dedicada a ensinar a igreja sobre as questões que debatemos neste livro.

Apesar dessas realizações, como mencionado, continuo a viver à margem, pois o espinho da atração homossexual ainda é uma realidade em minha vida, até mesmo três décadas depois de deixar essa vivência para sempre. Não entendo por que Deus trabalha do jeito que trabalha. Apesar de milhares de horas orando, implorando, confessando, lendo, estudando, tentando e após 25 anos de casamento criando minha família e dedicando minha vida a ensinar aos outros sobre Deus, minha atração pelo mesmo sexo permanece. Apesar das inúmeras vezes que tenho pedido a Deus para tirar isso de mim, a resposta dele foi: "Minha graça é suficiente a você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Coríntios 12:9).

Assim, continuo a viver fora do escopo, à margem, na beirada, pois sei que, por ainda sentir atração homoerótica, sou considerado por muitos, como Paulo diz em 1 Coríntios, uma das "coisas insignificantes deste mundo", uma das coisas "desprezadas". Percebo que na igreja (já que esse tópico é tão confuso e incompreensível) ainda sou de certa forma uma pessoa esquisita. Entendo que, por não me enquadrar na tradição heterossexual, minha vida é confusa para a maioria e, então, continuo a existir à margem. Porém, eu não mais "existo" apenas. Na verdade, aprendi a triunfar, pois a homossexualidade tinha controle sobre mim, mas pelo poder de Deus, agora tenho controle sobre ela.

No começo, trabalhando com um notebook no meu porão ajudando alguns, para depois...

Quando comecei meu *Ministério Força na Fraqueza* no intuito de ajudar outros cristãos que sentiam atração homossexual, achava que seria muita sorte se eu conseguisse me conectar com pelo menos trinta outros cristãos que tivessem a mesma luta. Desde o início do Ministério, no entanto, já perdi a conta do número de homens e mulheres de todo o mundo que, assim como eu, convivem com a indesejada atração pelo mesmo sexo. Sem o conhecimento de muitos na igreja, existem inúmeras pessoas em nossas congregações locais, em cada continente e cultura, que pessoalmente lutam todos os dias contra sua identidade sexual. Além disso, ainda há pais e os irmãos de crianças gays e aqueles que são casados com cônjuge homossexual ou cônjuge que sente atração homossexual, que se encontram de mesmo modo à margem. Eles também anseiam por respostas confiáveis em um mundo que, na maior parte das vezes, é repleto de ambiguidade. E a responsabilidade da igreja em alcançar a comunidade gay? Há uma estimativa de 250 milhões de homens e mulheres gays no mundo de hoje, um número que só está aumentando e uma demografia que está sendo ignorada no evangelismo pela maioria dos cristãos, não porque eles não se importam, mas porque lhes falta a compreensão e ensinamento.

Questões complexas e controversas

Inegavelmente, essas questões são tão complexas e controversas que muitos seguidores de Jesus decidiram ficar em silêncio, e isso não é de se admirar. Eles não querem abaixar o padrão da ética

sexual bíblica, não querem insultar ou calar as pessoas e também não querem perder tempo discutindo. Sem dúvida nenhuma, hoje vivemos em um mundo que grita uma mensagem não apenas de aceitação ou tolerância do estilo de vida homossexual, mas que na verdade exige nada menos do que total aprovação dele, e alguém que mesmo remotamente questione isso é instantaneamente rotulado de preconceituoso. Obviamente, isso é ridículo. Só porque não concordo com o estilo de vida escolhido por alguém, isso não significa que eu odeie essa pessoa. Na verdade, apoio totalmente a liberdade que Deus concedeu a todos para buscarem seu sonho de viver do jeito que querem, e isso inclui gays, lésbicas e transgêneros. Todavia, em uma sociedade que luta pela liberdade de viver de acordo com as próprias escolhas e acreditar no que se quer acreditar, é impressionante o quão tendenciosa essa generosidade é, muitas das vezes. Não me deparei com nenhum defensor LGBT que estivesse igualmente disposto a lutar pelo meu direito de escolher como vou viver, que é ser um homem que sente atração homossexual, mas que entrega esses desejos a Cristo, recusando-se, desse modo, a dar vazão a esses apetites. Na verdade, os defensores pró-gay têm me perseguido por causa da minha escolha. A hipocrisia deles é totalmente incompreensível; ela ultrapassa o razoável. E já que você não pode argumentar com pessoas que não são razoáveis, a tentação para o cristão (para mim mesmo, às vezes) é permanecer em silêncio.

Contudo, há uma maneira de falar sobre a homossexualidade de uma forma que se mantém fiel a nossa fé e ao mesmo tempo exalta o amor, a misericórdia e a compaixão de Cristo. Embora admita abertamente que não tenho todas as respostas, minha paixão é ajudar os cristãos a tentar entender isso tudo, permitindo-se amar as pessoas sem comprometer suas convicções. Cristãos não precisam se manter em silêncio; eles precisam ser equipados com graça e verdade. Também precisamos lembrar que a Palavra de Deus é tão poderosa e transformadora em nosso mundo e cultura hoje como tem sido nos últimos dois mil anos.

Na verdade, confrontar essas questões assusta e intimida. Como será que as pessoas envolvidas com cuidado pastoral, que trabalham com tanto amor dentro de nossas congregações (pastores, líderes da igreja, evangelistas, presbíteros, diáconos e líderes de pequenos grupos), podem oferecer assistência prática e esperança para outros que se sentem tão fragilizados como eu já me senti? Que respostas práticas e baseadas nas Escrituras podemos oferecer para aqueles que olham para nós em busca das "boas novas"? Nesta segunda edição especial, essas são as questões que vou abordar.

Desde que comecei a escrever *Amor além das fronteiras* em 2012, aprendi muito e, sendo um trabalho em andamento, até já modifiquei alguns dos meus pontos de vista com relação a algumas questões-chave. Esta segunda edição me dá a oportunidade de ajustar minhas perspectivas e compartilhar com você algumas ideias novas. É minha oração que este livro possa ser usado como um recurso confiável para que você possa se equipar adequadamente na abordagem dessas questões não somente com confiança, mas também com competência.

Confesso que de certa forma sou como um profeta relutante, em parte porque admito abertamente não ter todas as respostas para questões tão complexas e multifacetadas. No entanto, senti-me compelido a iniciar este ministério e a escrever este livro para que, em última análise, os cristãos que são parte da heterossexualidade tradicional possam saber como ministrar às pessoas com amor, assim como Cristo teria feito com aqueles que não são heterossexuais. Prossigo também pelo bem de meus colegas, irmãos e irmãs que sentem atração homossexual e por aqueles que têm familiares que convivem com essa realidade, para que eles entendam que viver à margem não é razão para não viver vitoriosamente como um seguidor de Jesus e que, com Cristo no controle, essa confusão chamada homossexualidade não é tão grande, nem tão funda, nem tão alta, e tem jeito sim.

Guy Hammond
Diretor Executivo,
Ministério Força na Fraqueza,
Toronto, Ontário, Canadá.

Capítulo 1

Homossexualidade versus atração homossexual: será que existe diferença?

“Ninguém pode voltar atrás e criar um novo começo, mas qualquer um pode começar hoje e criar um novo final.”

Maria Robinson

Foi numa tarde quente e úmida no verão de 1987 (aqueles que não são familiarizados com o clima canadense frequentemente ficam surpresos quando descobrem que nos meses de verão em julho e agosto a temperatura pode ficar escaldante, atingindo de 35 a 40 graus Celsius). Lembro-me disso como se fosse ontem: estava sentado no ônibus de número 10 em North Toronto, Canadá, a caminho de casa depois de uma visita ao pastor da minha igreja. Entretanto, nem aquele calor inclemente seria motivação suficiente para lembrar-me de um curto trajeto de ônibus, mesmo que tenha sido tão desconfortável, quase três décadas depois. Minha razão para essa lembrança se deve às decisões que tomei e à maneira como o Espírito Santo moveu meu coração naquela viagem de 20 minutos que alteraria a direção da minha vida completa e eternamente. Entrei no ônibus sendo homossexual, um homem que era agarrado, viciado e escravizado por suas atrações e tentações homossexuais, um homem incapaz de escapar de algo que sentia ter completo domínio sobre ele. Desci daquele ônibus, vários quarteirões à frente, para nunca mais praticar atos homossexuais novamente. Minha vida havia sido transformada para toda a eternidade.

Nos meses anteriores em que vinha congregando naquela nova igreja, eu estava vivendo uma vida dupla. Frequentava os cultos de louvor da igreja e participava de todos os eventos extracurriculares que a igreja promovia. Porém, no meu íntimo, para minha grande vergonha e desapontamento, eu não tinha forças para deixar de agir como homossexual, como já vinha fazendo há muitos anos. Continuei me envolvendo numa vida furtiva e pecaminosa, e quanto mais a situação se prolongava, piores ficavam as coisas.

Com o passar do tempo, esse pastor em particular e eu nos tornamos bons amigos. Por meio de conversas e momentos de confissão anteriores, ele já sabia como era o meu passado. Contudo, numa tentativa de dar a ele e aos outros a impressão de que aquele tipo de vida e tudo o que ela acarretava faziam parte do meu passado, havia jurado para ele e para todos que meus dias de atividade homossexual haviam terminado; mas isso não era verdade. Na realidade, aquelas atividades pecaminosas tinham até piorado, e o tipo de comportamento dos quais eu tinha começado a participar eram ainda mais flagrantes e descarados, pois havia ultrapassado limites que dissera nunca ultrapassar. Homem sábio que era, meu amigo pastor sentiu que havia algo “estranho” e temia que secretamente eu ainda estivesse levando uma vida homossexual. Ele decidiu dar um fim àquelas suspeitas, e por isso me convidou para uma conversa. Quando percebi qual era o assunto que ele queria conversar, fiquei apavorado e quieto.

Como eu poderia confessar que era “gay?”. Como eu poderia revelar para ele todas as atividades homossexuais que eu tinha participado, das quais eu era culpado, especialmente há alguns poucos meses, embora estivesse, ao mesmo tempo, frequentando a igreja e declarando minha libertação das práticas homossexuais? Como eu seria capaz de verbalizar em confissão as coisas imundas que eu fazia? Como poderia explicar que eu era um homem que estava vivendo duas vidas diferentes: uma vida com os cristãos e outra vida homossexual secreta? Como eu poderia admitir ser tão covarde e hipócrita?

Como poderia viver com a rejeição que certamente viria a seguir?

Eu também contava com a dura realidade de que, após 14 anos de dependência, a homossexualidade havia se tornado uma amiga leal e de confiança; certamente era uma amiga muito secreta, mas era um porto seguro e refúgio que eu não estava assim tão disposto a abandonar. Todas as vezes que eu me sentia sozinho, assustado ou carente de companhia, a homossexualidade estava sempre disposta a preencher essas necessidades. Era um território conhecido para mim. E as amizades que eu tinha feito nessa parte da minha vida, especialmente o rapaz com quem eu mantinha um relacionamento de 10 anos? O arrependimento verdadeiro certamente significaria dar um fim a nossa amizade para sempre (pelo menos no que diz respeito à intimidade). Será que eu realmente iria abrir mão de tudo isso de uma vez por todas? Seria capaz disso? Sentia uma dúvida imensa.

Meu amigo pastor era paciente, bondoso e amável, mas apesar de seus melhores esforços para me fazer desabafar, eu acabava me recusando a cooperar. Eu tinha decidido que o preço a pagar seria alto demais. No máximo, eu estava disposto a admitir que realmente estava envolvido numa atividade pecaminosa sobre a qual não iria discutir. A resposta do pastor foi algo que deixou meu coração atônito. Ele disse simplesmente: "Guy, você está zombando de Deus e de sua igreja; já chega. Vou contar de dez até zero, e se você não tiver começado a falar quando eu chegar no zero, se você se recusar a ser transparente com sua vida e se você não estiver disposto a se arrepender do que quer que seja esse pecado, não há nada mais que eu possa fazer para ajudá-lo. Pare de brincar de cristianismo e saia para poder satisfazer suas fantasias, fazer o que quiser. E se Deus permitir que você sobreviva a isso tudo, volte dentro de alguns anos e me diga se valeu a pena".

Olhando para o passado, aquela contagem de 10 segundos pareceu um pouco engraçada agora, embora tenho sido bem ameaçador na época, quando o pastor literal e lentamente contou de dez até zero. Porém, a tática certamente me deu um solavanco para que eu finalmente fizesse uma escolha, forçando-me a parar de permitir que a indecisão fosse minha decisão. Quando a contagem terminou ninguém disse uma palavra. Levantei-me e fui embora. Olhei para trás uma última vez, crendo que nunca mais veria meu amigo de novo. Tinha finalmente escolhido ir embora e fazer o que meu coração desejava. Nada mais de viver pela metade. Nada mais de hipocrisia. Estava cansado do constante conflito que guerrearava em meu coração entre "quem eu sou" versus "quem eu deveria ser".

Saí pela rua, e no momento que o ônibus arrancou, eu já tinha planejado nunca mais voltar à igreja. Estava cansado de orar e implorar a Deus para que ele tirasse minha atração homossexual. Estava cansado do fracasso. Já era hora de finalmente assumir quem eu era. Estava cansado de ficar com um pé na igreja e outro no mundo. Eu confesso: era excitante a ideia de me sentir livre da culpa constante que assolava meu coração quando eu estava na igreja.

Pensamentos sobre como fazer a minha saída encheram a minha mente. Como eu diria adeus aos amigos que havia feito na igreja? O que eles pensariam de mim? Onde eu iria morar, já que morar com outros cristãos agora estaria fora de cogitação? Logo estava planejando voltar à vida gay e vivê-la a qualquer custo.

Contudo, aparentemente, quando entrei no ônibus, Deus tinha seu próprio plano para aquele trajeto até a minha casa. Embora eu estivesse disposto a abrir mão de Deus, Deus não estava disposto a abrir mão de mim. Quando sentei naquele ônibus lotado, o Espírito ficou inundando minha mente com um pensamento: "Guy, Jesus morreu por você, você sabe que isso é um fato absoluto; como você pode abandonar um homem que se permitiu ser morto por você?".

Eu sabia que pela minha natureza não seria difícil sair da igreja e deixar os meus amigos para trás. Querer ficar sozinho fazia parte do meu DNA. Deixado ao meu bel-prazer, tendo a escolha entre ficar no meio da multidão ou ficar sozinho, essa última opção sempre venceria. Portanto, não decidi

fazer parte da igreja porque me sentia sozinho ou porque sentia que precisava de amigos, nem porque eu desejava ficar no meio de mais pessoas. Se eu tivesse a necessidade de fazer parte de um grupo ou de um clube, teria me afiliado ao clube de boliche do bairro. Eu sabia, portanto, que poderia deixar meus amigos e minha igreja para me esbaldar na vida homossexual que estava escolhendo; mas eu não tinha como ignorar que um homem havia morrido por mim. Não importa o quanto eu tentasse, sabia que não poderia renegar alguém que se importava tanto comigo. Eu tinha chegado até a linha entre Jesus, que tinha morrido por mim, e a homossexualidade que me escravizava, e eu tinha uma escolha a fazer.

Nunca mais na minha vida vou esquecer aquele trajeto de ônibus. Quando cheguei no meu ponto, Deus já havia mudado completamente minha mente e meu coração. Finalmente eu havia sido colocado numa posição em que fui forçado a escolher entre duas opções, de uma vez por todas; a escolha estava clara como a luz do dia. Jesus, o homem que morrera, venceu em todos os cenários que criei em minha mente. Desci do ônibus como uma pessoa transformada. Eu sabia que queria Jesus mais do que eu queria a vida da homossexualidade. Também sabia que não seria fácil e me dei conta de que provavelmente eu estaria escolhendo uma vida de celibato para sempre, mas entendi as consequências dessa decisão. Finalmente, uma linha na areia havia sido traçada. Jesus era real: sua morte e ressurreição eram um fato, seu amor por mim era verdadeiro. Cri nessas verdades de todo o meu coração, e embora eu tivesse destruído todas as outras coisas na minha vida, decidi que isso eu consertaria.

Literalmente entrei no ônibus número 10 e desci outro homem. Entrei no ônibus como homossexual: um homem que se deleitava na homossexualidade, que acalentava essa parte secreta de sua vida e que estava disposto e ansioso para celebrar isso pela maneira como vivia, estando preparado até a passar por cima de quaisquer objeções morais em nome da satisfação pessoal. Desci do ônibus como um homem que sente “atração pelo mesmo sexo”: um homem que sabia que não poderia nunca mais ser indulgente com essas práticas novamente, que não estaria mais disposto a manter as coisas em segredo e que, por meio de um arrependimento completo, celebraria Jesus, a ética sexual bíblica e que se entregaria a uma vida de seguir as regras do Senhor e não as regras de nossa cultura.

Assim que entrei no meu apartamento, liguei para o pastor, pedi desculpas e perguntei se ele poderia me ver logo na manhã seguinte. Eu tinha muito a confessar, muito do que me arrepender e precisava da ajuda dele para isso. Fui então até o meu quarto e li a Bíblia, orei e chorei durante horas pedindo a Deus para me dar coragem e força para viver essa nova vida fielmente até o fim. Desde aquele dia, nunca mais participei de nenhum tipo de atividade homossexual. Foi o momento em que dei adeus àquela vida para sempre e fui batizado duas semanas depois. Eu estaria mentindo se não lhe dissesse que, às vezes, tem sido uma decisão incrivelmente difícil de manter. Porém, foi a melhor coisa que fiz, e não voltaria para aquela antiga vida por nada, por nada mesmo.

A diferença entre “homossexualidade” e “atração pelo mesmo sexo”

Por que lhe contei essa história? Quero que saiba a diferença entre a homossexualidade e dois termos que usarei neste livro várias vezes ao referir-me a discípulos que lutam contra a atração emocional e sexual *indesejada* pelo mesmo sexo: “atração pelo mesmo sexo” e “atração homossexual”. Assim como descrevemos a mudança mundial para sempre em termos de “pré-11 de setembro” e “pós-11 de setembro”, na minha vida existe uma distinção muito clara entre “pré-trajeto de ônibus” e “pós-trajeto de ônibus”, onde meu mundo mudou para toda a eternidade.

A Bíblia faz uma distinção clara entre aqueles que são homossexuais ativos: indivíduos que sentem prazer nesse estilo de vida e que não fazem quaisquer objeções morais a elas, em contraponto àqueles que, devido a seu entendimento das Escrituras, não estão engajados ativamente em sua homossexualidade de modo físico e que, por livre e espontânea vontade, recusam-se a comprometer essas convicções.

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos e nem ladrões, nem avaros, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus. Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus. (1 Coríntios 6:9-11)

De acordo com essas palavras escritas por Paulo, são os perversos que não herdarão o Reino de Deus. O apóstolo continua a explicação sobre quem são esses perversos. Quando ele chega à homossexualidade, o Espírito Santo achou apropriado apontar o problema dessa prática. Foram considerados "homossexuais" aqueles que continuam a praticar esse ato e eles não herdariam o Reino de Deus. As Escrituras também explicam que isso é algo que alguns deles "foram" – tempo verbal no passado. A participação ativa deles nesses pecados, fosse roubo, ganância ou homossexualidade, era algo de que se haviam arrependido, e agora estavam justificados em nome de Jesus: eles tinham sido lavados, e agora eram novas pessoas.

Por que uma terminologia diferencial se faz necessária?

Deixe-me ajudá-lo a entender meu ponto de vista fazendo algumas perguntas: um cristão pode ser rotulado de ladrão quando se sente tentado a roubar, mas por causa do seu compromisso com Deus, ele se recusa a furtar alguma coisa da loja? Não. Uma cristã pode ser rotulada de mentirosa quando se sente tentada a mentir, mas, por causa de seu amor por Jesus, ela luta todos os dias para falar a verdade? Não. Então, será que um(a) cristã(o) pode ser chamado de homossexual se ele ou ela se sente tentado(a) a se envolver sexualmente com uma pessoa do mesmo sexo, ou por sentir-se atraído(a) física e emocionalmente por alguém do mesmo sexo, mas por causa do seu compromisso com a pureza e retidão de Deus recusa-se a ceder a essas tentações e cometer atos homossexuais? Não. A resposta é "não" em cada um desses contextos porque a realidade é que, para um discípulo de Jesus, nossa identidade é Cristo; não nossa orientação sexual ou qualquer outra marca que possa nos definir. Portanto, discípulos de Jesus que se sentem homoeroticamente atraídos não são gays, nem homossexuais, nem lésbicas; eles são simplesmente cristãos. Entretanto, ao discutir essa questão, reconhecemos que, para efeito de diferenciação entre o que é claramente pecado e o que não é, uma terminologia descritiva se faz necessária.

Dr. Mark A. Yarhouse e Lori Burkett fazem uma distinção entre os termos "atração pelo mesmo sexo" e "homossexualismo" de uma maneira que, a meu ver, é extremamente benéfica para essa discussão no livro: *“Sexual Identity: A Guide to Living in the Time Between the Times”*:

Em primeira análise, no nível mais descritivo, algumas pessoas sentem atração pelo mesmo sexo. Isso não significa necessariamente nada além disso: é um sentimento que essas pessoas têm. Algumas sentem atração pelo sexo oposto, enquanto outras relatam sentir atração tanto pelo mesmo sexo quanto pelo sexo oposto. (. . .) nossa experiência é que esse é o nível de explicação e significado mais correto e mais benéfico, e dá conta da maioria das pessoas que sentem atração homossexual. (. . .) se Joe sente atração pelo mesmo sexo, é mais correto e mais benéfico para ele dizer sobre si mesmo: 'Sou um homem que também sente atração pelo mesmo sexo' em vez de dizer sobre si mesmo: 'Eu sou gay.' Essa última afirmativa sugere que ele é do sexo masculino e que sua identidade se baseia não em gênero, mas em seus sentimentos de atração pelo mesmo sexo. Também sugere algo sobre o comportamento homossexual como sendo uma expressão normal de quem ele é como pessoa. A primeira maneira de descrever a si mesmo, isto é, dizer: 'Sou um homem que também sente atração pelo mesmo sexo', é meramente descritiva, e não traz nada implícito sobre o que o sentimento de atração pelo mesmo sexo significa nem sobre as conclusões morais que podem ser tiradas ao tomar uma atitude com relação à atração. [Tradução nossa]¹

¹ At the *first* level, the most descriptive level, some people experience same-sex attraction. It does not necessarily mean

Compare agora a definição de "atração pelo mesmo sexo" com aqueles que têm uma "identidade gay" (ou identidade "homossexual"):

(Essas pessoas) são aquelas que integram suas experiências de atração pelo mesmo sexo a uma identidade 'gay'. Isto é, elas falam de si levando em conta um atributo que se autodefine: 'Eu sou gay', e essa identidade implicitamente comunica algo sobre como elas entendem o comportamento homossexual, muito frequentemente como uma expressão natural de quem elas são como pessoa (. . .) Em contraste com a pessoa que sente atração pelo mesmo sexo (. . .) para quem o comportamento homossexual ainda está sob escrutínio moral; (o outro) poderia integrar suas experiências em uma 'identidade gay', que carrega em si a conotação de que ele celebra o comportamento homossexual como algo moralmente bom, uma extensão natural do que significa vivenciar sua autorrealização sexual em relação a si mesmo e aos outros". [Tradução nossa]²

Eu não sou gay, mas sinto atração pelo mesmo gênero

É por essa razão que não me considero homossexual nem gay; eu não vivo como uma pessoa que ativamente se engaja em relacionamentos homossexuais. Eu não "celebro o comportamento homossexual como algo moralmente bom ou como uma extensão natural do que significa vivenciar [minha] autorrealização sexual em relação a [mim mesmo] e aos outros".³ Essa não é minha identidade e, portanto, eu não sou homossexual. Também não quero usar essa terminologia ao me descrever, especialmente entre não-cristãos. É uma linguagem que vai significar alguma coisa para muitas pessoas que não tenho intenção de comunicar; isto é, comunicaria que ainda estou envolvido em comportamento homossexual ativo, e eu não estou.

Contudo, convivo com uma atração indesejada pelo mesmo sexo, embora tenha me comprometido a não dar vazão a esses apetites.

Uma mente brilhante

Em 2001, em um filme chamado *Uma Mente Brilhante*, Russell Crowe retratou a versão hollywoodiana da vida real do matemático americano e vencedor do Prêmio Nobel em ciências econômicas, John Forbes Nash Jr.. Na juventude, John Nash Jr. foi diagnosticado com esquizofrenia paranoica e passou alguns períodos em hospitais psiquiátricos devido às alucinações que sofria frequentemente. Perto do final do filme, perguntam a John Nash se as visões o haviam deixado. Adoro a resposta. Embora não possa me identificar pessoalmente com os desafios da doença mental, a resposta dele certamente reflete a batalha que travo com relação a minha atração pelo mesmo sexo. Se me perguntassem: "Suas atrações homossexuais o deixaram?". Eu me aproximaria da mesma resposta

anything more than that: it is an experience that they have, and some people experience opposite sex attractions, while others report experiencing both same- and opposite-sex attractions....Our experience is that this is the most accurate and helpful level of explanation and meaning-making for most people who experience homosexual attraction. For example, if [a man] experiences same-sex attraction, it is more accurate and more helpful for him to say of himself, "I am a man who also experiences same-sex attractions", rather than to say of himself, "I am gay". The latter suggests he is a male and that his identity rests not in his gender but in his experiences of same-sex attraction. It also suggests something about same-sex behavior being a normal expression of who he is as a person. The first way of describing himself, that is, to say, "I am a man who also experiences same-sex attraction" is merely descriptive, and it says nothing implicit about what the experiences of same-sex attraction means and what moral conclusions can be drawn from acting upon the attractions.

² [There are] those who integrate their experiences of same sex attraction into a "gay" identity. That is, they speak of themselves with respect to a self-defining attribution, "I am gay", and this identity implicitly communicates something about how they view same-sex behavior, most often as a natural expression of who they are as a person....In contrast to the person who experiences same-sex attraction...for whom same-sex behavior is still under moral scrutiny, [he] could integrate his experiences into a "gay" identity, which carries with it the connotation that he celebrates same-sex behavior as a moral good, a natural extension of what it means to experience his sexual self-actualization in relation to himself and to others

que ouvimos no filme:

Não, elas não me deixaram. E talvez nunca deixarão. Porém, acostumei-me a ignorá-las, e acho que, como resultado, elas já praticamente desistiram de mim. Você acha que é assim com todos os nossos sonhos e pesadelos? Você tem que alimentá-los para que eles permaneçam vivos?⁴

Da mesma maneira, minha atração homossexual não me deixou, e talvez nunca me deixará, mas já me acostumei a ignorá-la. Como resultado, tenho experimentado grandes vitórias, e abandonado boa parte desta atração homossexual. Simplesmente decidi que não vou alimentar esses apetites, dificultando a sobrevivência deles.

Na última cena do filme, John Nash faz seu discurso de recebimento do prêmio Nobel. Nessa cena ele diz:

Eu sempre acreditei em números, nas equações e na lógica, que levam à razão. Mas após uma vida de tais buscas, eu pergunto: o que verdadeiramente é lógico? Quem decide a razão? Minha busca me levou através do físico, do metafísico, do ilusório, e de volta. E fiz a descoberta mais importante de minha carreira, a descoberta mais importante da minha vida: é somente nas misteriosas equações do amor que qualquer razão lógica pode ser encontrada.⁵

Assim, embora certas pessoas queiram identificar alguns de nós que viemos de um passado homossexual ou que ainda convivemos com a atração pelo mesmo sexo e nos rotular de “gay” ou de alguma outra coisa, para Deus somos simplesmente seus filhos (João 1:11-13, Romanos 8:16-17). Cristãos não são gays, nem lésbicas, nem homossexuais. Há tantas outras coisas na vida deles que não a sua orientação sexual.

Liberdade de escolha

“OK, Guy, meus parabéns. Você não praticou nenhum tipo de atividade homossexual desde aquela viagem de ônibus tantos anos atrás. Que ótimo! Mas então como você concilia sentir-se atraído por outros homens e também ser cristão? Afinal, Deus chama a homossexualidade de ‘detestável’ (Levítico 18:22, 20:13) e simplesmente não consigo imaginar um seguidor de Jesus sendo tentado a cobiçar outros homens”. Ora, deixe-me colocar desta forma: não me tornei capaz de instantaneamente mudar minha orientação sexual no momento da conversão, da mesma forma que um heterossexual também não é capaz de instantaneamente mudar suas tentações indesejadas no momento da conversão.

Eu adoraria que isso tivesse acontecido. Seu eu ganhasse um dólar para cada vez que implorrei a Deus para me transformar num homem que sente atração heterossexual, eu estaria morando numa propriedade no sul da França e chegaria lá de jatinho particular. Adoraria dizer a você que, quando me tornei cristão, em 15 de agosto de 1987, tudo mudou na hora. Mas isso não aconteceu. O que realmente mudou: 1) o perdão que recebi por ter me envolvido em práticas homossexuais; e 2) o Espírito de Deus vivendo em mim, o que me dá força e poder para negar a mim mesmo a fim de ser justo e obediente. Deus não tirou a tentação, mas no lugar disso deu-me algo ainda melhor para a eliminação da tentação homossexual: a habilidade de negar essa sedução e no lugar disso escolher o Senhor.

Isso é a verdadeira liberdade. A capacidade de escolher. Talvez eu nunca tenha escolhido minha orientação sexual (e não escolhi mesmo, falarei sobre isso mais tarde), mas com certeza tenho a capacidade de selecionar o que vou fazer com a minha mente e meu corpo físico e posso, inequivocamente, escolher o que vou acalentar no meu coração. Considero isso uma das características mais impressionantes do cristianismo, e uma das características que menos se dá importância: a capacidade que o cristão tem de escolher como vai viver sua vida. O seguidor de Jesus não tem que ser

uma vítima de cada pensamento e tentação, ou do que a sociedade determina ser apropriado e aceitável.

Antes de encontrar a Cristo, eu era um escravo, incapaz de abandonar a homossexualidade, principalmente porque não havia outra alternativa viável a mim oferecida. A frustração com minha inabilidade de recusar algo que eu sabia lá no fundo ser moralmente errado e que, no final das contas, nem me satisfazia, levou-me a buscar justificativas para eu continuar naquele caminho. A resposta mais razoável e na qual eu acreditava deu-me controle e poder em vez de escolha, e a resposta era: “tenho que ser eu mesmo”; de forma que eu estaria traindo quem eu realmente era se não abraçasse minha homossexualidade. A verdade é que eu não tinha como evitar ser aquela pessoa. Muito embora soubesse que o que eu fazia era errado, simplesmente não tinha o poder de parar. Estava sendo “eu mesmo” não por livre escolha, mas porque simplesmente não havia outras escolhas viáveis disponíveis. Nesse sentido, eu não tinha escolhido a homossexualidade, a homossexualidade tinha me escolhido. Quanta frustração e desesperança eu sentia! Entretanto, ao decidir seguir a Jesus, ganhei a escolha entre duas alternativas distintas: a homossexualidade ou o cristianismo.

Falando sobre a questão da escolha, Dr. Mark A. Yarhouse e Lori Burkett afirmam que:

A orientação sexual refere-se à direção da atração de uma pessoa. Cientistas e pesquisadores propõem várias teorias sobre o que faz uma pessoa sentir atração pelo mesmo sexo ou ter orientação homossexual. O ponto mais importante é que, na realidade, cientistas não sabem com certeza qual é a causa de uma pessoa sentir atração pelo mesmo sexo e a outra não (...). Estamos sugerindo que, para início de conversa, as pessoas têm pouco a dizer sobre sentir ou não atração pelo mesmo sexo. Se você sente atração pelo mesmo sexo ou se acredita ter orientação homossexual, acreditamos que isso não acontece porque você fez ou deixou de fazer alguma coisa e isso o levou a sentir essa atração. Entretanto, é claro que uma pessoa pode escolher agir ou recusar-se a agir movido por essa atração^{3,6} [Tradução nossa]

A capacidade de realmente escolher dentre uma variedade de opções apresentadas a nós traz liberdade e independência. Não ter opção e ser forçado a um estilo de vida ou de pensamento porque não há outro caminho disponível é o que chamamos, no âmbito político, de socialismo ou comunismo. No reino espiritual, contudo, isso tem simplesmente o nome de falta de esperança.

Já ouvi muitos indivíduos que sentem atração homossexual usarem o argumento que eu costumava usar no meu próprio caso: “Tenho que ser verdadeiro comigo mesmo. Sou o que sou, um homossexual”. Para o cristão que sente atração pelo mesmo sexo, tal argumento perde a força quando admitimos que na verdade somos cristãos. Isso se sobrepõe a tudo, incluindo orientação sexual! O cristianismo é nossa natureza e não podemos ficar verdadeiramente em paz e sermos verdadeiros com nós mesmos a não ser que estejamos seguindo o caminho de Deus para nossas vidas.

Conforme disse, fui abençoado com a liberdade de escolher no que minha mente vai se focalizar. Agora sou capaz de determinar minhas ações por causa da alternativa que Jesus me oferece. Isso não quer dizer que meus sentimentos homoeróticos, emoções, atrações e tentações me abandonaram. O que devemos fazer com relação a isso?

O que significa “lutar?”

³Sexual orientation refers to the direction of a person’s attractions. Scientists and researchers propose a number of theories about what causes a person to experience same-sex attraction or to have a homosexual orientation. The bottom line is that scientists do not really know for certain why one person experiences same-sex attraction and another does not....We are suggesting that people have little say over whether they experience same-sex attractions to begin with. If you are experiencing same-sex attractions or believe you have a homosexual orientation, we believe it is not something you did or failed to do that led you to have these attractions. However, it is clear that a person can choose to act or refrain from acting on their attractions.

Nem sempre gosto de usar a palavra “lutar” quando descrevo como é viver como um cristão que sente atração pelo mesmo sexo. Para nós que seguimos a mesma convicção, é uma luta no sentido de que precisamos estar em contenda com esse componente tão indesejado em nossas vidas. Mas, além disso, dizer que “lutamos” contra a homossexualidade de alguma forma coloca o discípulo que tem atração homossexual em desvantagem quando comparado a maioria dos heterossexuais tradicionais por causa das inferências que frequentemente são feitas ao empregarmos essa palavra.

Que discípulo de Jesus que sente atração pelo sexo oposto diria: “Eu luto contra a heterossexualidade?”. Nenhum. O termo “heterossexual” é meramente descritivo da preferência sexual, não um comentário sobre a severidade ou frequência dos estímulos que são sentidos, sendo essa pessoa sexualmente ativa ou não. Em outras palavras, “heterossexual” é uma palavra neutra. A atração pelo sexo oposto nem sempre está ativa. Exceto por uma pequena minoria da população que claramente sofre de atrações além do que se considera um padrão saudável, quase todos os indivíduos que sentem atração heterossexual experimentam atração apenas periódica pelo gênero oposto; eles não vivem num estado constante de atração exacerbada, sentindo-se excitados por qualquer pessoa do sexo oposto. Muito embora subconscientemente a atração seja automática e involuntária, a fim de que os estímulos eróticos causem excitação, certos critérios devem ser preenchidos primeiro. Esses critérios são baseados em vários fatores: raça, tipo de corpo, idade, traços faciais, peso, altura e personalidade, só para citar alguns. Se essas condições não são preenchidas, não haverá “atração”.

A mesma coisa acontece com indivíduos que sentem atração pelo mesmo sexo. Mesmo sendo um homem atraído homossexualmente, não vivo em estado constante de excitação erótica quando estou na companhia de outros homens. Contudo, pessoas já vieram me dizer que presumiam que os atraídos pelo mesmo sexo sentiam desejo por todas as pessoas do mesmo sexo; em outras palavras, a atração estaria sempre ativa; sempre estaríamos “lutando”. Essa noção errônea tira, de modo indevido, a neutralidade de um termo que pode ser usado para descrever aqueles que sofrem atração homoerótica.

Infelizmente, quando isso ocorre, cristãos que sentem atração homossexual não têm o mesmo crédito que é dado aos indivíduos que sentem atração heterossexual. Posso dizer a você abertamente que não me sinto fisicamente atraído pela maioria dos indivíduos masculinos, e aqueles homens que temiam precisar manter distância de mim, achando que eu com certeza me sentiria atraído por eles estão com uma autoimagem muito exagerada! Como qualquer indivíduo que sente atração heterossexual, muito embora inconscientemente as atrações sejam automáticas e involuntárias, elas não são despertadas a menos que determinados critérios no meu subconsciente sejam preenchidos; esses critérios também se baseiam em vários fatores. Se esses critérios não são preenchidos, nenhuma atração acontece.

Sendo um seguidor de Jesus que sente atração homossexual, não vivo em tensão permanente. Não vivo em um estado constante de “luta”. Certamente, tenho momentos em que enfrento essa tentação, mas, na maioria das vezes, esses episódios são passageiros e ocasionais. Quando passo por isso, devo fazer o que todos os outros cristãos no mundo devem fazer quando Satanás ataca: devo orar e agir rapidamente para vencer essa tentação e, se falhar, devo imediatamente voltar para Deus e pedir misericórdia e cura.

O que causa a atração?

Numa entrevista que fiz em preparação para este livro, o Dr. Mike Rosebush, um conselheiro profissional internacionalmente reconhecido e ex-vice-presidente da organização *Foco na Família*, com muitos anos de experiência ajudando literalmente centenas de homens a superar a pornografia, a compulsão sexual e a homossexualidade, foi-me apresentada a seguinte analogia para a atração homossexual:

Por que uma pessoa se sentiria atraída por um Corvette vermelho enquanto outra se sente atraída por um Lada russo cinza da década de 70? (Ok, sei que é difícil alguém gostar desse carro, mas é só um exemplo). Por que razão alguém consegue andar numa rua movimentada vendo milhares de carros com sua visão periférica e nenhum daqueles carros se destacar? Então seus olhos rapidamente detectam aquele Corvette vermelho; aquele veículo em particular de repente se destaca dentre todos os outros carros na rua como um veículo que preenche seus critérios do que seja um carro incrível, e de repente ele vira o pescoço, fixa os olhos e tem que chegar mais perto para dar uma olhada naquele veículo específico.

É pecado alguém se sentir atraído por esse tipo de carro? Não, até esse ponto é somente uma atração. Isso não é bom nem mau; apenas acontece. Mas digamos que esse indivíduo comece a constantemente sonhar em possuir um Corvette vermelho, ficar com inveja de todo mundo que pode pagar por esse veículo e começar a planejar uma maneira de roubar um desses carros. Ou vamos supor que ele se torne tão obcecado em possuir o carro que aquilo acaba se transformando numa fixação que o domina por completo? Esse é o momento em que obviamente foi ultrapassada a linha entre simplesmente sentir atração e o pecado de desejar possuir aquele carro, consumindo seus pensamentos e afetando seu comportamento.

Por que homens heterossexuais preferem mulheres com seios grandes e cintura fina, que são vistos aparentemente como sinais de fertilidade, e mulheres heterossexuais gostam de homens com ombros largos e peito musculoso, que são sinais de força e proteção, enquanto que as pessoas que sentem atração homossexual não acham atraentes essas mesmas características do sexo oposto? A ciência ainda não conseguiu desvendar completamente os segredos do que nos faz sentir atraídos por alguém ou alguma coisa, e francamente a Bíblia também não aborda esse assunto. Meu ponto principal neste capítulo não é discutir causalidade, mas prefiro salientar que a atração inicial pelo mesmo sexo não é pecado; com certeza é um desvio do plano inicial de Deus para nossas vidas, mas não é pecado. O que Deus está mais preocupado não é pelo que nós somos atraídos, mas com o que fazemos com as atrações e as tentações que enfrentamos por causa delas.

Conforme já afirmei, só porque tenho sido abençoado com a liberdade de escolher no que minha mente irá se focalizar e agora ser capaz de determinar minhas ações devido à alternativa que Jesus oferece, isso não significa que meus sentimentos, emoções, atrações e tentações homoeróticas me abandonaram. O que devemos fazer com relação a isso?

Há uma verdade que todo discípulo precisa reconhecer e realmente aceitar sobre esse assunto, especialmente se eles têm qualquer desejo de oferecer assistência confiável aos homossexuais que vão à igreja em busca de ajuda e orientação, e para o cristão atraído pelo mesmo sexo que precisa constantemente de apoio e incentivo: sentir-se atraído pelo mesmo sexo não é pecado. Ponto final. Simplesmente sentir-se atraído por alguma coisa não é pecado.

A orientação de ser "atraído pelo mesmo sexo" em si não é algo bom nem mau; apenas acontece. Não é pecado sentir-se atraído pelo mesmo sexo assim como não é pecado sentir-se atraído pelo sexo oposto. Isoladamente, esses termos são neutros.

Contrário à natureza em Romanos 1:26-27

Tendo dito isto, certamente entendo e concordo com a afirmação do apóstolo Paulo em Romanos 1:26-27, onde ele declara que a homossexualidade é contrária à natureza: "Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza". Robert A. Gagnon escreve:

Dado o significado de "contrário à natureza" (*para physin*) e expressões semelhantes usadas pelos escritores judeus do período para descrever a relação homossexual, o significado da frase de Paulo é claro: basicamente, Paulo está se referindo à complementaridade anatômica e procriadora do sexo masculino e feminino.⁷

Vou acrescentar aqui que não é intenção de Deus que eu sinta apetites homoeróticos, mesmo que eu não me envolva em práticas homossexuais. Nesse sentido, a atração homossexual não é natural, mas isso não significa que é pecado. Neste mundo decaído e corrompido, não é verdade que todos nós, às vezes, sentimos desejos, inclinações, tendências ou apetites que não representam o que Deus inicialmente planejou para nossas vidas, ou seja, coisas que não são naturais?

É natural desejar comida; porém, não é da vontade de Deus que desejemos comida de modo tão forte a ponto de arriscarmos nossa saúde ao consumi-la. Muitos cristãos convivem com o desejo de se automedicar por meio de excessos na ingestão de álcool. Será que a tentação de fazer isso, por si só, é pecado? Não. Certamente isso não é o que Deus planejou e nesse sentido não é natural, mas não é pecado sentir esse desejo. Da mesma forma, o discípulo que tem uma tendência ou predisposição sexual para o mesmo gênero não está em pecado porque ele ou ela sente esse apetite específico. Isso certamente não é natural no sentido de que não representa o que o Senhor planejou inicialmente, mas isso não torna essa predisposição em pecado.

Hebreus 4:15 diz que "pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado". Então Cristo sentiu tentação sexual, significando que havia momentos em que ele realmente queria pecar sexualmente e, com base em Hebreus 4:15, poderíamos presumir sem muito esforço que Cristo certamente experimentou tentações homoeróticas também, mas ele se manteve consistentemente puro e justo. Será que Jesus pecou ao sentir tentações heterossexuais ou homossexuais? Claro que não.

Sentir tentação homoerótica não é pecado, assim como sentir atração pelo mesmo sexo não é. Ambas ocorrem automaticamente e são involuntárias. A questão principal é: o que fazemos com a tentação é que torna nossos atos pecaminosos ou santos.

Por que enfrentar a tentação é um instante emocionante no tempo?

Como um discípulo de Cristo pode julgar ou punir alguém por sofrer algum tipo de atração ou tentação? A verdade sobre a tentação é esta: a atração pelo pecado tanto é uma ocasião para fazermos a coisa certa quanto para fazermos a coisa errada. Deus permite a tentação a fim de desenvolver nossa vida espiritual (Tiago 1:2-3). A tentação provê a oportunidade para cada um de nós escolhermos entre o que é certo e o que é errado. A cada vez que superamos e derrotamos a tentação, independentemente da maneira como ela vem, tornamo-nos mais como Jesus! Há poucas coisas que vamos fazer na vida para nos tornarmos mais como Cristo do que dizer "não" às seduções do pecado. A tentação é um instante crucial no tempo quando o seguidor de Jesus estará sozinho e terá a alternativa de fazer o que é certo ou o que é errado baseado unicamente na sua escolha. A tentação é um instante crucial no tempo, quando Deus e seus anjos irão parar para ver se o cristão somente "fala" que é um seguidor de Jesus, ou se na verdade ele "anda" como Jesus. Raramente haverá uma parte mais emocionante no dia dos discípulos do que quando eles são tentados e têm a oportunidade de declarar para o universo a quem eles se dedicam verdadeiramente. Devemos então usar essa gloriosa oportunidade para honrar a Deus como uma oportunidade para julgar, menosprezar e até mesmo ridicularizar alguém, simplesmente porque o apetite que dá à luz essa tentação é atípico ou considerado ofensivo?

Um dos mantras do *Ministério Força na Fraqueza*, ministério esse de que, em minha opinião, os cristãos que convivem com a atração indesejada pelo mesmo sexo devem fazer parte, é uma declaração

que não criei, mas que muitas vezes repito: "O objetivo não é a heterossexualidade, mas sim a santidade". Assim como é o caso com qualquer outro pecado em qualquer outra área da vida, se acontecer de pecarmos, confiamos que a graça de Deus é suficiente. Faremos enorme progresso na igreja se reconhecermos e vivermos como se discípulos atraídos pelo mesmo sexo e suas fraquezas não sejam propaganda negativa para o Reino e para Deus, mas que na verdade sejam vistos como vasos para uso do Senhor.

Que a Igreja de Jesus, então, nunca mereça ser acusada de sentir-se envergonhada ou embaraçada com aqueles que lutam contra atração homoerótica, mas que, em vez disso, a igreja seja um lugar de segurança e proteção, um refúgio onde a maioria das pessoas que vive dentro do contexto da atração heterossexual aprecie e valorize aqueles que não se enquadram nele. Pois posso dizer com segurança que os discípulos que sentem atração homossexual em sua congregação local tiveram que, metaforicamente, fazer sua "própria viagem de ônibus" – um momento em que tiveram que corajosamente decidir de uma vez por todas o que eles abraçariam para o resto de suas vidas: a homossexualidade ou a Jesus, que se dispôs a morrer por eles. Para nós que permanecemos fiéis, Jesus vence a cada momento, e cada um de nós determinou que embora ninguém possa voltar atrás e criar um novo começo, viveremos cada dia de tal maneira a criar um novo final.

Referências

1. Joe Dallas e Nancy Heche, *The Complete Guide to Understanding Homosexuality* (Eugene, OR: Harvest House, 2011).

Notas do capítulo 1

1. Mark A. Yarhouse and Lori A. Burkett, *Sexual Identity: A Guide to Living in the Time between the Times* (New York: University Press of America, DPI, 2003), 30.
2. *Ibid.*, 30-31.
3. *Ibid.*
4. *Uma mente brilhante*, dirigido por Ron Howard (Hollywood, CA: Universal Studios, 2001).
5. *Ibid.*
6. Yarhouse and Burkett, 5 – 6.
7. Robert A. J. Gagnon, *The Bible and Homosexual Practice: Texts and Hermeneutics* (Nashville, TN: Abingdon Press, 2001), 254.

Capítulo 2

Como a homossexualidade me enganou

*Você pode aprender a amar qualquer coisa.
Até um passarinho na gaiola cantará uma canção.
Escolha o seu veneno,
Mesmo que ele mate você no final;*

George Strait, cantor de música country

Fui violentado por um homem quando eu tinha oito anos de idade. Que me lembre, esse foi o primeiro evento na minha vida que certamente contribuiu para minha confusão de identidade sexual. Nunca vou ser capaz de dizer com total precisão até que ponto isso influenciou, mas não há dúvida de que aquilo serviu muito claramente como uma das bases da minha visão de relacionamento com outros homens nos anos que se seguiram. Conhecidamente, inúmeros estudos mostram que o abuso sexual na infância quase sempre resulta em danos psicológicos, emocionais e físicos de longo prazo e pode causar problemas também em longo prazo, incluindo dificuldade nos relacionamentos, abuso de substâncias químicas, dificuldades nos estudos e até mesmo na vida financeira. No meu caso, tenho dificuldade de manter uma conversa até com conhecidos por mais do que determinado tempo sem me sentir sufocado, quanto mais construir uma amizade duradoura; passei a maior parte da vida lutando muito contra meu peso. Definitivamente, tenho uma personalidade que tende à dependência química; fui muito mal na escola, o que inclui ter sido reprovado de ano uma vez. Suponho que, pela minha experiência, pode-se fazer uma constatação de que esses estudos seriam verdadeiros até certo ponto. Também vou acrescentar que os ensinamentos de Cristo sobre o amor, juntamente com uma determinação de não me permitir ser um eremita completo, fazem com que eu me engaje ativamente em conversas com estranhos e amigos da mesma forma; por isso não se preocupe, não sou um eremita. Também faço visitas ocasionais à academia, tento não me empanturrar muito na sorveteria Ben and Jerry's, tenho me esforçado para estudar e sou transparente com minhas tendências ao vício; sou capaz de me manter longe de encrencas.

Entretanto, acho interessante que na vida adulta eu consiga olhar para trás e ver essas peças se juntarem. Seja como for, isto posso dizer com precisão total: sofrer abuso sexual na infância por um homem foi um dos muitos ingredientes na receita que me fez ser quem sou hoje no que se refere a minha confusão de identidade sexual. Com certeza, esses eventos na minha juventude foram absurdamente confusos para mim e nunca falei a ninguém sobre eles (incluindo minha esposa) até que eu chegasse ao final dos meus 30 anos.

Por que a homossexualidade era tão atrativa?

Fui criado indo à igreja, com o meu pai sendo pastor e minha mãe desempenhando o papel tradicional de esposa de pastor na maior parte do tempo. Lembro-me de ter sido uma criança que se sentia segura e feliz no ambiente de casa. Em algum lugar na minha pré-adolescência, contudo, meus pais passaram por grandes dificuldades em seu relacionamento e as coisas entre eles se refletiram negativamente no ambiente do lar. Apesar de "quem éramos" aos domingos quando íamos à igreja, as coisas ficavam muito feias por trás, nos bastidores; ninguém sabia disso, a não ser nós três. Não vou entrar em detalhes sobre quem fez o quê, porque amo meus pais, eles já me pediram desculpas e já os perdoei. Agora que eu mesmo sou pai de quatro adolescentes, olho para trás com muito mais compaixão para o que eles devem ter passado. Além disso, chegará o dia em que um dos meus quatro filhos sentirá a necessidade de compartilhar sobre alguns dos meus momentos mais lamentáveis como pai (que Deus

me ajude), e espero que eles façam isso com delicadeza e bondade. Então deixe-me dizer isso: quando eu tinha 11 ou 12 anos de idade (bem na época que fui apresentado à homossexualidade), os problemas em casa estavam em pleno andamento.

Além disso, meu pai ficava doente quase o tempo todo. Passar tempo em casa tornou-se uma opção indesejável. Nessa época da vida, meu pai ficou distante e envolvido demais em seus próprios problemas para se preocupar comigo. Na minha pré-adolescência e adolescência sentia-me abandonado. Não seria exagerado dizer que eu não tinha nenhum exemplo real a seguir de como comportar-me corretamente como um menino ou rapaz durante aqueles anos tão importantes para minha formação. Minhas notas na escola despencaram; como já tinha mencionado anteriormente, fui forçado a repetir um ano na escola. Também escolhi andar com uma turma de rapazes que definitivamente não eram boas companhias, e foi ali que comecei a fazer algumas escolhas muito ruins para minha vida.

Minha primeira vez

Foi também durante esse período de tempo que um colega da escola me perguntou se eu queria brincar de um novo jogo que ele tinha aprendido (não consigo imaginar quem tinha ensinado aquilo para ele) que consistia em jogar cartas e quem perdesse tiraria a roupa. Como eu tinha sido criado num lar cristão extremamente conservador, eu não sabia qual pecado era pior: jogar cartas (que quase garantiria que a mão de Deus iria descer do céu e me lançar nas profundezas de um inferno em chamas) ou tirar minha roupa na frente de um garoto no meu quarto.

Embora a mão de Deus não tivesse me atingido, todo um novo mundo de pecado e dissolução que se abria para mim certamente me atingiu. Desnecessário dizer que as coisas desceram ladeira abaixo muito rapidamente, e aquele garoto e eu continuamos um relacionamento de pecado até os 20 e poucos anos. Desde nossa adolescência passamos a nos considerar "namorados". O que encontrei naquele relacionamento, e em outros desse tipo em que me envolvi durante aquela época, foi a aceitação, a atenção e o amor que eu tanto desejava, mas que não conseguia encontrar em casa. Embora soubesse que o que estava fazendo era errado, eu estava emocionalmente faminto, então sempre voltava a fazer. Pessoas que são emocionalmente famintas farão qualquer coisa para preencher suas fortes necessidades emocionais, não importa o quanto isso custe. É uma afirmação verdadeira dizer "o amor ruim é melhor do que amor nenhum".

Anos de confusão

Entre os 12 e 15 anos de idade em especial, lembro-me de como as coisas me pareciam confusas. Eu sabia que eu era diferente dos outros ao meu redor porque quando entrei na puberdade, sentia atração por rapazes, enquanto todos os meus amigos agora estavam interessados em garotas. É claro que, tal como acontece com todo mundo nessa faixa etária, a opinião de meus amigos era algo muito importante para mim. Então, quando faziam piadas sobre os gays, bichas, veados, pervertidos, boiolas e travestis de modo tão acalorado referindo-se aos homossexuais, um pedaço de mim morria por dentro, sabendo que eu era uma dessas pessoas que todos desprezavam tanto. Um novo sentimento de vergonha entrou no meu coração, algo que eu nunca tinha sentido antes. Quando ficava sozinho, pensava no quanto o mundo me desprezava. Eu levava isso para o lado pessoal e sentia como se cravassem uma faca no meu peito. A solidão de sentir-me um marginal era esmagadora.

Em casa, sempre que o assunto da homossexualidade surgia, lembro-me de meu pai mostrando um nojo muito grande dessas pessoas e dizendo o quanto elas eram más, pervertidas e repugnantes, e eu fazia um fraco sinal de aprovação sabendo que eu era uma daquelas pessoas a quem meu pai e todos os meus amigos odiavam.

A homossexualidade e Deus

Enquanto os anos da minha adolescência se passavam, eu dava a todos a impressão de ser um incrível rapaz cristão. Envolvia-me tanto quanto possível na igreja e na escola cristã que frequentava. Orava todos os dias para que Deus me perdoasse e me transformasse. Continuava indo à igreja; fui batizado duas vezes, achando que o que eu fazia era tão ruim que um só batismo não seria suficiente para me limpar daquele pecado em minha vida.

Fiz tudo que pude para ser popular; eu era engraçado, aceito e querido, tudo o que eu não me sentia por dentro. Na minha tentativa de ser "normal" e igual a todo mundo, tive algumas namoradas na escola, o que foi estranho, desconfortável e sem nenhuma naturalidade. Enquanto isso, secretamente continuava minha relação sexual com meu namorado.

Dos 19 aos 21 anos, fui voluntário em um time missionário em Papua Nova Guiné, onde andei pelas selvas ensinando a Bíblia para as pessoas, trabalhando em um hospital e cuidando de uma clínica de primeiros-socorros, tarefas típicas de um trabalho missionário. Foram dois anos incríveis: dois anos sem nenhum contato homossexual com ninguém. Eu tinha esperanças de que aquela prorrogação me curaria, mas durou pouco. Não muito tempo depois de voltar para casa, eu estava de volta aos meus velhos hábitos, e logo estava passando dos limites que eu tinha dito que nunca ultrapassaria. Tinha certeza da impossibilidade de alguém me amar se soubesse quem eu era.

Com relação a minha igreja, certamente consigo me identificar com o paradoxo único que um autor descreve: "Uma coisa é sentir dificuldade, outra é sentir que você é o único a ter essa dificuldade. Pior ainda é o medo de que, se seu problema for descoberto, a graça demonstrada para pessoas com problemas 'normais' não ser estendida a você".¹ Aquela era uma maneira muito solitária de viver. Sentia-me como um estrangeiro neste mundo heterossexual: eu era diferente dos meus amigos, tanto na igreja como fora dela.

Sempre que se falava da homossexualidade de púlpito, mostrava-se a síntese de tudo o que a igreja era contra; pregava-se que a homossexualidade era má, nojenta e deplorável, que era uma abominação diante de Deus e merecedora da morte. Portanto, vivi realmente acreditando que eu certamente era mau, nojento, deplorável e uma abominação diante de Deus. Eu acreditava que merecia morrer e queimar no inferno e toda a minha vida era uma piada para outros rirem. Isso não é uma receita muito boa para a construção de uma autoestima saudável. Eu duvidava seriamente do amor de Deus por mim. Sabia que seria impossível ser salvo espiritualmente com essa coisa na minha vida. Eu tinha pavor de ir para o inferno, então durante a noite enquanto adormecia eu orava, rogava, suplicava, chorava e clamava a Deus, implorando para que eu acordasse na manhã seguinte sendo diferente, heterossexual e normal (tudo o que eu não era) e esse foi o meu ritual durante anos.

Não muito tempo depois do meu regresso de Papua-Nova Guiné, tornei-me firmemente convencido de que eu tinha nascido assim, certo de que a mudança não seria possível e confiante de que Deus não tinha intenção de me fazer "normal". Sentia-me completamente abandonado por Deus, franca e extremamente confuso sobre o porquê de esse Deus "amoroso" permitir que eu sofresse com um problema tão difícil na minha vida; um problema que eu não tinha a habilidade de mudar ou vencer sozinho. Era uma coisa que por um lado eu amava, mas que por outro eu também odiava. Passei os dois anos seguintes indiferente a Deus e a limites morais; assim, mergulhei num estilo de vida homossexual, embora ao mesmo tempo mantivesse a fachada hipócrita de frequência à igreja e da rotina da vida, que eu sentia serem dois mundos separados. No entanto, já que a homossexualidade era o único "jeito" que eu conhecia há tantos anos, fazia todo o sentido para mim continuar indo para o que era familiar e que me faria sentir melhor.

A verdade é que não só minha vida foi destruída, mas meu coração também. Quanto mais eu

me entregava às coisas que estavam alimentando minha necessidade emocional, mais me sentia frustrado comigo mesmo. O abismo profundo em meu coração estava se expandindo numa velocidade que eu não conseguia preencher, e não há dúvida que, durante um tempo, a homossexualidade saciava as deficiências emocionais legítimas na minha vida. Mas o alívio era só momentâneo e fazia-me sentir cada vez mais vazio com o passar do tempo.

Buscando algo verdadeiro

Muitos desejam uma intimidade com Deus verdadeira, mas em vez disso se satisfazem com regras e rituais, uma imitação que não traz absolutamente nenhuma intimidade com o Criador. E eis aqui a engenhosidade, a esperteza da mentira da homossexualidade. O inimigo gosta de imitar a Deus: isso não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz (2 Coríntios 11:14). Satanás finge ser algo que não é e tenta nos vender mercadorias e produtos que prometem abundância, mas no final entrega uma mercadoria espiritual e emocional da qual não nos preveniu. Ele nos oferece algo que no início parece satisfazer, agradar e preencher, mas que depois nos envenena espiritualmente. É assim que Satanás tem feito jogos mentais com a humanidade; e há alguns grupos de pessoas com quem ele tem sido mais bem-sucedido em sua astúcia enganadora: pessoas como eu, que caíram na mentira da homossexualidade. Ela promete muito, mas retribui absurdamente pouco. É verdadeiramente um dos maiores golpes que Satanás já perpetrou na humanidade. Claro, vemos isso em ação em todos os lugares. Os homossexuais não são os únicos que foram enganados.

Muitos anseiam pela intimidade e compromisso da aliança eterna com um parceiro, mas acabam por se contentar com uma imitação barata que é morar juntos sem se casar. Isso não é a coisa verdadeira. A verdade é que todos nós sentimos culpa de ir ao lugar errado para saciar a nossa sede emocional, apenas para descobrir que mesmo que aquele ato tenha ajudado por um tempo, era só uma satisfação momentânea de nosso desejo mais profundo.

Para ilustrar meu argumento, vou falar sobre um produto de consumo com que todos nós podemos nos identificar: uma lata ou garrafa de refrigerante não dietético. Quem não ama uma Coca-Cola geladinha num dia quente e ensolarado? Ela tem uma razão para ser a principal marca de refrigerante. Porém, por mais que seja gostosa, ela traz alguns efeitos que a maioria de nós raramente considera enquanto bebe. Foi realizado um estudo em 2006 para determinar o efeito de uma lata de Coca-Cola no nosso corpo dentro de 60 minutos após o consumo. A propósito, esse estudo salientou que a Coca-Cola não é a única culpada, mas que o processo e os efeitos sobre o corpo são os mesmos para qualquer refrigerante não-dietético. Em resumo, o estudo diz: "Ela é prejudicial para o organismo humano". E a principal razão é o açúcar:

- Primeiros 10 minutos: 10 colheres de chá de açúcar atingem seu organismo. (100% de sua ingestão diária recomendada). Você não vomita imediatamente devido ao sabor doce exagerado porque o ácido fosfórico corta o sabor, permitindo que você faça essa ingestão.
- 20 minutos: o açúcar atinge um pico na sua corrente sanguínea, causando uma explosão de insulina. Seu fígado responde a isso, transformando em gordura todo o açúcar que entrar em contato com ele.
- 40 minutos: a absorção de cafeína está completa. Suas pupilas se dilatam; sua pressão arterial sobe; como resposta, seu fígado joga mais açúcar em sua corrente sanguínea. Os receptores de adenosina no seu cérebro são bloqueados naquele momento, impedindo a sonolência.
- 45 minutos: seu corpo aumenta a produção de dopamina, estimulando os centros de prazer do seu cérebro. Aliás, fisicamente, essa é a mesma maneira que a heroína funciona.
- 60 minutos: o ácido fosfórico se liga ao cálcio, magnésio e zinco na parte inferior do seu intestino, proporcionando um novo impulso no metabolismo. Esta situação é agravada por altas doses de açúcar, aumentando a excreção urinária de cálcio.

- 60 minutos: as propriedades diuréticas da cafeína entram em ação: o que faz você sentir a necessidade de urinar. Agora é garantido que você vai evacuar o conjunto de cálcio, magnésio e zinco que seriam destinados aos seus ossos, bem como o sódio, eletrólitos e água.
- 60 minutos: à medida que o delírio dentro de você diminui, você começa a ter uma queda no nível de açúcar. Você pode ficar irritado e/ou lento. Você agora também, literalmente, já colocou para fora (urinou) toda a água que estava na Coca-Cola. Mas não antes de infundi-la com nutrientes valiosos que seu corpo poderia ter usado para coisas como hidratar seu organismo ou formar ossos e dentes fortes.²

Talvez devêssemos parar aqui por um momento e permitir que aqueles que têm refrigerantes nas suas geladeiras possam entorná-los na pia! Não mencionei o fato de que o estudo se focalizou numa garrafa regular de 600 ml e não o tamanho gigante, megamatador de sede (três vezes essa quantidade), que equivale a trinta colheres de chá de açúcar! Essa é a quantidade de refrigerante que compramos na maioria dos cinemas, lojas de conveniência ou em um restaurante *fast-food* quando aumentamos o tamanho do nosso pedido.

Considerando as informações acima, é quase revoltante pensar nos maus-tratos que nossos órgãos internos estão sofrendo, ao mesmo tempo em que nos sentamos confortavelmente na nossa cadeira de cinema acolchoada, reclinável e com encosto alto. Cada cadeira tem seu próprio suporte de copo (grande o suficiente para um copo do tamanho de um balde), enquanto assistimos a nosso filme favorito.

O que é realmente fascinante é que mesmo sabendo o quanto essas bebidas fazem mal à saúde, a maioria de nós continua bebendo! Na verdade, posso apostar que apesar de você agora estar ciente das descobertas desse estudo, em algum momento no futuro você será capaz de beber outra Coca-Cola e colocar seu corpo em choque novamente. Por quê? Porque num dia quente e ensolarado, ou enquanto assistimos a alguma coisa explodir numa tela gigante, há poucas coisas mais gostosas do que uma Coca-Cola bem gelada. Afinal, "Sinta o Sabor", certo? Errado. Acho que da próxima vez que eu for ao cinema, vou pedir só água!

Mesmo assim, ainda tomamos essa coisa!

Embora os detalhes perturbadores listados acima possam fazer você pensar duas vezes na próxima vez que você chegar perto de um refrigerante, a verdade é que sempre soubemos que beber uma garrafa de refrigerante faz mal. Não seria necessário um estudo para nos dizer isso. Você está bem ciente de que essa bebida é uma mistura de açúcar, corantes e produtos químicos, tais como ácido fosfórico, que, por sinal, também é ótimo para remover ferrugem do para-choques do seu carro. (Para ajudar a sentirmos melhor com relação ao que estamos empurrando nossa goela abaixo, existem refrigerantes que anunciam que a sua mistura contém "sabor natural". Hmm... não parece melhor agora?). Veja só, apesar de refrigerantes não fazerem bem à saúde, eles ainda assim servem para saciar nossa sede. Eles ainda satisfazem uma necessidade, mesmo que momentânea.

O mesmo é verdadeiro com relação à homossexualidade. É por isso que ela é tão sedutora para alguns: porque para aqueles que são atraídos pelo mesmo sexo, ela sacia a nossa sede, nossa sede emocional genuína, mesmo que apenas momentaneamente. Assim como George Strait, o superstar da música *country*, canta tão apropriadamente: "você pode aprender a amar qualquer coisa. Até um passarinho na gaiola cantará uma canção. Escolha o seu veneno, mesmo que ele mate você no final".³

Sexo não é o fator principal

Na sua essência, a homossexualidade é um problema relacional, não sexual. Foi isso mesmo que você leu: sexo não é o fator principal. E eis aqui uma verdade significativa sobre a atração homoerótica.

A homossexualidade na verdade tem muito pouco a ver com sexo. Toda pessoa que luta contra homossexualidade está de fato apenas se esforçando para ter preenchida alguma necessidade emocional e relacional muito legítima, só que de maneira muito ilegítima. É crucial que você saiba desde o início que enquanto você acreditar que a homossexualidade é basicamente um problema sexual, você será incapaz de ajudar adequadamente alguém que está se esforçando para superar seus impulsos homoeróticos e, com eles, as deficiências emocionais verdadeiras, genuínas e subjacentes que estão causando o problema.

Conforme mencionado anteriormente, isso é verdadeiro com relação a todos os tipos de atos nocivos ou mesmo pecados. Jesus, o arquiteto do nosso coração, foi e ainda é capaz de ver além da superfície, de olhar mais profundamente do que os outros e focalizar no problema real.

Por exemplo, tomemos a história da mulher que Jesus encontrou no poço em João capítulo 4:

Jesus respondeu: “Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”. A mulher lhe disse: “Senhor, dê-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água”. Ele lhe disse: “Vá, chame o seu marido e volte”. “Não tenho marido”, respondeu ela. Disse-lhe Jesus: “Você falou corretamente, dizendo que não tem marido. O fato é que você já teve cinco; e o homem com quem agora vive não é seu marido. O que você acabou de dizer é verdade”. (João 4:13-18)

Esta é a história de uma alma solitária e problemática que tentava desesperadamente saciar sua sede espiritual e emocional. Não havia nenhuma satisfação permanente nos múltiplos relacionamentos que a mulher havia experimentado. Na verdade, cada vez que um relacionamento acabava, ela precisava encontrar um novo companheiro, esperando que aquele outro homem suprisse todos os seus desejos emocionais. Todavia, aquela mulher acabou ficando triste e desapontada repetidas vezes, e essa é a razão pela qual já estava no seu sexto relacionamento no momento em que ela encontrou Jesus. Jesus disse que ela nunca encontraria a satisfação pela qual ela tão desesperadamente ansiava indo ao mesmo poço como já fazia há anos. Somente Jesus tinha a resposta; somente Jesus tinha a água pura e cristalina que mataria aquela sede e restauraria para sempre aquele coração partido.⁴

O grande golpe

Minha vida reflete a vida daquela mulher de várias maneiras. Antes de entregar minha vida a Jesus, havia poucas coisas para as quais eu me voltava mais do que à homossexualidade a fim de saciar minha sede emocional. Desde a juventude, com todos os problemas no meu lar e todos os medos e inseguranças no meu próprio coração, sempre que me sentia sozinho, assustado, não-amado, insignificante ou inseguro, eu me voltava para a homossexualidade a fim de preencher todas aquelas necessidades reais. E funcionava. Participar daqueles relacionamentos e atividades fazia com que me sentisse satisfeito, amado, cuidado, aceito e importante. Entretanto, depois de um curto espaço de tempo, sentia-me com mais sede, mais vazio e mais sozinho (como a mulher do poço). Isso me forçava a me envolver ainda mais a fundo naqueles relacionamentos e atividades para saciar a sede emocional mais uma vez. Era um círculo vicioso sem fim, mas não me dava conta disso.

A triste verdade é que gastei muito na homossexualidade, muito tempo e energia desperdiçados: horas, dias e meses. Até mesmo anos de minha vida que nunca conseguirei trazer de volta. Gastei muito dinheiro também, tudo para beber de uma coisa que, para início de conversa, nunca me satisfaria.

Deus, através do profeta Isaías, roga a cada um de nós que reflita:

Venham, todos vocês que estão com sede, venham às águas;
e vocês que não possuem dinheiro algum, venham, comprem e comam!
Venham, comprem vinho e leite sem dinheiro e sem custo.
Por que gastar dinheiro naquilo que não é pão,
e o seu trabalho árduo naquilo que não satisfaz?
Escutem, escutem-me, e comam o que é bom,
e a alma de vocês se deliciará com a mais fina refeição.
Deem-me ouvidos e venham a mim; ouçam-me, para que sua alma viva.
Farei uma aliança eterna com vocês,
minha fidelidade prometida a Davi

Isaias 55:1-3

Não somos todos iguais? Será que cada um de nós, independentemente da orientação sexual ou da área em que tenha mais dificuldade ou sinta mais tentação, já não foi ao poço errado para beber, e depois acabou com mais sede do que antes?

Será que eu e você não merecemos algo melhor? Deus acha que sim. Por isso ele nos chama e roga para que venhamos a ele: para que nossas almas possam ter vida. O que Deus oferece é de graça. Não nos custa nada, e é a única coisa que irá curar nossas mágoas, medos e inseguranças.

Sei que a homossexualidade nunca me dará o que eu realmente preciso ou quero, mas ela vai sempre (100% das vezes) me deixar emocional e espiritualmente sedento. Somente quando eu decido satisfazer minha sede com a água viva que Jesus oferece é que ficarei verdadeiramente satisfeito.

Jesus entrou na minha vida e me ofereceu algo que saciava e satisfazia muito mais do que qualquer coisa que a homossexualidade poderia oferecer. Caí em mim e percebi que ele estava oferecendo água viva que satisfaria minhas necessidades emocionais de um modo duradouro e eterno, algo que a homossexualidade jamais poderia fazer. Jesus tornou-se a escolha óbvia, a coisa verdadeira, o melhor poço para tirar água. É desse poço que, com muita alegria, eu bebo hoje.

Na vida de cada cristão, houve um tempo em que todos nós íamos até aquele lugar conhecido, que tínhamos aprendido e que funcionava, dadas as nossas limitadas opções. Muito embora na maioria das vezes soubéssemos que aquelas coisas estavam nos machucando, ainda as praticávamos porque funcionavam; eram coisas que saciavam nossa sede, ainda que por pouco tempo.

Todos nós passamos um tempo bebendo de algum lugar que somente satisfazia nossa sede por um curto espaço de tempo. Cada um de nós é culpado de comprar essas mercadorias falsificadas. Não importa se nosso problema era com álcool, drogas, relacionamentos, comida em excesso, bulimia, compulsão sexual, pornografia, vício pelo trabalho, excesso de sono, compras na internet, jogos de azar, fumo, videogames, jogos online ou homossexualidade. Será que não somos todos iguais?

Os sussurros de Satanás

Minha experiência mostra que Satanás tenta capitalizar sobre essas fraquezas na minha vida. Não sou capaz de contar quantas vezes na minha vida pensei comigo mesmo: “sou um perdedor”. Pelo menos é isso que Satanás tantas vezes sussurrava, ou melhor, sibilava bem dentro do meu ouvido. Existe outra palavra para perdedores que como eu são atraídos pelo mesmo sexo. Eles se chamam “xulingos”. Em meados dos anos 90, Max Lucado escreveu uma série de livros infantis. O primeiro se intitulava *Você é Especial*. É um de meus livros favoritos porque me identifico tanto com o personagem principal, Marcinelo. Na história, somos apresentados a pequeninos seres de madeira chamados de “xulingos”.

Os xulingos eram pequenos seres feitos de madeira. Toda essa gente de madeira tinha sido feita por um carpinteiro chamado Eli. Cada xulingo era diferente dos outros. Uns tinham narizes bem grandes, outros tinham olhos enormes. Alguns eram altos, e outros bem baixinhos. Uns usavam

chapéus, outros usavam casacos. Todos eles, porém, tinham sido feitos pelo mesmo carpinteiro e moravam na mesma aldeia.

E o dia inteiro, todos os dias, os xulingos só faziam uma coisa: colavam adesivos uns nos outros. Cada xulingo tinha uma caixinha com adesivos dourados, em forma de estrela, e uma caixinha com adesivos cinzentos, em forma de bola. Em toda a aldeia, indo e vindo pelas ruas, os xulingos passavam dia após dia colando estrelas e bolas uns nos outros. Os mais bonitos, feitos de madeira lisa e tinta brilhante, sempre ganhavam estrelas. Mas, se a madeira era áspera ou se a tinta descascava, os xulingos colavam bolas cinzentas.

Os xulingos que tinham algum talento também ganhavam estrelas. Alguns conseguiam levantar pedaços de madeira bem pesados acima de suas cabeças ou conseguiam pular por cima de caixas de madeira bem grandes. Outros conseguiam falar palavras compridas e difíceis ou cantar belas canções. Todos colavam estrelas nesses xulingos. Alguns xulingos viviam carregados de estrelas! Cada vez que recebiam uma estrela, ficavam muito felizes! Sentiam vontade de fazer alguma outra coisa para ganhar mais uma estrela. Alguns xulingos, porém, não sabiam fazer muita coisa. Esses ganhavam bolinhas cinzentas.

Marcinelo era um desses. Ele tentava pular bem alto como os outros, mas sempre caía. E, quando caía, os outros xulingos se juntavam à volta dele e lhe davam bolinhas cinzentas. Às vezes, quando caía, sua madeira ficava arranhada, e, assim, os outros colavam mais bolinhas cinzentas nele. (...)

“Ele merece ficar coberto de bolinhas cinzentas”, as pessoas de madeira diziam umas às outras. “Ele não é um bom xulingo”. Depois de algum tempo, Marcinelo começou a acreditar neles. E vivia dizendo: “Eu não sou um bom xulingo”.⁵

No desenrolar da história, Marcinelo por fim conhece seu criador, Eli, que diz a ele para parar de se preocupar com as bolinhas cinzentas que as outras pessoas haviam colocado. O importante, disse Eli, era a opinião que ele tinha sobre Marcinelo. E para Eli, Marcinelo era muito especial.

Marcinelo deu uma risada: “Eu, especial? Por quê? Não sei correr. Não consigo pular. Minha tinta está descascando. Por que eu seria importante para você?”. Eli olhou para Marcinelo, colocou suas mãos enormes naqueles pequenos ombros de madeira, e disse bem devagarinho: “porque você é meu. Por isso, você é importante para mim”.⁶

Sou um “Marcinelo”. Passei boa parte da minha vida sentindo como se tivesse bolinhas cinzentas por todo o corpo por causa da minha atração pelo mesmo sexo. Às vezes, tento dar um pulo bem alto, mas todos os dias, de uma forma ou de outra, caio. E quando caio, me arranho, me machuco, me decepciono e sinto que desapontei a Deus. Para mim é fácil pensar que sou um fracassado e que nunca vou acertar. Não há nada, repito, nada que me fez ter mais bolinhas do que a atração pelo mesmo sexo. E, infelizmente, confesso que fui eu mesmo quem colou a maioria delas.

Sou culpado de ter ouvido as mentiras de Satanás muitas vezes e permitir que ele colasse aquelas bolinhas no meu corpo todo. A Bíblia diz que a língua natural de Satanás é a mentira. Ele é chamado de “acusador”, e na minha vida ele fez seu trabalho muito bem. É minha própria voz que ouço, mas na verdade é Satanás sussurrando no meu ouvido:

- Nunca vou mudar;
- Nem Deus nem mais ninguém pode me amar porque sinto atração pelo mesmo sexo;
- Sou ruim;
- Tem alguma coisa errada comigo por isso não consigo mudar;
- Será que existe esperança? Por que estou me enganando? Por que não sair por aí e viver a vida que quero: ser gay e aceitar isso? É a única maneira que tenho para ser feliz;
- Já passei por isso várias vezes. É melhor desistir. É só mesmo uma questão de tempo antes de voltar para meu antigo estilo de vida;

- Estou deixando de aproveitar; se eu sair e fizer as coisas que realmente quero, vou ficar satisfeito;
- Não sou cristão; não sou salvo de verdade.

Como cristão que vive uma indesejada atração pelo mesmo gênero, já tive esses e outros pensamentos muitas vezes ao longo dos anos; e é verdade, para aqueles que já estão se fazendo essa pergunta, já fiz terapia. Essa técnica satânica do sussurro (para mascarar os pensamentos dele como se fossem nossos) é um truque bem antigo. Em Gênesis, a palavra em hebraico traduzida como “serpente” no relato do Jardim do Éden é interpretada como “cochichador” ou “sussurrador”. Satanás sussurra mentiras em nossos ouvidos como ele fez com Eva. Sei que ele faz isso com todo mundo, mas para aqueles que sofrem com a atração homoerótica, o diabo faz hora extra. Por causa da nossa fraqueza humana nesse mundo destruído e decaído, Satanás adora tentar nos convencer de que somos todos perdedores, que somos “xulingos” que só merecem bolinhas cinzentas. Mas isso não é verdade. Assim como o marceneiro Eli no livro infantil de Max Lucado, tudo o que importa é o que o Criador pensa de nós. Para Deus, cada um de nós é especial. Podemos nos perguntar ocasionalmente o porquê, pois há momentos em que, como Marcinelo, não podemos correr, nossa pintura está descascando e estamos sempre tropeçando e caindo. Porém, quando isso ocorre, nosso Criador nos dá confiança, pondo a mão em nossos ombros e dizendo: “Eu o amo porque você é meu, e por isso você é importante para mim”.

Referências

1. Joe Dallas, *Desires in Conflict: Hope for Men Who Struggle with Sexual Identity* (Eugene, OR: Harvest House, 2003).
2. Jayson Graves, Healing for the Soul, healingforthesoul.org
3. Wesley Hill, *Washed and Waiting: Reflections on Christian Faithfulness and Homosexuality* (Zondervan, 2010)

Notas do capítulo 2

1. Joe Dallas, *Desires in Conflict: Hope for Men Who Struggle with Sexual Identity*. (Eugene, OR: Harvest House, 2003), 23.
2. Wade Meredith, “What Happens to Your Body When You Drink a Coke Right Now?” <http://www.healthbolt.net/2006/12/08/what-happens-to-your-body-if-you-drink-a-coke-right-now/>.
3. George Strait, “Poison” (MCA Records, 2011).
4. “Living Water Part 1”, <http://www.settingcaptivesfree.com>
5. Max Lucado, *Você é Especial* (Campinas, SP: United Press, 2004)
6. Ibid

Capítulo 3

Dicas práticas para ajudar cristãos que sentem atração homossexual

“Não é quem você é; é como você é”.

Menino de 14 anos de idade do time de hóquei do meu filho

Satanás não é a luz mais brilhante no porto; para vocês que não moram perto de nenhum cais, peço desculpas por essa analogia do farol. Antigamente eu morava em Nova Scotia, na costa leste do Canadá e o oceano Atlântico ficava a apenas cinco minutos de carro da minha casa, portanto eu estava cercado por ele. Espero que você entenda essa comparação. Vou fazer outras analogias para que todos se sintam incluídos. O que estou querendo dizer é que, quando se trata do diabo, ele se parece como uma loja de ferragens onde faltam parafusos. Ele tem tração nas quatro rodas, mas apenas três delas funcionam. Ele está a alguns metros da trave, mas não consegue marcar um gol; perdeu o contato com a nave mãe, a antena dele não pega todos os canais. Se desse a ele um centavo para cada um de seus pensamentos, você receberia troco. Ele não é a faca mais afiada na gaveta; é um elevador que não vai até o último andar; minha lista não teria fim.

Então, agora que consegui me fazer entender para carpinteiros, donos de carro com tração nas quatro rodas, para aqueles que adoram futebol, e à noite, em segredo, assistem reprises de Jornada nas Estrelas na televisão velha que precisa de antena, vou continuar. Por que estou sendo tão mau com o velho Belzebu? Porque, na hora de tentar nos enganar, mentir para nós e nos levar a pecar, ele realmente não tem tanta imaginação assim. Claro, não estou desconsiderando Judas 1:9, onde lemos que até mesmo o Arcanjo Miguel, ao discutir com o diabo, “[não] ousou fazer acusação injuriosa contra ele”. Estou ciente desse perigo e certamente não iria querer pisar onde até os anjos se recusam a ir. Porém, também não acredito que eu tenha nem chegado perto de fazer acusações blasfemas contra o príncipe dos demônios. Na verdade, só estou falando de sua falta de criatividade no que diz respeito à tentação. Quer dizer, todos nós lutamos com as mesmas "coisas", não é verdade? Ele lança o mesmo tipo de seduções e tentações sobre a humanidade desde os tempos que Adão e Eva passeavam nus pelo jardim.

Parece que o diabo não tem inventado novas tentações com as quais nos atrair. Certamente, devido aos avanços tecnológicos, se tentarmos provar que Romanos 1:30 é verdade, os seres humanos tornaram-se bons em inventar novas formas de pecar. Mas a questão é que Satanás vem até nós com as mesmas coisas de sempre: imoralidade, ganância, falsidade, calúnia, fofoca, raiva, ataques de fúria, ódio, excessos, idolatria, ciúme, orgulho etc. Será que estou certo? Não importa há quanto tempo você é um discípulo – cinco minutos ou 50 anos –, cada um de nós é suscetível ao arsenal de truques de Satanás. Se ele pegasse qualquer um de nós no momento certo (quando nossa guarda está baixa), nenhum de nós poderia alegar verdadeiramente que não peca em alguma dessas áreas em diferentes graus.

Eles estão em todos os lugares

Acho que é por isso que sempre me divirto quando ouço cristãos ficarem tão espantados quando se dão conta de que há discípulos que são tentados com homossexualidade. Às vezes, eles até pecam com esse espanto, e não é engraçado. Isso cria um ambiente muito hostil para aqueles que sentem atração homossexual; eles muitas vezes se sentem incapazes de serem transparentes sobre suas lutas no único lugar onde deveriam se sentir mais seguros para compartilhar tais informações: a igreja. A igreja é um lugar cheio de pecadores, todos igualmente carentes do sangue de Jesus para manterem-se limpos. Nenhum cristão deve pensar nem por um minuto que essa questão não afeta sua congregação local, pois já aconselhei, conversei e chorei com discípulos de literalmente todo o mundo que vêm de um

passado homossexual e que ainda convivem com atrações homoeróticas indesejadas. Alguns deles são seus evangelistas, líderes de igreja, presbíteros e líderes de pequenos grupos. Eles servem no ministério das crianças, lideram o louvor, tocam e compartilham estudos nos cultos. Eles fazem parte dos ministérios de solteiros, casados, universitários e adolescentes.

Em todos os cultos você senta ao lado deles e os abraça em comunhão; você compartilha a refeição com eles em sua casa. Eles são seus amigos e pessoas que você ama e respeita muito. Sei que isso é verdade, pois tenho falado com eles. São homens e mulheres, vêm da América do Norte, América Central e América do Sul; Europa; Ásia; Oriente Médio e África. Outros vêm do Ártico e da Antártida. Pessoalmente, aconselhei cristãos que convivem com atração pelo mesmo sexo de todos os continentes do planeta e não duvido que saberei de casos nos polos norte e sul, algum dia no futuro. Contudo, a maioria das pessoas em nossos bancos de igreja não sabe que a pessoa com quem eles estão adorando e a quem eles chamam de "irmão" ou "irmã" carregam uma história de medo, mágoa, isolamento e confusão, que a maioria nunca iria entender.

Quantos cristãos sentem atração pelo mesmo sexo?

Para responder à pergunta acima, devemos primeiro analisar de maneira breve o que os últimos estudos nos revelam sobre quantas pessoas se identificam como "homossexual" ou "bissexual" dentre a população geral. Pode ser que você tenha lido ou ouvido o equívoco comum relatado pela primeira vez por Alfred Kinsey, um dos primeiros cientistas a conduzir pesquisas científicas em larga escala sobre a sexualidade humana e que escreveu o livro *Sexual Behavior in the Human Male* [Comportamento Sexual do Homem] em 1948, e *Sexual Behavior in the Human Female* [Comportamento Sexual da Mulher] em 1953. Segundo ele, dez por cento da população é homossexual ou gay.¹

Este número é ainda amplamente considerado verdadeiro, embora a maioria dos pesquisadores neste campo contestem essas conclusões:

Os pesquisadores raramente discutem o quanto a estatística de Kinsey é profundamente falha. Para que um estudo desse tipo produzisse dados a partir dos quais pudéssemos fazer generalizações sobre toda a população, a amostra sob estudo teria que ser mais ou menos representativa da população em geral. Porém, Kinsey parece ter ignorado a necessidade de manter sua amostra como um reflexo da população americana. Aparentemente, a amostra de homens de Kinsey foi distorcida porque ele usou amostragem de modo desigual em uma variedade de grupos. Curiosamente, todos os exemplos dessa amostragem parecem ter aumentado a probabilidade de encontrar uma maior incidência de práticas sexuais não-tradicionais.⁴ Duas distorções de amostra são as mais chocantes: Primeiro, Kinsey exagerou drasticamente na amostragem com presidiários. Segundo, Kinsey exagerou drasticamente na amostragem de organizações a favor dos gays.³ [Tradução nossa]

Então vamos esquecer Kinsey e essa estatística de 10% completamente, pois ficou claro que ela não é confiável. Qual porcentagem é mais correta?

Embora seja quase impossível de fato fazer uma afirmação precisa com base em estudos mais recentes, é geralmente aceito que a estatística represente algo entre 3% e 4 % da população. Um estudo feito com base em um levantamento do governo dos EUA informa que o número de adultos entre 18 e

⁴ Researchers rarely discuss just how deeply flawed Kinsey's data appeared to be. For a study such as Kinsey's to produce data from which we could generalize to the whole population, the sample under study would have to be roughly representative of that general population... But Kinsey seems to have ignored the need to keep his sample reflective of the American population. It appears as though Kinsey's sample of males was skewed because he oversampled a variety of groups... And curiously, every example of oversampling appears to have increased the likelihood of finding a higher incidence of nontraditional sexual practices. ² ...Two sample distortions are the most shocking: First, Kinsey drastically oversampled prison inmates... Second, Kinsey drastically oversampled members of gay-affirming organizations.³

45 anos que se identifica como "homossexual" ou "bissexual" está em 4% ⁴; e um estudo de 2011, publicado pela Escola de Direito da UCLA, apresenta a estatística de 3,8% ⁵. Seria um erro supor que nossas congregações não reflitam a diversidade de nossas culturas, considerando que nossa membresia é constituída por indivíduos que foram retirados do mesmo mundo do qual derivam esses dados.

Já ouvi o argumento de que também seria incorreto deduzir que, como muitos na igreja são segunda ou terceira geração de filhos de membros da igreja (em outras palavras, crianças que cresceram na igreja), essa porcentagem seria menor por tais filhos terem sido criados num lar cristão, um ambiente que ensina a ética sexual bíblica, diminuindo assim a possibilidade de que eles sentissem atração homossexual. Aceitar esse argumento significaria ignorar as duas realidades a seguir: primeiro, em sua essência, a atração pelo mesmo sexo é menos um dilema moral do que o subproduto de um indivíduo que sofreu deficiências emocionais que não foram satisfeitas na infância. Isso pode ocorrer tanto em um lar cristão quanto em um lar não-cristão. Em segundo lugar, nem sempre há uma razão específica quanto ao porquê de alguém se sentir homossexualmente atraído.

Embora seja verdade que mais de uma centena de anos de pesquisa têm mostrado que o denominador comum para a atração pelo mesmo sexo (masculino ou feminino) seja impulsionado por trauma sexual e/ou déficits emocionais e relacionais vividos na adolescência, há crianças atraídas pelo mesmo sexo que cresceram em lares cristãos seguros, amorosos e bem ajustados e que simplesmente não passaram pelo padrão normalmente atribuído a essa característica. Portanto, é seguro dizer que, em média, 3% a 4% dos homens e mulheres na sua congregação provavelmente sentem atração homossexual. Faça a matemática de sua própria igreja.

Sei que isso intimida

Já tendo a humilde compreensão de que todos nós somos uma mistura de glórias e tragédias, como os cristãos podem, de modo prático, ajudar esse pequeno, porém significativo e necessário estrato demográfico em nossas igrejas? É verdade que nossos irmãos e irmãs precisam do benefício da atenção concentrada, encorajamento e apoio. Muitos têm deixado a igreja por sentirem que não podem ser verdadeiramente autênticos, abertos e transparentes com suas vidas pelo mesmo medo de serem rejeitados. Aqueles que permanecem fiéis muitas vezes o fazem silenciosamente pelo mesmo medo de rejeição. Se esses medos são genuínos ou apenas percebidos, como foi no meu caso, não importa. O que quero dizer é que o que está em jogo é muito importante, e entender o que funciona e o que não funciona quando oferecemos apoio é fundamental para o sucesso em ajudar esses homens e mulheres a prosseguirem com suas vidas cristãs. Por isso, fico feliz por você ler este livro e parabenizo as equipes de liderança das igrejas locais que estão ansiosas por aprender sobre essa questão tão complicada.

Reconheço e aprecio plenamente todos os anos de cuidado pastoral que nossos presbíteros e líderes de igreja fielmente ofereceram aos cristãos. Como evangelista, sei como é ter que ser o faz-tudo em uma igreja, a pessoa de quem de alguma forma se espera saber todas as respostas para todos os problemas que surgem no caminho. Parece que por estar no ministério em tempo integral, espera-se que os líderes sejam peritos em todos os tópicos possíveis e imagináveis, o que obviamente é impossível. Sei também que muitos se sentem intimidados quando se trata de ajudar alguém que vem de um passado homossexual. Entendo que o tema é confuso e complicado de se discutir, e também complexo. Por isso, ofereço este capítulo sobre o que cada cristão pode fazer e que tipo de atitude devem empregar na tentativa de auxiliar os discípulos que convivem com atração homossexual indesejada.

O afeto genuíno move o coração

É incrível como o afeto genuíno move o coração. Para chegar lá, porém, tenho que lhe contar uma história real, pois ela ilustra tão bem a primeira e mais importante característica que todo cristão que deseja ajudar os outros deve ter. Para aqueles que não são do Canadá, preciso explicar um pouco

sobre a nossa cultura. Como nosso país passa a maior parte do ano debaixo de um manto de gelo e neve, nada mais lógico que o hóquei no gelo seja o esporte mais popular aqui. O atleta profissional mais renomado do esporte é um canadense chamado Wayne Gretzky. Ele foi, sem dúvida, o maior jogador que já calçou um par de patins. Durante seus 19 anos de carreira profissional, ele quebrou 61 recordes, foi eleito o jogador mais valioso da liga de hóquei nacional dez vezes e levou sua equipe a vencer a Copa Stanley (o prêmio mais cobiçado do hóquei) quatro vezes. Recentemente, ele também foi eleito um dos "dez canadenses mais importantes de todos os tempos"⁶. Por maior que seja Wayne Gretzky (seu apelido na verdade é "o Grande"), minha história não é sobre ele, mas sim sobre o pai dele, Walter.

Walter se tornou um nome conhecido em todo o Canadá, por causa da história de como ele se tornou conhecido por passar sua paixão pelo hóquei a seu filho, Wayne. Ele ensinou o menino a pensar estrategicamente vários passos à frente de todos os outros na pista, dando ao filho as ferramentas que ele usou para se tornar o maior jogador de todos os tempos. Ele é conhecido como "Pai do hóquei do Canadá". Em 1991, Walter sofreu um aneurisma cerebral que quase o matou. Embora tenha sobrevivido, o aneurisma resultou em um permanente lapso de 20 anos em sua memória da década de 1970 até a década de 1990, o período de tempo que ele tinha testemunhado seu filho ganhar todos os campeonatos e quebrar os 61 recordes. Contudo, depois de anos de fisioterapia intensa, o mais famoso pai do hóquei não somente se recuperou, mas se levantou como um dos maiores embaixadores para numerosas instituições de caridade da América do Norte. Walter Gretzky primeiro tornou-se conhecido por ser pai de Wayne, mas é seu coração afetuoso e zeloso para com aqueles menos privilegiados e marginalizados que fizeram dele um palestrante tão popular.

Há muitos anos, quando eu morava em Halifax, na Nova Scotia, Walter Gretzky veio à cidade arrecadar dinheiro para o Exército da Salvação. Um grande amigo meu, Ron, cujo filho jogou no mesmo time de hóquei que meu filho, trabalhou no setor de relações públicas do Exército da Salvação e organizou a arrecadação de fundos para o evento. Centenas ficaram na fila para ter a oportunidade de conhecer Walter. Ficou óbvio que deveria ter sido programado muito mais tempo para aquele evento, pois Walter estava muito interessado em dar um autógrafo e também conversar com cada um. Sua personalidade gentil e carinhosa ficou evidente, em especial para os moradores que se sustentavam por meio do Exército da Salvação.

Talvez o maior entusiasmo de Walter foi quando ele tirou uma foto com um dos recém-diplomados do programa 12 passos contra o vício. "Nossa! Isso é fantástico! Muito bem!", ele exclamou, com sua exuberância típica, fazendo com que todos achassem que aquela realização fosse tão importante quanto um gol de vitória nas finais da Copa Stanley.⁷

Enquanto estava em Halifax, o Sr. Gretzky se recusou a ficar num hotel, preferindo em vez disso ficar com o Ron, sua esposa e seus filhos. Ele causou um impacto tão incrível naquela família que quando chegou a hora de levar Walter para o aeroporto, o filho de Ron teve uma crise de choro e não queria vê-lo partir. O que o menino explicou foi: "Pai, não é por quem ele é, é como ele é".⁸ É incrível como a bondade, o afeto e o carinho genuínos sensibilizam e tocam tantas pessoas, não é?

Por quem nos sentimos atraídos

Acho que Jesus era assim. Jesus conversou com o leproso e o tocou, e esse leproso, provavelmente, não sentia o toque da mão de outra pessoa há muitos anos. Para o leproso, não importava quem era Jesus, mas como era Jesus. À mulher apanhada no ato de adultério, que precisava desesperadamente de alguém com compaixão para tomar a iniciativa e livrá-la de um grupo de hipócritas moralistas que estavam ansiosos para matar alguém naquele dia, não importava quem era Jesus, mas como Jesus era. E o que dizer sobre a mulher que, para derramar perfume nos pés do Mestre, enfrentou os olhares de desdém e desprezo das pessoas "respeitáveis" que se reuniram no pátio de

Simão, o fariseu, e ouviam Jesus ensinar?

Antes que ela conseguisse abrir o frasco, lágrimas de gratidão desciam pelo seu rosto e caíam nos pés de Jesus. Simão se perguntava como Jesus poderia deixar aquela mulher pecadora tocá-lo e fazer aquelas coisas. O fariseu via a mulher como um "objeto" nojento e detestável por causa de seus pecados obscenos. Jesus, porém, via uma mulher que ansiava ser liberta de seu passado, que desejava ser perdoada, que tinha sido maltratada por um mundo cruel e brutal e que estava sendo tratada com igual crueldade pelos religiosos. E enquanto essa mulher permanece sem nome e sem mais nenhum detalhe sobre sua vida, ela permanece como um testemunho do que significa ser atraído por Jesus, não só por causa de *quem* ele é, mas por *como* ele é.

Desde o início de minha adolescência até hoje, tenho recebido influência de vários ministros, evangelistas, presbíteros, diáconos e muitos outros líderes, todos com diferentes níveis de responsabilidade e títulos. Todos eles se esforçaram muito, e sou grato pelo impacto que tiveram na minha vida. Porém, há muito poucos a quem eu estaria disposto a entregar meu coração, com quem eu estivesse disposto a ser aberto e transparente no que diz respeito ao meu passado homossexual e minha atração pelo mesmo sexo, a quem eu permitisse conhecer o meu eu verdadeiro. Esses poucos não me impressionaram com sua incrível habilidade de oratória, prestígio, nível de instrução ou quaisquer outras credenciais ministeriais. Pelo contrário, senti-me próximo desses homens porque eles eram amáveis, compassivos e sensíveis e por não se acharem pessoas tão importantes. Eles estavam ansiosos para amar e me aceitar mesmo na minha pior fase. Senti proximidade deles não por causa de quem eles eram, mas por causa de como eles eram.

Uma das prioridades do *Ministério Força na Fraqueza* é incentivar irmãos e irmãs que sentem atração pelo mesmo sexo a serem abertos e transparentes com um ou dois indivíduos espiritualmente maduros e de confiança em sua igreja local. Não tenho como expressar o quanto relacionamentos desse tipo têm sido transformadores para mim. Ser amado, ter credibilidade e ser apoiado pelos irmãos que são meus amigos (mesmo eles sabendo quem eu era e quem eu sou) nada mais é do que um presente de Deus!

Quando o isolamento é considerado a melhor opção

Contudo, ousar dizer que represento uma minoria de cristãos atraídos pelo mesmo sexo ao redor do mundo que desenvolve e utiliza relacionamentos em que você pode se abrir. Para muitos em nossas congregações ao redor do mundo, possivelmente há consequências graves quando se trata de transparência devido à forma como diferentes culturas e leis locais lidam com a homossexualidade. Para os cristãos que vêm da África, do Oriente Médio e de outras culturas predominantemente muçulmanas, você pode ser preso ou mesmo executado por se envolver com o homossexualismo. O isolamento muitas vezes parece, de longe, ser a melhor opção em comparação com a transparência e a confissão.

Em 2011, a Associação Internacional dos Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais fez um estudo abrangente sobre as leis mundiais com relação à homossexualidade e a pesquisa mostrou que 76 países ainda perseguem e levam para o tribunal pessoas com base em sua orientação sexual e sete ainda punem atos homossexuais com a morte. Líderes de igreja, presbíteros e responsáveis por oferecer o cuidado pastoral nesses países precisam, em especial, ser capazes de diferenciar o que o mundo chama de ilegal e trata com crueldade, mas que simplesmente faz parte da decaída condição humana (atração pelo mesmo sexo) e do que a Bíblia chama de pecado (homossexualidade). Depois então, eles têm de agir com extrema cautela e confidencialidade, reconhecendo os possíveis perigos que virão caso outra pessoa descubra que há cristãos com atração homossexual dentro de sua igreja.

Para o discípulo que reside em países ocidentais civilizados onde a homossexualidade não é ilegal (Europa Ocidental, Américas e Oceania), ser transparente sobre sua luta homossexual pode

também ser um evento angustiante. Muitos já passaram a maior parte de sua vida adulta sofrendo com o ônus de piadas cruéis, sendo submetidos a linguagem obscena e xingados de nomes depreciativos. Alguns foram completamente rejeitados por seus pais, amigos e outros entes queridos. Outros ainda enfrentaram perseguição física e receberam estereótipos injustos e frequentemente foram considerados como pessoas inferiores.

Lembro-me muito bem da confusão interior que sofri na tentativa de criar coragem para dizer a meu pastor que eu era "gay". Aquilo foi absolutamente assustador. Uma coisa era ser rejeitado e ridicularizado por um mundo que a todos julga, mas o medo de que eu pudesse ser hostilizado por meus irmãos e irmãs era grande demais para suportar. Eu tinha certeza de que alguns na igreja se afastariam de mim, rejeitariam minha amizade e fariam suposições injustas sobre minha vida e caráter, e que eu poderia até ser convidado a sair da igreja por causa disso. Era um medo que não se limitava ao início de minha jornada cristã, mas que infelizmente englobou os primeiros 19 anos de minha experiência cristã. Na verdade, até hoje, após falar tão ampla e publicamente sobre minha atração homossexual, ainda sofro tremenda ansiedade e insegurança antes de subir ao púlpito das igrejas onde sou convidado a falar, sabendo que estou prestes a confessar a centenas ou milhares de pessoas que sou um discípulo que sente atração homossexual.

Para crédito da igreja, vi que meus medos foram em grande parte infundados e baseados muito mais nas minhas dúvidas e inseguranças do que na realidade. Sinceramente, senti o amor, a aceitação e a compaixão que eu tanto ansiava na igreja. Houve algumas exceções, é claro, mas de modo geral na vida de Guy Hammond, a noiva de Cristo mostrou ser o que Jesus pretendia que ela fosse. Tendo dito isso, construir confiança é crucial para ajudar os cristãos que sentem atração homossexual.

Não é diferente de uma relação médico-paciente

Meu pai passou a maior parte de sua vida muito doente. Embora muitas memórias difíceis inundem a minha mente com tudo o que ele sofreu, para mim uma noite em particular se destaca. Naquela noite, o latejar entre as têmporas do meu pai estava tão forte, que ele simplesmente não tinha forças para subir a escada e chegar até seu quarto, que ficava no andar de cima. Em vez disso, ele teve de sair da sua cadeira reclinável e rastejar lentamente até o meio do chão da sala, onde teve um colapso. Eu já tinha desligado a maior parte das luzes da casa, como meu pai tinha me instruído a fazer, pois até mesmo o menor feixe de iluminação era como uma bala que passava através de seus olhos. Ele sofria de enxaqueca – não do tipo que passa tomando algum remédio que você compra sem receita na prateleira da farmácia. Mesmo os remédios mais potentes como Percodan, 222, injeções de morfina e até combinações diferentes de narcóticos e barbitúricos faziam pouco efeito.

As visitas constantes às emergências de hospital (literalmente quase semanais ao longo dos anos), acupuntura, massagem terapêutica e todas as outras coisas que foram prescritas e tentadas se mostraram ineficazes com o tempo. Na verdade, literalmente não me recordo de um dia (até onde minha mente me permite lembrar) em que meu pai não sentisse o latejar angustiante que começava logo acima do olho esquerdo, se espalhava pelas suas têmporas até o topo do sua cabeça e depois caía para a base do crânio. Embora a dor fosse praticamente contínua, na maioria dos dias meu pai tinha o vigor necessário para cumprir suas responsabilidades do dia a dia. Mas isso não aconteceu naquela noite. A possibilidade de alívio parecia inexistente e impossível. Não valia a pena chamar a ambulância, como já tinha feito em outras noites quando eu estava sozinho com meu pai. Como era criança, sentia-me completamente impotente para ajudá-lo. Não havia absolutamente nada que um médico pudesse dar a ele para trazer alívio. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ele me pediu para pegar a Bíblia. Eu tinha 12 anos na época, talvez 13. Quando voltei, meu pai me fez sentar ao lado dele no chão e ler repetidamente as únicas palavras reconfortantes que trariam consolo: o Salmo 23. *Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam* (ARC). Nunca vou me esquecer daquela noite. Aquela noite e tantas outras queimam em minha

memória, como quando ele estava pregando e, às vezes, no meio do sermão tinha que interromper e se desculpar, descendo do púlpito, e depois pedir ao líder de louvor para liderar a congregação em alguns hinos enquanto ele ficava deitado no banco da frente, tentando recuperar a força para continuar. Ou todas as horas (centenas delas tenho certeza), sentado na sala de espera de emergência até às primeiras horas da manhã quando lhe aplicavam outra injeção para a dor.

Quando é necessário tratar bem um doente

É engraçado como certas coisas se destacam para mim todos esses anos depois, como por exemplo, médicos e enfermeiras que foram atenciosos, amáveis e mostraram empatia, profissionais que tinham um incrível "tato" para lidar com doentes. Mas também havia uns poucos que teriam colocado o Dr. House no chinelo. (Você deve saber de quem estou falando se já assistiu a série de televisão americana *House*, em que um médico mal-humorado faz de tudo que está ao seu alcance para mostrar que "compaixão no cuidado médico" seria um paradoxo). Nunca vou me esquecer desses indivíduos por causa da frieza, indiferença e insensibilidade que eles tinham ao administrar sua "assistência". Pessoalmente, nunca estive doente o suficiente para precisar de ajuda assim e oro para que nunca esteja, mas eu conseguia perceber como as atitudes completamente insensíveis que alguns exibiam magoavam meu pai, fazendo com que ele logo se arrependesse de ter vindo buscar auxílio. De alguma forma, valia mais a pena até suportar a fortíssima dor que meu pai sentia, só para não ter que passar pela indignidade nas mãos daqueles "cuidadores", que não se importavam com ele. Muitos nem mesmo perguntavam qual era o grau de intensidade da dor que ele sentia.

Mesmo não sendo médico, enfermeiro, nem qualquer tipo de profissional da área da saúde, posso imaginar como esse trabalho deve ser difícil. Tenho certeza que passar o dia inteiro ajudando pessoas que estão sofrendo pode ser exaustivo para alguns. Às vezes, especialmente depois de um longo plantão, deve chegar um momento em que é difícil continuar sentindo a dor dos outros, de tal forma a continuar sendo empático em cada interação. Mas para a pessoa que está doente e se sentindo sozinha, assustada, vulnerável e insegura sobre o que vai acontecer a seguir, as boas maneiras do profissional de saúde assistente se fazem necessárias, pois confortam e encorajam. Quando os profissionais são sensíveis quanto ao que o paciente está sentindo, o tom de voz, a linguagem corporal e a presença tranquilizadora podem deixar o doente à vontade e fazer com que saiba que eles estão lá para ajudar. Alguém com má postura profissional acaba deixando o paciente preocupado, apreensivo e ansioso.

Jesus, que obviamente foi o maior dos médicos, tinha um jeito incrível de lidar com doentes. Ele sempre foi sensível, envolvido e consciente das doenças que as pessoas tinham. Ele também estava ciente do quanto as pessoas se sentiam vulneráveis, assustadas e inseguras. Uma das histórias mais comoventes e tocantes em toda a Escritura nos oferece um exemplo da maneira incomparável com que Jesus lidava com os doentes. Em Marcos 7:31-35, enquanto Jesus andava por uma cidade, apresentaram-lhe um homem que era surdo e mudo. Leia essa história e veja o maravilhoso exemplo de Jesus sobre como tratar as pessoas que estão em desespero:

A seguir Jesus saiu dos arredores de Tiro e atravessou Sidom, até o mar da Galileia e a região de Decápolis. Ali algumas pessoas lhe trouxeram um homem que era surdo e mal podia falar, suplicando que lhe impusesse as mãos. Depois de levá-lo à parte, longe da multidão, Jesus colocou os dedos nos ouvidos dele. Em seguida, cuspiu e tocou na língua do homem. Então voltou os olhos para o céu e, com um profundo suspiro, disse-lhe: "Efatá!", que significa "abra-se!" Com isso, os ouvidos do homem se abriram, sua língua ficou livre e ele começou a falar corretamente. (Grifo nosso)

Como nunca sofri dessa enfermidade física, fiz uma pequena pesquisa sobre como é ser surdo. Encontrei uma carta escrita por Ludwig van Beethoven para seu irmão Carl, escrita em outubro de 1808,

onde ele derrama seu coração em diferentes níveis da dor emocional que ele sofria por estar incapaz de ouvir. Ele usou palavras como "solidão", "mal", "intranquilo na companhia de outros", "completamente sozinho", "um marginal", "medo", "estranhamento", "desconfiado", "envergonhado" e "confuso"⁹. Estes são apenas alguns dos sentimentos com que uma pessoa surda convive. Então, o que dizer sobre a maneira de Jesus lidar com aquele homem?

O Senhor fez uma coisa muito bonita. Levou o homem pela mão até um local onde ficou sozinho com ele e o curou de modo privado. Sem multidões, sem caos, sem exibição. Ali estava um homem que tinha vivido uma vida de incompreensão, que não conseguia relaxar na companhia de outros, que se sentia completamente sozinho, marginal, estranho, desconfiado, envergonhado e confuso. Jesus, com seu jeito amoroso, sabia disso e a fim de não transformar aquela cura em um tipo de espetáculo grandioso, onde os sentimentos de insegurança só aumentariam, levou-o de lado para ficar sozinho com ele e tratou-o de modo privado. Para Jesus, aquele pobre homem não era um show, mas alguém que tinha sentimentos e emoções e que precisava ser tratado com respeito e também sensibilidade.¹⁰ Jesus queria acalmar os medos do enfermo e mostrar que estava lá para ajudar e não para magoar.

Então, ainda com zelo, Jesus colocou seus dedos nos ouvidos do homem, cuspiu e tocou a língua dele. O mundo antigo tinha uma curiosa crença no poder curativo da saliva.¹¹ Jesus, é claro, sabia que a saliva não tinha propriedades curativas, mas como o surdo acreditava naquilo, o Senhor, de modo gentil e atencioso, administrou uma antiga forma de cura para que o homem soubesse que Jesus estava ali para curar e não para magoar. Repetidas vezes nas Escrituras, Jesus mostrou a capacidade de ser atencioso e compreensivo com as fragilidades e vulnerabilidades da psique humana e da alma.

Quando Jesus encontrou um leproso implorando por cura, ele não só o curou, mas em primeiro lugar, numa amistosa demonstração de afeto humano, estendeu a mão e tocou o homem. Provavelmente, aquele leproso não tinha sentido o toque da mão de outra pessoa há muitos anos, mas Jesus tinha uma maneira maravilhosa de lidar com doentes. O que isso tem a ver com ajudar os homossexuais ou os cristãos que sentem atração pelo mesmo sexo? Tudo.

Leptosos entre nós

Uma organização religiosa sem fins lucrativos da Inglaterra, dedicada a se posicionar contra o ativismo gay em toda a Grã-Bretanha e Irlanda, organiza uma conferência anual chamada "Leptosos entre Nós". Deixando de lado todas as possíveis boas intenções, me pergunto: É possível que haja alguma coisa mais insensível que isso? Duvido, na minha humilde opinião. Esse não é o tipo de linguagem conciliadora necessária para alcançar a comunidade lésbica, gay, bissexual, e transgênero (LGBT) e incentivar um diálogo proveitoso.

O título dessa conferência trouxe uma condenação generalizada por parte dos meios de comunicação em toda a Europa. Além da falta de tato, o nome da conferência tocou numa ferida aberta na comunidade gay, principalmente porque muitos homens e mulheres homossexuais por vezes se sentem como se realmente fossem os leptosos de nossa geração. Assim como os leptosos de séculos atrás eram evitados, considerados impuros e forçados a viver em comunidades segregadas, os homossexuais também sofreram as feridas de muitas vezes serem evitados, considerados impuros e forçados a viver em comunidades socialmente segregadas. Assim como Jesus estava disposto a alcançar e tocar o leproso, indo de encontro a todas as normas culturais da época a fim de transmitir misericórdia, amor e compaixão, os discípulos de Jesus devem estar dispostos a fazer o mesmo com os homossexuais hoje. Em outras palavras, os cristãos não podem permitir que um mundo pecador diga à Igreja de Jesus como se deve tratar os outros.

É importante levar em conta como os indivíduos homossexualmente atraídos muitas vezes se sentem ao chegar à Igreja. Devemos pensar em como vamos agir com essas pessoas e que tipo de

tratamento iremos oferecer ao tentar ajudar. Em minha jornada pessoal, como homem que sente atração homossexual na igreja, posso dizer que independentemente das tremendas vitórias que experimentei em superar meu passado de pecado e aprender a ser bem-sucedido em viver como um cristão que ainda sofre atrações homoeróticas, vivi quase todos os dias me sentindo diferente de todos os outros e como sendo alguém à margem. Com certeza, muitas das inseguranças que senti foram criadas por mim mesmo e injustamente baseadas no que eu temia que aconteceria se os cristãos descobrissem meu pecado, diferente do que realmente ocorreu quando me tornei transparente com minha natureza pecadora. Mas, na verdade, ouvi alguns comentários bem ridículos e insensíveis emanarem da boca de cristãos bem-intencionados ao longo dos anos. As lições que tirei disso e que transmito livremente aos outros discípulos que sentem atração homossexual é que essas situações são oportunidades para oferecer a compaixão e o perdão a quem diz coisas tão dolorosas, entendendo que eles simplesmente não sabiam o que estavam fazendo. Como mencionei anteriormente, quando meu pai buscou ajuda médica e entrou em contato com um profissional muito insensível, valia mais a pena até suportar a fortíssima dor para poder ser poupado da indignidade de seus cuidadores.

Às vezes senti o mesmo. Se você conseguir manter isso em mente quando sair por aí oferecendo aconselhamento espiritual e amizade, a maneira com que você lida com o outro será muito importante. Vá em frente, sabendo que cristãos que sentem atração pelo mesmo sexo, assim como o surdo Beethoven, já passou grande parte de sua vida na solidão, sentindo-se incompreendido, abandonado, estranho, envergonhado e embaraçado.

Apresento a seguir seis coisas práticas que você pode fazer para ajudar o discípulo que sente atração pelo mesmo sexo:

1. Crie um ambiente propício para ser aberto e transparente

Quando estiver ajudando um amigo que sente atração pelo mesmo sexo, lembre-se de que ele vai confessar pecados e tentações que você pessoalmente nunca experimentou nem mesmo considerou, coisas que você pode pessoalmente considerar repugnantes. Sem dúvida, Jesus sentia repulsa pelos pecados dos outros também, mas ele nunca permitiu isso influenciar o modo como ele tratava uma pessoa. O indivíduo que você está ajudando precisa saber que pode confessar e discutir abertamente qualquer coisa com você, sem que haja afastamento ou rejeição. Na verdade, nunca haverá um momento em que ele precise mais sentir o seu amor e aceitação do que quando expõe o coração. Ele somente se sentirá à vontade para voltar até você se realmente acreditar que você o ama incondicionalmente e que você oferecerá um lugar seguro para conversar livre e abertamente.

O amor incondicional de Jesus chamou as pessoas a abrirem caminho na multidão para chegar a ele, porque sabiam que, com ele, elas não seriam julgadas nem condenadas (João 8:10). Em Jesus encontramos segurança e proteção, não julgamento e condenação. O próprio Jesus não veio julgar o mundo, mas salvá-lo. Tudo o que Jesus esperava era o arrependimento. Que seja essa nossa atitude também.

2. Mantenha confidencialidade

Se eu desconfiasse que as pessoas com quem eu estava sendo transparente estivessem fofocando ou passando informações particulares por mim confessadas, o relacionamento terminaria imediatamente. Você simplesmente deve ser um confidente seguro e confiável. Se você sente que precisa de assistência e gostaria de trazer mais alguém, você deve perguntar ou comunicar primeiro a pessoa que você está ajudando. Se, em sua opinião, seu amigo está fazendo algo que está machucando a si ou a outra pessoa, ou depois de algum tempo você nota que não há arrependimento, procure então uma pessoa espiritualmente madura para buscar ajuda. Mas, mesmo assim, não o faça sem informar primeiro a seu amigo que você está fazendo isso. Em minha opinião, isso deve ser feito absolutamente

como um último recurso.

3. Tenha a convicção de que a homossexualidade não é o pior de todos os pecados

Apesar de muitas vezes ter sido tratada como tal por muitos cristãos, a Bíblia não destaca a homossexualidade como um “pecado especial”, que Deus odeia mais do que qualquer outro. Embora estar ativamente envolvido na homossexualidade seja claramente pecado, para Deus não é mais maligno do que roubar, ser ganancioso, mentir ou cometer qualquer tipo de pecado sexual por heterossexuais (1 Coríntios 6:9-11). Todos nós precisamos ter uma compreensão de que todos os cristãos têm suas próprias dificuldades individuais, uma natureza pecadora e tentações a lidar. Muitos discípulos (independentemente da orientação sexual) mostram suas diferentes áreas problemáticas por meio de disfunção sexual. Problemas relacionados a sexo não são de modo algum exclusivos do homossexual ou daquele que sente atração pelo mesmo sexo (ver 1 Coríntios 5:9-13, 6:9-20; Mateus 5:27-28).

4. Sentir-se atraído pelo mesmo sexo não é uma escolha

Não é meu desejo aprofundar a causa da homossexualidade agora, já que vamos abordar se há ou não há uma causa genética para a homossexualidade no capítulo “Respondendo às perguntas mais frequentes sobre a homossexualidade”. Toco nesse assunto também no capítulo “Ajuda prática para pais e mães”. Agora vou apenas pedir que acredite em mim, um cristão que há muitos anos sente atração pelo mesmo sexo: nunca conscientemente escolhi isso, nem conheci ninguém que tivesse escolhido. Com toda a vergonha, embaraço, isolamento e rejeição que muitas vezes envolvem aqueles que convivem com isso diariamente, que pessoa em sã consciência escolheria a homossexualidade se tivesse opção? Tornei-me consciente de meus sentimentos homossexuais quando atingi a puberdade, assim como outros se tornaram conscientes de seus sentimentos heterossexuais quando chegaram à puberdade. Não foi uma escolha consciente; apenas aconteceu. Então não presuma que a homossexualidade é uma preferência sexual escolhida conscientemente.

Sendo assim, deixe-me sugerir que, ao se comunicar com um discípulo que sente atração homossexual ou mesmo com os pais de filhos que sentem atração homossexual, que as palavras de correção e assistência sejam dadas com humildade, mansidão e prudência. Por favor, não pense que isso é algo que alguém pode mudar se fizer um esforço. A homossexualidade é o resultado de uma combinação de múltiplos fatores e influências. Seria errado alguém sugerir que a homossexualidade pode ser ligada ou desligada quando a pessoa quer. Por favor, também não prometa que a cura é possível caso alguém tenha mais fé, ore mais ou simplesmente se arrependa. Embora eu creia que Deus é capaz de intervir na vida de uma pessoa e alterar uma indesejada atração homossexual, ele muitas vezes não o faz. E tudo bem, pois ter uma orientação heterossexual não é um pré-requisito para a salvação.

Entendo que essas questões são confusas, mas não desanime; sempre que alguém tentava me ajudar, eu nunca esperava que ele tivesse todas as respostas. Eu só precisava confiar naquela pessoa e saber que se importava comigo. Ajude outros a se alegrarem na liberdade que têm todos os dias; eles já não têm de ser escravos de suas emoções e tentações; eles têm a liberdade de escolher outro caminho para suas vidas por seguirem Jesus. Ajude-os em sua caminhada diária para ter autocontrole, orar e serem obedientes ao Senhor, independentemente do que suas emoções, hormônios e sentimentos lhes dizem. Ajude-os a saber que o valor e o mérito que eles têm para Deus, para a Igreja e para você como amigo não se baseiam no tipo de atração sexual que sentem. Ajude-os a viverem vidas santas.

5. Tenha expectativas realistas

O cristão que sente atração homossexual que você está tentando ajudar é simplesmente uma pessoa como você. Ele tem seus dias bons e seus dias ruins. Haverá momentos em que ele estará forte na fé; outros momentos em que estará fraco. Haverá tempos em que ele vai pecar em seu coração e mentes ao ceder aos velhos padrões de pensamento e fantasias homossexuais. Alguns vão até agir

fisicamente de modo homossexual, o que depois trará necessidade de aconselhamento espiritual e orientação para arrependimento. Lembre-se de que, embora Jesus tenha lavado seus pecados, a atração pelo mesmo sexo e a luta para viver com retidão neste mundo corrompido e decaído permanecem. Não há problema nisso, pois o objetivo de Jesus para seu amigo não é que ele viva uma existência livre de problemas e de tentação, mas sim que tenha um relacionamento com Deus.

6. Ensine-os como deve ser uma amizade saudável com pessoas do mesmo sexo

Homens e mulheres que vêm de um passado homossexual e que convivem com atração indesejada pelo mesmo gênero, quando começam a fazer parte da igreja muitas vezes não sabem como construir e sustentar uma amizade saudável e não-sexual com outras pessoas do mesmo sexo. Falando como um homem que tem essa luta, posso dizer que achei difícil encontrar aceitação ou saber como me relacionar com pessoas do gênero masculino. Especialmente nos primeiros anos na igreja, muitas vezes sentia-me isolado e inseguro perto de outros homens, sentindo como se eu não fosse bom o suficiente quando comparado a eles. Quando me tornei um discípulo, não sabia como construir uma amizade forte, saudável, pura e espiritual com outros homens.

O mundo dos homens era diferente. A maneira como eles falavam e se relacionavam entre si e como eles se comunicavam tanto verbal quanto fisicamente um com o outro era muito estranho para mim. Ao longo dos anos, tentei me encaixar e me identificar, mas mesmo depois de todo esse tempo, confesso que ainda acho estranho. O que mais me ajudou, no entanto, foram os homens espirituais que me acolheram e me incluíram em suas atividades, tratando-me como um homem comum, permitindo-me aprender com eles e vê-los interagir com seus amigos e colegas. Isso me ajudou tremendamente na aprendizagem de como me encaixar e construir relacionamentos espirituais com outros homens.

Se você pegar esse coração que descrevo neste capítulo, sendo alguém sensível e cuidadoso como Cristo foi, você terá muito êxito em ajudar esses homens e mulheres maravilhosos. O objetivo é oferecer um ambiente seguro, amoroso e protetor para esses filhos de Deus; não um lugar de condenação. Oro para que você seja como nosso Salvador: alguém capaz de olhar além da aparência exterior e ver as pessoas que estão ansiosas por serem libertas do passado, à medida que vocês crescem no relacionamento um com o outro. Só então, eles ficarão mais impressionados com *como* você é do que com *quem* você é.

Referências:

1. Sy Rogers, *Lessons Learned: Insights for Redeeming the Sexual Generation*, two CDs (Fort Lauderdale, FL: Worthy Creations, 2003).
2. Joe Dallas, *The Game Plan: The Men's 30-Day Strategy for Attaining Sexual Integrity* (Nashville, TN: Thomas Nelson Inc., 2005).

Notas do Capítulo 3

1. Alfred C. Kinsey and Wardel B. Pomeroy, *Sexual Behavior in the Human Male* (Philadelphia, PA: Saunders, 1948).
2. Para um estudo mais aprofundado sobre esse assunto: Judith A. Reisman e Edward W. Eichel, Kinsey, *Sex and Fraud: The Indoctrination of a People* (Lafayette, LA: Huntington House, 1990).
3. Stanton L. Jones e Mark A. Yarhouse, *Homosexuality: The Use of Scientific Research in the Church's Moral Debate* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), 36–37.
4. Gary Gates do Instituto Williams sobre políticas de direito público e orientação Sexual da Escola de Direito de UCLA, entrevista com Ramone Johnson, 2008, <http://www.gaylife.about.com>.
5. Gary J. Gates, "How Many People Are Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender?" Abril de 2011,

<http://williamsinstitute.law.ucla.edu/research/census-LGBT-demographics-studies/how-many-people-are-lesbian-gay-bisexual-and-transgender/>.

6. "The Greatest Canadian", 2004, http://www.cbc.ca/greatest/top_ten/.
7. Ron Zima, "Salvation Army Stories and Pictures from the Maritimes" May 21, 2008, maritimesonline.blogspot.com/.
8. Ibid.
9. Ludwig van Beethoven, "Immortal Glory", in *A Beethoven Reader*, ed. F. V. Grunfeld (New York, NY: Columbia Masterworks, 1972), 13.
10. William Barclay, *The Gospel of Mark*, 3rd ed. (Edinburgh, Scotland: St. Andrew Press, 1953), 182 – 83.
11. Ibid.

Capítulo 4

Ajudando mulheres que sentem atração homossexual

Pode ser muito libertador quando reconhecemos o fato de que não temos que estar no controle e mudar a nós mesmos; só precisamos admitir que sem Deus somos impotentes contra o diabo, aceitar nossa impotência, ter fome do Espírito Santo e deixar a força de Deus ser evidente em nossas fraquezas.

Autor desconhecido

Parte 1: Minha história

Meu nome é Morgan. Sou uma mulher cristã, fiel, casada, me aproximando dos trinta anos de idade e que viveu como lésbica assumida antes de entregar a vida a Cristo. Embora eu não aja de acordo com essas atrações desde a época de minha conversão, ainda me sinto atraída pelo mesmo sexo. O objetivo deste capítulo é ajudar você a *me entender* melhor. Não quis dizer isso de forma egocêntrica e egoísta. O que quero dizer com "me entender" é "entender uma mulher cristã que luta com a atração pelo mesmo sexo". Quero oferecer a você algumas das ferramentas necessárias para compreender e comunicar-se de modo eficaz com as mulheres com quem você interage na sua vida e ministério e que convivem com essa realidade.

Talvez você tenha uma irmã, mãe ou amiga chegada que sente atração pelo mesmo sexo; talvez você lidere um grupo de cristãs na sua igreja local e essa questão surja com frequência, mas você se sente desconfortável ou despreparada para aprofundar o tema. Talvez você ache que nunca conheceu pessoalmente uma mulher que convive com atração emocional e sexual por outras mulheres (embora duvido muito que isso seja verdadeiro). Não importa onde você esteja com relação a esse assunto: meu mais profundo desejo é que você possa extrair esperança das situações da vida real, passagens bíblicas úteis e conselhos dados neste capítulo. Isso ajudará seu coração a ser mais compreensivo e compassivo para com as mulheres que lutam com esse desafio, mas que apesar disso são totalmente capazes de viver de modo fiel e temente a Deus.

Ela não, de jeito nenhum!

Quando Guy Hammond se aproximou de mim e me pediu para escrever um capítulo para esta segunda edição de seu livro, imediatamente senti uma sensação de alívio. Este é um capítulo dedicado às mulheres que convivem com atração homossexual e àquelas que estão próximas o suficiente para sentir os seus efeitos. Em minha opinião, este é um assunto largamente desconhecido e não falado na igreja. Quantas mulheres você conhece que lutam contra atração pelo mesmo sexo? Provavelmente você está pensando na sua prima distante lésbica ou naquela amiga distante que tem jeito masculino, tem um corte de cabelo de homem, usa roupas largas e calça frouxa. Você nem desconfia que há mulheres com quem você interage todos os dias que lutam contra isso, mas que têm aparência "normal" de mulher. Sou uma delas. Se um dia você e eu tivermos a oportunidade de nos conhecermos pessoalmente, acho que sua primeira reação seria de choque. "Morgan? Ela? De jeito nenhum! Ela é tão envolvida na igreja e na equipe de louvor; ela fez parte do ministério dos universitários. Ela é casada com um homem bonito, usa vestido e maquiagem, até sapatos de salto alto! Ela 'parece' ser uma mulher tão 'normal'! Eu nunca imaginaria isso!".

O ponto do presente capítulo não é provar a minha feminilidade para você; mas, sinto ser necessário compartilhar meu testemunho com a esperança de que você possa refletir sobre a vida de uma cristã que sente atração homossexual.

Minha história

Sou do norte da Califórnia, mas não vou entediá-lo com os detalhes da casa em que eu morava ou com o nome da minha rua. É muito mais importante dizer que fui criada em uma família religiosa, frequentava uma escola particular luterana, tive pais amorosos e dois irmãos mais velhos responsáveis e motivados, os quais serviram de modelo na minha vida. Posso dizer com certeza que minha família não era disfuncional, nem que eu lutava conscientemente contra uma constante tentação. Acho que dizer isso é importante porque muitos não sabem que nem todas as pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo vêm de uma família desestruturada ou de um passado caótico.

Sentimentos sexuais em relação às mulheres entraram na minha vida com a idade vulnerável de 12 anos; no entanto, não as identifiquei até os quatorze anos de idade. Eu estava participando de um acampamento de basquete em uma faculdade local onde jogamos bola com e contra as conselheiras, que eram todas jogadoras da faculdade. Algumas dessas conselheiras estavam abertamente envolvidas em relações homossexuais. Embora elas nunca comunicassem sua orientação sexual ou estilo de vida de modo explícito para nós campistas, éramos perspicazes o suficiente para entender com base no que pegávamos de suas conversas.

Sendo aluna do ensino fundamental, gostei da atenção dada a mim por parte de uma determinada conselheira. Eu não era uma criança que implorava pela atenção dos outros. Recebia bastante atenção dos meus pais em casa, ainda mais por ser uma atleta de destaque; eu não sentia a necessidade de buscar atenção em outros lugares. É por isso que fui pega de surpresa quando senti a necessidade de começar a buscar a atenção da minha conselheira do acampamento de basquete. Você deve pensar que, por ser uma mulher de 23 anos, a conselheira deveria ter mantido uma relação mais apropriada comigo e não fazer sessões de *coaching* particulares, sentar comigo em todas as refeições e brincar de pique-pegas de maneira sedutora. Infelizmente, ela fez tudo isso. Minha curiosidade foi provocada, e comecei a ficar obcecada com a atenção que eu tinha recebido.

Esses sentimentos se desenvolveram ainda mais nos dois anos seguintes, mas eu os guardava inteiramente para mim. Tudo correu bem até chegar no ensino médio. Eu tinha um grupo de amigos muito legal e éramos aquelas adolescentes doidas para namorar os meninos; entretanto, sentia-me confusa, pois aqueles sentimentos de curiosidade sobre as mulheres ainda ficavam à espreita. Ao longo dos anos, o basquete se tornou o ponto focal da minha vida e meu sonho de ser uma jogadora federada ditava minhas decisões. Juntar-me a uma equipe de basquete foi meu passo seguinte.

De sentimentos para ações

Foi na tenra idade de 15 anos, na minha equipe, que meus desejos homossexuais tiveram a oportunidade de ser postos em prática. Estávamos a caminho de San Diego (curiosamente é a cidade onde moro hoje), e infelizmente, fui colocada para dividir o quarto com uma das treinadoras assistentes que tinha 21 anos e era lésbica ativa. Embora ela só tivesse me dado um pequeno vislumbre de atenção, aproveitei a oportunidade para dar vazão aos meus desejos. Não passou muito tempo após o torneio de San Diego para que ela e eu começássemos nossa complicada relação. Meu segundo e terceiro anos do ensino médio foram cheios de abuso emocional e psicológico, pois concordamos que manteríamos nossa relação em segredo. Sentia-me sozinha e isolada, sem ninguém para conversar. Estava dominada por insegurança, medo do ridículo e do julgamento. A relação se aprofundou tanto emocional quanto fisicamente. A diferença de idade juntamente com a autoridade dela como minha treinadora levaram a

uma doentia falta de limites e expectativas irreais, causando muito mal, pois ela exercia total controle sobre minhas emoções. No meu último ano do ensino médio, ela decidiu dar a nossa relação o título de "compromisso total". Acho que ela queria que eu sentisse aquela legitimidade. Minha perspectiva do nosso relacionamento era baseada nisso: era para ser inteiramente sexual (mesmo sem o título), parcialmente emocional e completamente secreta. Enquanto satisfazia meus desejos pecaminosos, eu estava vivendo uma completa mentira em casa, manipulando meus pais para pensarem que eu estava seguindo a Deus de modo sincero e me mantendo pura. Eles tinham a impressão de que a razão pela qual eu estava passando tanto tempo com a minha treinadora era porque ela era a mentora que me ajudaria a conseguir uma bolsa de estudos através do basquete.

Minha vida de mentiras

Portanto, foi essa a base para relacionamentos que construí antes de partir para a faculdade. Já deve ter ficado claro para qualquer um que esteja lendo este livro para onde esse caminho ia me levar. E não demorou muito tempo para que a minha vida entrasse numa espiral descendente. Em alguns meses na faculdade, eu já era uma mentirosa compulsiva, bebia muito e me envolvia em vários encontros sexuais tanto com homens quanto mulheres. Minha autoestima estava perto do zero e eu não tinha para onde fugir; ao mesmo tempo, procurava desesperadamente alguém que me amasse. Quem me dera dizer que naquele momento encontrei Deus, pois ele seria o único a preencher meu coração com amor verdadeiro. Infelizmente, aconteceu o oposto: acabei numa situação com uma mulher que rapidamente me manipulou em outra relação de controle. Em retrospecto, foi nesse momento que comecei minha vida de mentiras. Aquele pouco de verdade sobre quem eu era lentamente começou a se esvaír. Pequenos vislumbres do que eu pensava que fosse felicidade convenciam-me a continuar na relação; porém, muito de minhas emoções estavam enraizadas na confusão e no desespero.

A intervenção de Deus

Cheguei ao fundo do poço no final de uma série de eventos infelizes, incluindo mentir, enganar, ter a possibilidade de minha bolsa de estudos pelo basquete ser suspensa por tempo indeterminado, a dissolução da minha relação com os meus pais e um susto com uma DST. Foi neste poço onde finalmente cheguei ao fim da linha. Uma verdadeira intervenção de Deus me deu forças e coragem para terminar o relacionamento que estava envenenando minha vida. Foi então que comecei uma jornada lenta no caminho de volta para Deus através do arrependimento, confissão e cura.

Entrei para uma igreja, a Igreja de Cristo de San Diego, que me ajudou muito a restaurar meu relacionamento com o Senhor. Foi ali que aprendi meu valor aos olhos de Deus e que o que tinha acontecido comigo quando eu era menina não tinha sido minha culpa; aprendi o que significa ter um relacionamento saudável e não sexual com outras mulheres.

Parte 2:

Socorro! Sou uma mulher cristã que sente atração pelo mesmo sexo.

Deixe-me começar dizendo que não tenho todas as respostas para a infinidade de perguntas complexas sobre a homossexualidade; todavia, tenho o privilégio de ajudar a liderar um pequeno grupo de mulheres cristãs que convivem com atração homossexual. Quem melhor para perguntar, pedir opinião do que aquelas que estão passando pela mesma coisa que eu passo? Suas ideias são entretidas ao longo do restante deste capítulo e embora o nome delas não seja mostrado, elas foram corajosas o suficiente para compartilhar suas histórias e conselhos com você. Fiquei absolutamente admirada com a disposição que elas mostraram para oferecer orientação e aconselhamento a outras mulheres.

Quem me dera ter entendido antes

Olhando para trás na minha vida e para as situações em que já estive, gostaria de ter entendido na época que não foi minha culpa. Por tanto tempo batalhei com questões internas como: "por que

eu?", e "como isso aconteceu?" Depois comecei a culpar outras pessoas. Finalmente uma grande amiga minha estava me perguntando sobre minha história e comecei a contar a ela tudo o que tinha acontecido. Ela parou e disse: "Você sabe que tudo isso não foi culpa sua, certo?" Comecei a chorar copiosamente. Nunca havia considerado o fato de que eu não era culpada. E você também não é.

Dito isso, é preciso dizer que somos responsáveis pelas decisões ruins que tomamos em nossas vidas e pelas consequências que se seguem. Assim como Guy Hammond ressaltou várias vezes neste livro, há muitas influências que contribuem para o que nós somos atraídos. Por que sentimos atração pelo mesmo sexo? Ninguém pode dizer ao certo, mas disto sabemos com certeza: seria excessivamente simplista pensar que você sente atração pelo mesmo sexo por causa de alguma coisa que você fez ou deixou de fazer; nesse sentido, sentir atração pelo mesmo sexo não é culpa sua.

Para vocês que estão lendo isso, que conhecem pessoalmente os desafios de sentir atração pelo mesmo sexo, espero que através desta seção do capítulo, você encontre conforto e discernimento nos exemplos e passagens bíblicas citadas e nas histórias contadas. Você não está sozinha nessa luta! Para aquelas que sentem atração heterossexual, meu objetivo é oferecer um treinamento nas páginas a seguir que a ajudarão a ter uma maior compreensão dessa complexa realidade.

Estabelecendo limites claros

Por ter trabalhado com muitas mulheres ao longo de um ano e meio, observei algumas semelhanças em nossas lutas que podem ser verdadeiras no seu caso. Aqui estão alguns exemplos de minha vida e de algumas mulheres do nosso grupo de apoio:

1. Não definir limites emocionais saudáveis com as mulheres;
2. Entreter fantasias de como seria viver uma relação homossexual;
3. Sentir-se insegura de nossa feminilidade;
4. Medo do julgamento ao compartilhar nossa luta;
5. Ter dificuldade de encontrar ajuda de cristãs maduras nas nossas lutas diárias.

Quero tirar um momento para explorar uma dessas lutas em profundidade: como criar relacionamentos emocionais saudáveis com as mulheres. Sabemos que devemos ter amizades saudáveis, não-sexuais com outras mulheres, mas como fazer isso? Que limites devemos impor para termos êxito nisso?

Sendo mulheres, somos geralmente mais emocionais do que os homens. Deus nos criou assim! Devemos nos alegrar com essas emoções. Contudo, as emoções numa mulher foram criadas para equilibrar a lógica do cérebro do homem. Portanto, quando você coloca duas mulheres juntas, as emoções podem ficar bem complicadas.

Como sou uma mulher cristã que sente atração pelo mesmo sexo, eu a encorajo a examinar os relacionamentos em sua vida para ver se os limites físicos e emocionais com outras mulheres são saudáveis ou nocivos. Como mulheres que lutam com atração homossexual, nossa tendência é fecharmos nossos corações com medo de ultrapassar o limite com nossas amigas. Mas isso significa que podemos nos tornar invulneráveis e frias, e isso, depois de um tempo, pode nos tornar tão carentes de conexão que exageramos e acabamos ultrapassando os limites físicos ou emocionais de outras mulheres. Depois nos sentimos culpadas por ultrapassar esses limites, então retrocedemos e nos fechamos, invulneráveis e frias mais uma vez; o ciclo é perpétuo. Vamos explorar os dois extremos desse pêndulo.

Você pode estar pensando, "o que há de errado com ser muito fechada, invulnerável e fria?" Algumas coisas podem acontecer quando estabelecemos esse tipo de limite nocivo:

1. Não confessamos os nossos pecados. A confissão contínua é vital para a nossa saúde

cristã. A confissão habitual permite colocar para fora todo o lixo acumulado em nossos corações. Esse ato nos permite também a oportunidade de aceitar o perdão de Deus. Mais importante, Jesus nos chama a fazer isso, como está claro em 1 João 1:9: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça”.

2. Não construímos relacionamentos saudáveis. Nos isolamos e criamos uma divisão entre nós e aqueles ao nosso redor. A Bíblia fala da importância da amizade em Eclesiastes 4:12: “Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se. Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade”.
3. Tornamo-nos solitárias. A solidão é uma das ferramentas favoritas de Satanás. Ele quer nos fazer sentir que não há ninguém com quem conversar e que ninguém se importa. Ele nos alimenta com mentiras que nos dizem que não somos dignas de tomar o tempo de ninguém e não há ninguém que nos entenda.
4. Vamos para o extremo oposto não menos prejudicial do relacionamento, permitindo a nós mesmas ultrapassar os limites emocionais das mulheres que estão em nossas vidas.
5. Ficamos muitas vezes frustradas pela falta de compromisso de nossas amigas ou mulheres que são nossas mentoras.
6. Podemos ficar magoadas quando outras mulheres não têm tempo para nos conhecer em um nível mais profundo e emocional.
7. Podemos nos focalizar em uma determinada mulher com quem queremos passar tempo, em detrimento de construir outros relacionamentos.

Considere com cuidado se você vê qualquer uma dessas situações em sua vida, pois elas podem ser indicadores de uma busca por segurança e conexão emocional em lugares errados. Enquanto você tira um tempo para avaliar onde estão seus limites, quero oferecer algumas práticas na criação de limites saudáveis:

1. Vá primeiro para Deus: leve a ele coisas boas e coisas ruins. Ele deve ser sempre nosso primeiro ponto de contato. Muitas vezes, mulheres que sentem atração pelo mesmo sexo caem no hábito de buscar primeiro outras mulheres para obter ajuda, orientação e conforto. Nossa paz, força e segurança devem vir de Deus, somente de Deus. Ele quer se alegrar quando você se alegrar e chorar quando você se lamenta. Acima de tudo, ele quer levar o seu fardo (Mateus 11:28).
2. Depois de termos buscado a Deus por conforto, orientação e conhecimento de sua vontade, precisamos ter certeza de que outras pessoas estão envolvidas também. Deus deixa claro que precisamos de outras pessoas em nossas vidas, mas que elas não devem tomar o lugar dele. Para as cristãs atraídas pelo mesmo sexo, acredito que deva haver pelo menos duas ou três mulheres respeitadas, espirituais e sábias na sua congregação em quem você pode confiar que serão atenciosas e discretas e que conhecem totalmente sua luta com atração pelo mesmo sexo.
3. Avalie! A vida de um cristão é uma vida que deve ser avaliada. Avalie de maneira sóbria (Romanos 12:3) seus gatilhos e defina limites apropriados; por exemplo, existem certos tipos de mulher que atraem você mais do que outras? Se assim for, talvez você precise ser muito cuidadosa quando estiver próxima desses tipos de mulheres. Examine suas motivações nas amizades. Por exemplo, por que você busca determinadas pessoas para aconselhamento? Por que você está construindo amizade com aquela mulher especificamente? É porque você acredita que o Espírito está guiando você para essa finalidade? Você sente que é o melhor para vocês duas e para o relacionamento de cada uma com Deus? Ou é porque, após uma avaliação honesta, você se sente um pouco atraída por ela, seja física ou emocionalmente? Precisamos examinar nossas vidas

constantemente e nos certificarmos de que estamos disciplinando nossos corpos, mentes e corações e tornando-os escravos da justiça (1 Coríntios 9:27, Romanos 6:18).

Escrituras que podem ajudá-la a lutar contra a tentação homoerótica

As passagens mais frequentemente buscadas para mostrar que a homossexualidade não faz parte do plano de Deus para a sexualidade humana (Levítico 18:22, Levítico 20:13, Romanos 1:26-27, 1 Coríntios 6:9-10 e 1 Timóteo 1:9-10) são claras e diretas. Proponentes pró-gay e os meios de comunicação (que muitas vezes são a mesma coisa) tendem a usar estas passagens de forma depreciativa, citando-as de modo condenatório inúmeras vezes, tentando provar que Deus é incapaz de amar e é indiferente ou, no mínimo, incrivelmente fora de sintonia com a cultura contemporânea; uma premissa da qual discordo completamente. O que não ouço em igual proporção são as Escrituras mostrando o quanto Deus é bom, passagens que ajudam e incentivam mulheres que estão lutando a batalha da pureza divina e da justiça todos os dias.

Queria dedicar uma parte deste capítulo de passagens bíblicas a você, mulher cristã que sente atração homossexual, na esperança de que você possa encontrar conforto e direção de Deus. Seguem abaixo algumas Escrituras as quais me apego na minha luta com a atração homossexual. Encontro o maior conforto na Palavra de Deus, porque é de lá que veio a verdadeira cura para mim.

Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avaros, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus. Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus.

Tenho que ser honesta com você: quando comecei a ler 1 Coríntios 6:9b-11, tive dificuldade em aceitar o versículo dizer que homossexuais não entrariam no Reino de Deus. Particpei de atos homossexuais; isso significa que não vou para o céu? Há muitas pessoas que param no versículo 10. Elas criticam o fato de esse versículo salientar especificamente a condenação dos homossexuais; porém, quero pedir que por um momento você examine os versículos 9 e 10 um pouco mais cuidadosamente. Esse autor, que foi inspirado por Deus, também apresenta muitos outros pecados: os impuros, idólatras, adúlteros, ladrões, gananciosos, bêbados, caluniadores e golpistas. Esses pecados estão todos listados juntos em uma sentença junto com a homossexualidade. Diga-me, então, por que a homossexualidade é escolhida dentre essa passagem das Escrituras e ridicularizada?

Compartilho isso com você porque era o que eu pensava. Identifiquei um pecado da lista e focalizei no fato de que os homossexuais não herdarão o Reino de Deus e aquilo me envergonhou. Precisei continuar a ler. Em minha opinião, Deus lista esses pecados juntos, pois não importa o que você fez ou de onde você veio: somos todos pecadores. Todos nós estamos destituídos da glória de Deus (Romanos 3:23).

Se olharmos depois dos versículos 9 e 10, encontraremos a verdadeira beleza dessa passagem: "Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo". O dicionário *Merriam-Webster* define "santificar" como "tornar (algo) santo". Isso significa que, embora eu seja uma pecadora miserável, tornei-me santa aos olhos de Deus por meio de Jesus Cristo. Essa Escritura me deu esperança; não tenho mais vergonha de mim mesma por causa dos pecados que cometi: homossexualidade, mentira, engano e bebedeira (a lista poderia continuar). Louvado seja Deus porque podemos viver com a paz e o conhecimento que nós fomos feitos santos, não importa quais foram nossos passados.

E isso para que vocês vivam de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo, frutificando em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus e sendo fortalecidos *com todo o poder, de acordo com a força da sua glória*, para que tenham toda a perseverança e paciência com

alegria (Colossenses 1:10-11, ênfase nossa)

O crescendo destes versículos é tão poderoso! Quando li pela primeira vez, vi a palavra "toda" e senti que eu estava no topo de uma montanha-russa bíblica. Eu esperava que a palavra a seguir fosse algo emocionante e contundente como "VITÓRIA!" Queria sentir o poder de ver que Deus estava me fortalecendo "com todo o poder de acordo com a força de sua glória" para me preparar para o triunfo! Mas, muito para meu desgosto, as próximas palavras foram "perseverança e paciência". Não posso dizer que fiquei feliz ao saber que estou sendo fortalecida com o poder e a força gloriosa de Deus para que eu possa suportar essa luta da atração pelo mesmo sexo pelo resto do meu tempo na terra enquanto aguardo pacientemente o processo de cura de Deus. Amo como Deus faz totalmente o contrário do que, às vezes, acho que ele deveria fazer. Isso me força a ser humilde porque ele nem sempre vai querer que eu entre nessa batalha de frente, com armas reluzentes e grande força: às vezes, ele quer que eu mostre força na fraqueza ao me render e suportar com paciência qualquer que seja sua vontade para mim. Nossa vida como mulheres que são atraídas pelo mesmo gênero é uma batalha constante pela paciência, humildade e renúncia.

Mas eu curarei esta cidade e o seu povo e novamente lhe darei saúde. E farei com que tenha tempos de paz e segurança. Trarei progresso para o povo de Judá e de Israel e construirei tudo de novo, como era antes. Eu os purificarei de todos os pecados que cometeram e perdoarei as suas maldades e a sua revolta contra mim. Jerusalém será para mim um motivo de alegria, de honra e de orgulho. E todas as nações do mundo vão tremer de medo quando ouvirem falar das boas coisas que estou fazendo para o povo de Jerusalém e do progresso que estou trazendo para esta cidade. (Jeremias 33:6-9 - NTLH)

A cura é uma das coisas mais complicadas para meu cérebro entender. Sou uma pessoa orientada para a solução de problemas. Se tenho um problema, vou encontrar uma solução. Entretanto, quando se trata de cura, ser orientada para soluções não é o ideal, porque quero ser consertada agora! Antes de me tornar cristã, tentava encobrir minhas feridas abertas e cicatrizes com correções rápidas, tais como o álcool, drogas, encontros sexuais impulsivos e mentiras. Eu não queria encarar o fato de que estava destruída.

A verdade é que nada vai curar minha vida exceto Deus. Na passagem bíblica acima Deus diz: "curarei esta cidade e o seu povo e novamente lhe darei saúde. E farei com que tenha tempos de paz e segurança". Deus não somente quer que eu tenha cura completa, mas também quer que eu desfrute de paz e segurança! A coisa que mais me lembro do meu estilo de vida homossexual é que paz não fazia parte dela. Sentia-me constantemente ansiosa com minha autoimagem, com a possibilidade de meu segredo ser descoberto e o pior de tudo, o julgamento de meus amigos e familiares se eles descobrissem quem eu era.

A passagem continua com Deus expressando que ele traria Judá e Israel de volta do cativeiro e as construiria como já tinham sido antes, purificando-as do pecado e perdoando-as de sua rebelião contra o Senhor. Você já se sentiu como uma cidade que foi completamente destruída? Suas paredes de integridade, voz de confiança, olhos de honra... tudo caindo por terra? Eu já. Eu me senti como uma cidade que tinha caído em emboscada e não teve a capacidade de ser reconstruída. Foi esta passagem das Escrituras que me disse que eu estava errada. O Senhor diz que ele vai me reconstruir como era: filha de Deus, uma bela criação, irrepreensível aos seus olhos. Não só ele vai me reconstruir, mas trará alegria, honra e reputação para ele. Já não tenho medo de trazer vergonha para Deus, pois não é assim que ele me vê.

Que fruto colheram então das coisas das quais agora vocês se envergonham? O fim delas é a morte! Mas agora que vocês foram libertados do pecado e se tornaram escravos de Deus o fruto que colhem leva à santidade, e o seu fim é a vida eterna. Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Romanos 6:21-23)

Esse jeitinho temporário que buscamos para obter conforto imediato: drogas, muita comida, masturbação, muitas horas assistindo TV, promiscuidade, álcool, atividade homossexual, jogo, excesso de sono, fofoca, preguiça, fantasias eróticas, espírito crítico e todo o resto: Deus diz que essas coisas resultam em morte! Em seguida, ele nos lembra que fomos libertados dessas coisas vergonhosas e ganhamos liberdade nele. Agora que escolhemos nos tornarmos escravos de Deus e rendermos nossa vontade a dele, podemos encontrar conforto no fato de que colheremos santidade nesta vida, resultando em uma vida eterna com o nosso Salvador.

Parte 3:

A amigos, familiares e mentores espirituais

Conforme mencionado na introdução acima, espero que este capítulo ofereça a você compreensão e ferramentas necessárias para se comunicar de modo eficaz com as mulheres que você encontra na sua vida e no seu ministério que lutam contra esse problema. Meu mais profundo desejo e esperança é que por meio da minha história de vida real, das Escrituras e das perspectivas mostradas neste capítulo, você consiga extrair uma atitude de compaixão sincera em relação às mulheres que convivem com a realidade da atração homossexual e, no entanto, têm vivido de modo fiel e espiritual. Que você também ofereça esperança para mulheres que sentem atração homossexual, mas que buscam um relacionamento com Deus e que possa ajudá-las a terem êxito em viver uma vida entregue ao Senhor.

O que saber sobre uma mulher que sente atração pelo mesmo sexo

Não seria fácil se houvesse "uma solução única" quando se trata desse assunto? As conversas seriam menos desconfortáveis, teríamos respostas fáceis de "como fazer" e um programa de 10 passos para tornar a mulher "não gay". Gostaríamos que fosse assim, tão simples! Infelizmente, a questão é muito mais complicada do que isso.

Sendo uma mulher que pessoalmente compartilha dessa área de fraqueza, gostaria que família, amigos e mentores espirituais fossem mais bem treinados sobre como se comunicar quando se trata de discutir esse tópico tão complexo. Após muita reflexão e contribuições de grupos de apoio de mulheres que sentem atração homossexual, elaborei uma lista de coisas a saber sobre as mulheres que sentem atração por outras mulheres:

1. Nem todas nós nos sentimos como se tivéssemos "nascido assim", nem necessariamente, decidimos nos tornar atraídas pelo mesmo sexo por nossa própria escolha. Normalmente (mas nem sempre) é uma deficiência emocional que se desenvolveu por meio de nossas experiências na infância com outros (principalmente com os pais ou pares) que nos levaram até onde estamos hoje: em busca de afirmação emocional e física em outras mulheres.
2. Todo mundo luta contra algum pecado, só que de maneiras diferentes. Todos nós temos diferentes gatilhos, provações e origens. Por favor, não faça generalizações sobre nós.
3. A feminilidade é algo que todas tentamos entender. Ela pode ser algo com que não estamos familiarizadas. A realidade nos diz o suficiente sobre quem devemos ser ou sobre como deveria ser nossa aparência. Precisamos de incentivo e amor incondicional de nossos irmãos e irmãs na fé, não de mais confirmações sobre a inadequação que já sentimos nesta área. Na maioria das vezes, as frases que magoam mais sobre nossa feminilidade são: "Você está parecendo um homem!"; "Por que você não usa um vestido e sapatos de salto alto? Você é gay?"; "Todas as mulheres usam maquiagem e vestido, por que você não?". Comentários desse tipo reforçam a percepção de que não nos encaixamos no padrão "típico" da feminilidade.

4. Temos a tendência de ter problemas significativos com confiança e vulnerabilidade, que geralmente resultam em uma parede bem espessa ao redor de nossos corações, uma parede de medo. Queremos pular por cima dela, quebrá-la e alcançar nossos corações, mas temos muito medo disso. A maneira mais eficiente de ajudar nessa área de nossas vidas é construir confiança. A construção de confiança vem por manter confidencialidade, orar juntas e não fugir de conversas desconfortáveis. Na maioria dos casos, quando os amigos ou a família fica sabendo que lutamos nessa área, as coisas ficam estranhas. Já percebemos que isso é um assunto desconfortável para conversar! Contudo, você pode ganhar confiança significativa e construir um relacionamento vulnerável quando a constância (até mesmo por meio das conversas difíceis) e confiança são estabelecidas.
5. Somos sensíveis também. As "piadas de gay" ou humor aguçado sobre a homossexualidade podem ser ofensivos e pode acabar por nos desencorajar a querer compartilhar a nossa vida e lutas com você.
6. Talvez essa luta nunca nos deixe. Nós não somente temos que lutar ativamente para negar a nós mesmas em nossa atração pelo mesmo sexo, mas temos também que lidar com a realidade bem possível de talvez sentir esses desejos homoeróticos para o resto da nossa vida terrena. Muitas vezes, mentores espirituais que ajudam uma mulher com lutas de atração pelo mesmo sexo têm a expectativa que um dia essa irmã vai "superar o problema" e não vai mais lutar da mesma forma, mas isso pode não acontecer. Como mentora espiritual, você deve chegar a essa compreensão antes de poder ajudar uma irmã a conseguir aceitar isso.

O que é útil vindo de familiares, amigos e mentores espirituais?

Agora que cobrimos alguns pontos-chave sobre as mulheres que são atraídas pelo mesmo sexo, vamos discutir como lidar com algumas situações delicadas. Por exemplo, o que você diria a uma amiga chegada que está confessando a você que sente atração por outra? Como você lida com a situação de um membro da família lhe dizer que estava escondendo seus sentimentos "verdadeiros" e vinha agindo secretamente há anos? Ou possivelmente a situação de uma adolescente que está em seu ministério de adolescentes na igreja e tem amigos na escola que estão "experimentando ser gay" e perguntaram se ela quer participar? Todas essas são situações relevantes em nossa sociedade hoje, e meu objetivo é preparar você adequadamente, não com respostas certas, mas com práticas que vão exalar amor e aceitação, com humildade e obediência à Palavra de Deus.

Ouçã. A mulher que vem falar com você acha que você é uma pessoa de confiança para ouvir seu embaraçoso segredo. Você se tornou um lugar seguro para ela. Não sei se você consegue se identificar, mas você já fez alguma coisa que a fez sentir tanta vergonha que você não podia suportar a ideia de contar para alguém? Talvez seja um vício de pornografia ou masturbação, ou um problema de jogo excessivo; todos nós temos nossos pecados vergonhosos com os quais Satanás nos atormenta e nos faz sentir pesados. Se alguma irmã acha que você é uma ouvinte confiável, por favor, escute-a. Não a censure com: "Eca! Isso é nojento", "Você luta com isso?", ou "Essa não, é de mim que você gosta??" Você pode ter rido ao ouvir essas respostas, mas o triste é que, na verdade, já ouvimos isso. A primeira coisa e mais importante a fazer é escutar.

Ame. Depois que a irmã tiver contado sua história, faça perguntas! Mostrar amor a alguém significa mostrar-lhe que você está na batalha junto com ela. É fácil ouvir e ir embora com pensamentos de "Obrigada Deus, porque não tenho que lidar com isso!", ou "Talvez outra pessoa possa ajudá-la" e varrer tudo para debaixo do tapete. A parte difícil é suportar uns aos outros em amor. Se você tiver a coragem de fazer as perguntas difíceis, você não precisa ter todas as respostas. Este é um trecho do relato de um dos membros do nosso grupo de apoio com relação a perguntas:

Gosto muito quando as pessoas me fazem perguntas depois que compartilho com elas sobre minha luta contra atração homossexual! É muito desconfortável quando elas não dizem nada ou nunca tocam no assunto novamente. Acho que estão tentando ser educadas e não ficar cutucando o assunto, mas isso me deixa insegura. Perguntas mostram que ouviram o que eu disse e mesmo que não entendam desse assunto totalmente, elas querem compreender a partir da minha perspectiva. Além disso, muitas vezes quando compartilho minha luta com atração homossexual, conto uma versão compacta para de certa forma fazer um tipo de teste que mede o nível de desconforto daquela pessoa com o assunto: há sempre mais coisas na história; fico só esperando que elas me deem o sinal verde para continuar compartilhando; nem precisa ser naquele exato momento! Se compartilho alguma coisa com alguém e ela só ouve, volta alguns dias depois e diz: "Estive pensando e orando sobre o que você compartilhou e tenho algumas perguntas", me sinto realmente encorajada por ela ter tirado um tempo para orar por mim e que ela quer investir tempo e energia para me entender.

Você também demonstra amor a uma mulher que luta com a atração pelo mesmo sexo ajudando-a a criar limites saudáveis. Ensine-a a desenvolver um relacionamento íntegro e comunicativo com outras mulheres sem ultrapassar limites emocionais. Claro que isso pode ser desconfortável no início, mas desde quando o cristianismo é confortável?

Entenda. Sentir atração homossexual não é a única coisa com que lutamos. A maioria das mulheres cristãs que sentem atração pelo mesmo sexo também luta com orgulho, inveja, mentira, cobiça e muito mais. Demonstre interesse por outras áreas de nossas vidas, não somente por essa área em particular.

Use frases afirmativas do tipo: "Amo você mesmo assim e não a vejo de modo diferente. Embora eu não tenha conhecimento nessa área, gostaria de aprender a ajudá-la da melhor maneira que puder". Palavras como essas transmitem uma mensagem positiva de compreensão e compaixão.

A melhor maneira de entender e não julgar é permanecer pessoalmente quebrantada diante de Deus. Se você fica chocada ou enojada com a confissão de alguém que sente atração pelo mesmo sexo ou homossexualidade, tire um momento para refletir nas transgressões que você cometeu contra nosso Senhor e depois reveja o que foi confessado a você com um coração contrito e quebrantado. Isso ajuda a manter as coisas em uma perspectiva piedosa, em vez de enxergarmos tudo com uma lente mundana.

Mantenha a confidencialidade. Como mencionado anteriormente em "Ouça", você é uma pessoa de confiança! Não utilize as informações dadas a você como algo para iniciar uma conversa. Muito pelo contrário: você deve oferecer confiança contínua em completa confidencialidade, a menos que a irmã lhe diga o contrário. "Dar com a língua nos dentes" com esse tipo de informação pode gerar muitos problemas. Na verdade, eu diria até que não deveríamos nem mesmo pedir conselhos de outros sem permissão da irmã; melhor ainda, leve a irmã com você quando pedir conselhos para que as informações sejam mais precisas.

Ore. Ore pela irmã que acabou de derramar o coração para você. Isso é a coisa mais importante que você pode fazer. Talvez você tenha a impressão de que não ouviu, de que não foi amorosa e que disse alguma coisa completamente errada. Isso pode ter acontecido; porém, Deus é maior do que seus defeitos. Ore por essa irmã, que você sabe que luta contra atração pelo mesmo sexo.

Em contraste, o que não é útil vindo de familiares, amigos e mentores espirituais? Essa não é uma seção do capítulo onde quero concentrar muita atenção; contudo, acho necessário salientar algumas respostas corriqueiras sobre esse assunto e um palavreado que você deve evitar:

"Meu primo é gay!"; "Minha irmã é gay!"; "A sobrinha do enteado do meu tio é lésbica!". Conhecer alguém que vive um estilo de vida gay ativo é muito diferente de ser um cristão que está lutando contra a tentação da atração pelo mesmo sexo. A maioria das pessoas se sente desconfortável

quando alguém lhes diz que sente atração homossexual. Eu entendo; talvez seja mesmo extremamente desconfortável. Mas em vez de tentar replicar comentários iguais aos que vimos acima, apenas ouça e faça perguntas sobre a pessoa que confiou esse segredo a você.

"O que fez você assim?". Veja bem: Todos nós nascemos em um mundo corrompido! Quanto ao que "faz" alguém sentir-se atraído pelo mesmo sexo, ninguém tem certeza. É complicado! A ciência ainda tem que provar uma conexão genética definitiva e a Bíblia não fala sobre as causas do problema. Talvez eu nunca tenha essa resposta. Mas não vivemos todos com questões que nos têm perseguido a vida toda? Seja nossa raiva, uma tendência ao alcoolismo ou uma personalidade com tendência a se viciar, somos todos imperfeitos. Quanto disso é natureza e quanto disso vem de nossa criação? Quem sabe?! Talvez haja fatores ao longo do caminho que acabaram nos empurrando para isso em nossas vidas e talvez não haja. Não há nenhuma característica absoluta para alguém lutar com atração pelo mesmo sexo ou com a homossexualidade.

"É só orar!"; "Seja fiel!"; "Confie em Deus!". Todas essas coisas são ótimas, e é claro, verdadeiras. Mas são respostas baseadas no pressuposto de que essa mulher não está fazendo isso ainda, dando a entender que ela não é espiritual. Geralmente esse não é o caso, se ela já está confessando algo tão difícil de confessar! Quando essas prescrições não vêm acompanhadas de realmente ouvir, de compreensão, de empatia e de amor incondicional, elas soam como palavras vazias. Não é absolutamente necessário dizer alguma coisa quando uma irmã confessa essa luta para você, a não ser: "Eu te amo e estou aqui para te ajudar". Às vezes quando as mulheres que sentem atração homossexual confidenciam a outras cristãs sobre essa área de fraqueza, a ouvinte ora fica muito chocada ora tenta transmitir que não ficou chocada, então tenta compensar respondendo com uma mensagem edificante, positiva e cheia de esperança, que é totalmente desnecessária. Preferiríamos muito mais alguém responder com: "Nossa, obrigada por confiar em mim! Não tenho certeza se entendi tudo. Conte-me mais".

Parte 4: Final

Se você leu este capítulo na esperança de receber um manual concreto e linear sobre como lidar com a atração pelo mesmo sexo, seja na sua vida ou na vida de um ente querido, lamento informá-lo que não vai funcionar. Assim como Deus não tem um índice remissivo de respostas, intervenções e milagres que podemos consultar com base no que estamos atravessando na vida, da mesma forma não podemos ter um manual de como lidar com cada situação da atração homossexual. Espero que este capítulo tenha ajudado a prepará-la para reagir com a mente aberta, com amor incondicional e movida pelo Espírito, reação que todos nós devemos adotar ao abordar a atração homossexual feminina.

Referências

1. Janette Howard, *Out of Egypt: One Woman's Journey Out of Lesbianism* (Howard Books, 2001).
2. Janelle Hallman, *The Heart of Female Same-Sex Attraction: A Comprehensive Counseling Resource* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2008).

Capítulo 5

Ajuda prática para maridos e esposas

*Um casamento bem-sucedido requer apaixonar-se muitas vezes,
sempre pela mesma pessoa.*

Mignon McLaughlin, jornalista americana

Eu vivi um milagre. Era 23 de fevereiro de 1991, um dia comum e previsível em Toronto, Canadá. Estava frio, embora surpreendentemente mais quente que o habitual para uma tarde em meados de fevereiro. Tirando isso, entretanto, se você perguntasse a aproximadamente 3 milhões de habitantes que moravam naquela cidade, na época, se algo teria se destacado para eles naquele dia, a maioria provavelmente diria que não. A maioria das pessoas na cidade não estava ciente disso, mas às duas horas da tarde, um milagre aconteceu. O evento extraordinário foi observado por cerca de 100 pessoas, eu diria, e mesmo a maioria das pessoas que estavam lá não conseguiria entender completamente a importância do momento (o que muitas vezes ocorre quando um milagre acontece). Mas eu sabia.

Estava muito claro para mim que Deus estava realizando um milagre em nosso meio, algo completamente fora do comum, algo tão único que somente a bênção divina poderia ter feito acontecer. O milagre foi o casamento de Guy Hammond, um homem que tinha vivido uma vida gay ativa há anos e que ainda sentia atração pelo mesmo sexo, com Cathy Hamilton, uma mulher bonita, maravilhosa, espiritual, incrível e que sente atração heterossexual. Houve um tempo na minha vida em que jamais imaginei que fosse possível eu me casar com uma mulher, muito menos ser bem-sucedido e feliz. Contudo, Cathy e eu estamos casados desde 1991. Modéstia à parte, tenho ido muito bem nessa área, considerando as circunstâncias.

Não que Cathy e eu não tenhamos enfrentado desafios, e tenho certeza de que estou longe de ser o marido perfeito. Nós nos amamos além do que palavras possam expressar, temos um relacionamento físico frequente e saudável e apreciamos passar tempo juntos. Compartilhar nossas vidas um com o outro nos fez tão incrivelmente felizes que é fácil ver o amor e a sabedoria de Deus em nos unir dessa forma. Se você perguntar a minha esposa se no nosso casamento ela se sente amada, especial e cuidada, ela responderia com um entusiasmado "sim!". Se você perguntasse se ela sente algum arrependimento por ter se casado com um homem que sente atração homossexual, tenho certeza de que ela responderia com um sonoro "não!" (sei disso porque perguntei a ela antes de escrever este capítulo).

Bem-vindo ao clube!

Se você é cônjuge de uma pessoa que sente atração homossexual, deixe-me dar as boas-vindas à Escola Divina de Aprendizagem! Essa é uma oportunidade incrível que você recebeu para crescer na fé. Que oportunidade incrível lhe foi dada para imitar o coração de compaixão, sensibilidade e amor incondicional do Criador. Tenho sido o destinatário da fé ativa de minha esposa ao longo dos anos e isso tem me motivado a me negar, amar e valorizar a graça de Deus na minha vida.

Certamente, entendo que isso não faz parte do currículo espiritual nem do currículo de casamento que você achou que teria que estudar. Não é um curso que você imaginou que tivesse que

fazer e passar, contudo, você está aqui. Talvez você esteja em uma situação em que teve a sorte de seu cônjuge ter revelado a você, de modo respeitoso, uma atração pelo mesmo sexo e possíveis atividades homossexuais anteriores antes de vocês terem se casado, dando-lhe o tempo necessário para pensar, orar, buscar conselhos e tomar decisões adequadas antes de entrar na igreja (uma opção bem melhor). Ou talvez essa notícia bombástica tenha sido descoberta ou confessada depois que você já tinha se casado (não é a opção ideal, mas não tem que ser o fim de tudo).

Seja como for, trago notícias muito encorajadoras: com certeza você pode viver um casamento cristão fiel, feliz e bem-sucedido, mesmo que a orientação sexual de um de vocês seja para o mesmo sexo. Quero que você saiba que ter um cônjuge que sente atração homossexual não é uma maldição para a união matrimonial. É claro que isso traz nuances e dificuldades bem específicas, mas você pode vencê-las de modo fiel e amoroso, desde que se concentre em Deus e nos princípios bíblicos que ele nos deu. É nisso que este capítulo vai ajudar você. Assim, onde quer que você esteja no relacionamento com alguém que sente atração pelo mesmo sexo, espero que o que vem a seguir seja útil.

Se você está namorando e está pronto para levar o relacionamento adiante

"Estou prestes a ficar noivo(a). Devo dizer a meu namorado (ou minha namorada) que sinto atração homossexual?"

Perguntam-me isso muitas vezes, então deixe-me começar com aqueles que estão considerando a ideia de ir adiante no relacionamento, partindo do *status* de "namoro" para "noivado". Há apenas uma resposta a esta pergunta e é uma resposta inequívoca, sem dubiedade, definitiva e explícita: "SIM!". Não consigo imaginar um cenário onde não seria considerado sábio revelar essa informação para a pessoa com quem você está prestes a passar o resto de seus dias aqui na terra. Já aconselhei casais em que isso não foi feito. Acredite, manter a atração homossexual escondida do seu futuro cônjuge só vai gerar mágoas, confusão e um profundo sentimento de traição quando ele (ela) finalmente descobrir; e muito provavelmente ele (ela) vai descobrir um dia. Não vale a pena e não é justo. Não estou sugerindo que você faça isso em um relacionamento recente de namoro, a não ser que tenha certeza de que está pronto para levar as coisas para um nível acima, em outras palavras, se você já está pensando em comprar alianças.

Nunca esquecerei quando dei a notícia a Cathy. Já estávamos namorando há bastante tempo e ficou claro para nós que amávamos um ao outro profundamente e não poderíamos imaginar estar com mais ninguém. Desnecessário dizer que eu estava amedrontado com essa realidade e incrivelmente grato a Deus por permitir que uma situação tão improvável acontecesse na minha vida.

Claro, eu também sabia que se fosse me ajoelhar e fazer o pedido de casamento, Cathy teria que saber que tinha me envolvido com a homossexualidade em um momento diferente na minha vida e que ainda me sentia atraído pelo mesmo sexo. Admito que eu estava com medo de ter essa conversa. Sentir atração homossexual era muito embaraçoso para mim e eu sentia muita vergonha da minha orientação sexual. Sentia também vergonha de todas as atividades homossexuais que eu havia participado antes de me tornar um discípulo. Também estava aberto para o fato de que ela poderia não querer mais se casar comigo depois de receber essas novas informações e eu teria de me conformar com isso. Era um custo que ela teria que calcular. Casar-se com um homem que sente atração homossexual poderia trazer vários problemas adicionais para a vida dela, e ela poderia não estar preparada para isso.

Nem preciso dizer que orei fervorosamente antes de falar com ela, pedindo a Deus para me ajudar a confiar nele com relação a esse assunto, dando a Cathy a liberdade de escolher como ela queria sua vida. Então pedi a um casal da nossa igreja, amigos de longa data e conselheiros espirituais de

confiança, para se sentarem conosco quando eu fosse contar tudo. Eu queria ter a certeza de que eles estariam presentes, para que eles não só pudessem ajudar a orientar nossa conversa de modo espiritual, respeitoso e saudável, mas também para que Cathy tivesse alguém além de mim para dialogar quando a conversa acabasse. Eu sabia que ela iria precisar falar abertamente, receber conselhos e orar com uma amiga enquanto estivesse processando essa nova informação. Nossa conversa não levou nem 30 minutos. Não entrei em detalhes sobre o meu passado sexual, e sugiro que você também não o faça, apenas informe de modo geral que se envolveu com homossexualidade anteriormente. Se houver detalhes pertinentes específicos que devem ser compartilhados, os conselheiros espirituais que você escolheu para caminhar ao seu lado vão saber de sua situação e podem aconselhar nesse sentido. Eu disse a Cathy que embora ainda sentisse atração por homens, eu havia dedicado minha vida a Deus quando me converti a Cristo e não tinha participado de qualquer tipo de atividade homossexual desde aquele dia. Prometi a ela que eu nunca faria isso novamente e que me dedicaria a amar somente a ela pelo restante de meus dias, se nós de fato nos casássemos. Eu diria que o fato de poder compartilhar isso já tendo vitória espiritual nessa área (até aquele momento, eu não tinha atividade homossexual há mais de três anos) certamente ajudou a minha causa. Com muitos anos de casamento agora, obviamente, ela considera que valeu a pena o risco. Obrigado, Jesus.

Para resumir, se você sente atração homossexual e foi tão abençoado em ter encontrado “a pessoa certa”, e se está confiante de que gostaria de ver o relacionamento ser promovido a noivado, em minha opinião a seguinte receita para revelação é o ideal:

- Conte a ele (ela) a sua orientação sexual e possível histórico homossexual antes de lhes propor o compromisso de uma vida inteira;
- Não entre em detalhes sobre seu sórdido passado sexual, mas seja honesto caso isso tenha acontecido. Uma ressalva para isso seria atividade tão intensa que você adquiriu uma DST ou foi um possível candidato à aquisição de HIV. No meu caso, fiz o teste de HIV antes de me casar para garantir que Cathy estivesse protegida, e ela estava ciente disso;
- Certifique-se de que dois conselheiros espirituais maduros e de confiança estarão presentes durante essa discussão para que a pessoa que você ama tenha a liberdade de discutir isso com eles depois que a conversa terminar;
- Dê a seu namorado ou namorada a liberdade de terminar o relacionamento, se assim o desejar;
- Compartilhe seu compromisso com Deus de viver em pureza e retidão como projeto para o futuro;
- Ore para que Deus mostre sua vontade para as vidas de vocês, e depois confie totalmente na resposta que Deus vai mostrar por meio da resposta do seu namorado ou namorada. Se você tiver uma vida entregue a Deus, aceitará esse plano para o seu casamento e futuro relacionamento. Confie que o Senhor sabe o que é melhor para os dois.

Assim como escrevi anteriormente neste capítulo para o cônjuge ou para o futuro cônjuge de uma pessoa que sente atração homossexual, escrevo isso para você: esta é uma oportunidade para crescimento espiritual se Deus estiver no centro. Simplesmente não há outro elemento em minha vida que tenha estimulado maturidade e crescimento espiritual mais do que ter que aprender a morrer para minha natureza pecaminosa e egoísta e amar e respeitar esse presente de Deus, minha esposa. Existe alegria maior do que ser abençoado com a perspectiva de aprender a amar como Jesus?

Se você é casado e não contou a seu cônjuge sobre sua atração homossexual

Quero ser cuidadoso para não oferecer uma carta branca e, desse modo, colocar todos os casamentos no mesmo saco, pois essa situação certamente não é a mesma de um casal que ainda vai assumir compromisso, então minha resposta não é tão inequívoca como os conselhos acima. Eu diria que o ideal é, embora reconheça que em algumas situações raras, muito específicas, ser aberto sobre sua atração pelo mesmo sexo com seu cônjuge de muitos anos de casamento possa não ser o passo mais sábio. Pessoalmente acho que tal situação seria extraordinária, mas não impossível de gerenciar. Sugiro fortemente que você busque conselhos espirituais se acha que há uma razão legítima (insisto novamente, legítima) para que você não compartilhe essa informação com seu cônjuge.

Dito isso, certamente o ideal é que se você está casado atualmente, mas ainda não contou a seu cônjuge sobre a sua atração pelo mesmo sexo, comece a planejar isso. Não estou sugerindo que isso seja feito imediatamente. Tire um tempo para orar e peça a Deus para mostrar a vontade dele e o melhor momento para que você possa começar a ir para a luz com seu marido ou esposa. Efésios 5:8-12 diz: “Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz, pois o fruto da luz consiste em toda bondade, justiça e verdade; e aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor”.

Revelar isso ao seu cônjuge obviamente precisa ser feito com muita oração, orientação de mentores confiáveis e muita sensibilidade, consideração e graça. Maridos e esposas que recebem este tipo de informação após o casamento vão ter problemas com relação à confiança, pois se sentirão profundamente traídos e enganados, e quanto mais tempo você esperar, mais difícil será essa notícia para o seu marido ou esposa.

Você precisa dar a seu cônjuge um tempo para processar essa informação, dando a ele (ela) a liberdade de fazer qualquer pergunta que desejar enquanto vai processando a situação, tendo também a liberdade de buscar conselhos de pessoas espirituais em suas vidas. Não o encurrale dizendo: “não conte a mais ninguém”; ele vai precisar de conselhos sobre como proceder. Apesar disso, seu cônjuge não deve tomar a liberdade de contar a situação para qualquer pessoa que quiser, pois a confidencialidade terá de ser respeitada. Na verdade, o melhor cenário é que seu marido ou esposa escolha um ou dois mentores espirituais de confiança que respeitarão sua necessidade de privacidade e ao mesmo tempo oferecerão aconselhamento espiritual.

Com a ressalva acima já esclarecida para essas circunstâncias raras, por favor, tenha a coragem e a convicção para trazer esta notícia à luz. Ser transparente depois do casamento significa que haverá alguns momentos desafiantes à frente, mas com oração, perdão, orientação espiritual e um novo compromisso de justiça e transparência, você será capaz de passar por isso, e seu cônjuge também; muitos conseguiram e você também conseguirá.

Cinco passos práticos para ajudar você se seu cônjuge está ativamente envolvido com a homossexualidade

Se seu marido ou esposa está envolvido em atividades homossexuais, apresento cinco passos práticos que você deve seguir para ajudar tanto a você quanto a seu cônjuge. Estes cinco pontos são de Ginger Haan, uma esposa e mãe de dois adolescentes, cujo marido teve vários relacionamentos homossexuais durante um período de oito anos enquanto estava casado, mas que por fim se arrependeu e voltou para sua família. Tomei a liberdade de adicionar minhas próprias reflexões a cada um dos cinco pontos que ela apresentou em uma aula intitulada: “Como desenvolver amor incondicional pelo seu

marido", da qual participei pessoalmente.

1. Entregue seu cônjuge a Deus

Em vez de gastar suas energias emocionais e espirituais na tentativa de corrigir ou curar seu cônjuge homossexualmente ativo, gostaria de sugerir que você tome a decisão de entregá-lo ao Senhor e focalizar sua atenção em seu próprio bem-estar espiritual. Deus está cuidando de seu marido ou esposa: você precisa cuidar de si. Confie que Deus está trabalhando na cura das carências emocionais e de relacionamento que geraram esse transtorno de identidade sexual no seu cônjuge e está agindo na vida dele, trabalhando para trazê-lo de volta para ele mesmo e para você. Seja paciente, pois isso leva tempo.

Isaías 30:20-21 nos oferece uma promessa maravilhosamente reconfortante de Deus àqueles que estão em meio à adversidade e confusão:

Embora o Senhor dê o pão da adversidade e a água da aflição a você, o seu mestre não se esconderá mais; com seus próprios olhos você o verá. Quer você se volte para a direita quer para a esquerda, uma voz nas suas costas dirá a você: Este é o caminho, siga-o.

Durante o período da história quando Judá era próspera e confortável, eles davam pouca atenção à direção de Deus. Mas quando chegaram "o pão da adversidade e a água da aflição", eles viram que precisavam da direção e ajuda de Deus e, mais uma vez, renderam-se a ele para conseguirem ouvir sua voz. Da mesma forma na sua vida, até que você se renda, você não vai ouvir a voz de Deus. Você vai ouvir a sua própria voz.

2. Confie e obedeça

Quando eu meditava sobre a palavra "direção", pensei em direção como uma dança. Lembro-me de ter lido que fazer a vontade de Deus tem muito a ver com dançar.

Quando duas pessoas tentam conduzir os passos, nada dá certo. O movimento não flui com a música, tornando-se bastante desconfortável e brusco.

Quando uma pessoa percebe isso e permite a outra conduzir, os dois corpos começam a fluir junto com a melodia.

Um dos dançarinos dá pistas suaves, talvez com um leve toque nas costas ou com um leve empurrão para uma direção ou outra.

É como se dois se tornassem um só corpo, movendo-se de uma maneira muito bonita. A dança precisa de entrega, disponibilidade e atenção de uma pessoa e da gentil orientação e habilidade da outra. Voltei à palavra "Direção". Quando vi o "D", pensei em Deus, e um pouco depois tem a letra "e", de "eu". Deus dança comigo.

Ao abaixar minha cabeça, eu me dispus a confiar que receberia orientação para minha vida. Mais uma vez, eu me dispus a deixar Deus conduzir.

Autor desconhecido

Não sei dançar. Isso é algo complicado demais para mim. Além disso, com mais de 1,80 e quase 130 kg, eu provavelmente derrubaria alguém se tentasse fazer alguns movimentos de break. Por isso, para a segurança de todos os envolvidos, normalmente sento-me à distância quando as pessoas começam a dançar. Contudo, adoro a ideia de aprender a dançar com Deus e deixá-lo me conduzir. Dançar com Deus significa que você vai confiar nele e obedecê-lo, mesmo quando estamos magoados,

confusos e incertos sobre o próximo passo. Pode ser difícil ver isso hoje, mas todos os sonhos de Deus para a sua vida ainda podem se realizar. Os sonhos não morreram porque seu marido ou esposa sente atração homossexual, ou até mesmo está envolvido em atividade homossexual. A pergunta é: você vai permitir que Deus a conduza através desse desafio em sua vida?

Em Romanos capítulo 4, lemos sobre a poderosa fé de Abraão, que teve de esperar 20 anos para ver a promessa de ter um filho se cumprir. A narrativa que Paulo faz dessa história mostra uma linda evolução dos versículos 18 a 22:

Abraão, contra toda esperança, em esperança creu, tornando-se assim pai de muitas nações, como foi dito a seu respeito: "Assim será a sua descendência". Sem se enfraquecer na fé, reconheceu que o seu corpo já estava sem vitalidade, pois já contava cerca de cem anos de idade, e que também o ventre de Sara já estava sem vigor. Mesmo assim não duvidou nem foi incrédulo em relação à promessa de Deus, mas foi fortalecido em sua fé e deu glória a Deus, estando plenamente convencido de que ele era poderoso para cumprir o que havia prometido. Em consequência, "isso lhe foi creditado como justiça".

Como Abraão era um ser humano, deve ter havido momentos nesse intervalo de 20 anos em que ele se perguntou se o que tinha ouvido naquele dia memorável tinha realmente vindo do Senhor. Ele deve, às vezes, ter se perguntado se Deus se esqueceu das promessas que tinha feito um dia. Mesmo com tudo isso, a fé de Abraão não vacilou; mesmo quando a situação parecia completamente impossível.

Quando você vê seu marido ou esposa lutando contra um pecado a vida inteira e seu casamento não é como você tinha sonhado, você pode se encontrar perguntando às vezes, "O Senhor se esqueceu de mim?" Tudo bem. A pergunta para você é: mesmo quando parece impossível que ele ou ela mude ou se arrependa, você vai lutar para manter sua fé forte e não vacilar por causa da incredulidade, estando totalmente convencida de que Deus tem o poder para fazer o que ele prometeu? Você vai confiar, obedecer e deixar o Senhor guiá-la nesta dança chamada vida?

3. Tenha visão pelo seu casamento

Helen Keller disse uma vez: "A única coisa pior do que ser cego é poder enxergar, mas não ter visão". Se houve infidelidade em seu casamento, pode ser especialmente difícil ter uma visão positiva para o futuro. Ore para que o Senhor lhe dê visão: um sonho de como seu casamento pode ser à medida que você confia e obedece à condução divina na sua vida.

O amor requer paciência, e desenvolvemos isso com perseverança. Perseverança é a capacidade de suportar sofrimentos e adversidades. Em Hebreus 12:2, encontramos duas palavras opostas que são colocadas juntas na mesma frase, "cruz" e "alegria": "Jesus (...) pela *alegria* que lhe fora proposta, suportou a *cruz*, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus" (grifo nosso). Jesus estava disposto a suportar a cruz porque manteve sua visão interior da alegria do céu. Em sua vida e em seu casamento, você tem que continuar acreditando e tendo a visão de que algo bom pode surgir disso tudo para que você tenha a disposição de suportar os momentos difíceis.

Em Romanos 4:20-21, vemos que Abraão deu glória a Deus mesmo não vendo uma resposta. Sua atitude foi, "Senhor, vou te louvar mesmo assim". Com isso, Abraão conseguiu louvar a Deus antes de a resposta chegar. Você pode fazer isso no seu casamento também. O louvor focaliza nossa atenção para Deus e não para nossas circunstâncias. Satanás sempre é derrotado quando você louva a Deus.

4. Escolha cuidadosamente suas palavras

Quando você está magoada, é fácil querer revidar e, como a maioria de nós sabe, fazer isso fisicamente não é uma escolha sábia. Por isso, o ataque verbal muitas vezes parece ser uma opção viável. Mas somos chamados por Deus para usar palavras e linguagem que trazem cura e para não usar palavras que irão lançar combustível ao fogo. Provérbios 16:21 diz: "O sábio de coração é considerado prudente; quem fala com equilíbrio promove a instrução". Provérbios 16:24 diz: "As palavras agradáveis são como um favo de mel, são doces para a alma e trazem cura para os ossos". Provérbios 20:5 diz: "Os propósitos do coração do homem são águas profundas, mas quem tem discernimento os traz à tona". Nossas palavras têm o poder para edificar ou derrubar. Embora pareça difícil, especialmente quando você se sente profundamente magoada, antes de falar pergunte a si mesma se sua motivação é produzir mudança positiva, diálogo espiritual e cura. Se for isso, suas palavras irão refletir sua motivação. Se sua intenção é ser vingativa e ferir, suas palavras vão refletir essa realidade também.

Minha mulher, Cathy, é um exemplo incrível de alguém que ora antes de falar comigo sobre questões com potencial de discussão. Houve momentos em que ela quis me confrontar com alguma coisa ou discutir uma questão que estava em seu coração, incluindo o tema da minha atração pelo mesmo sexo, mas ela sabia que se o fizesse no calor do momento iria definitivamente colocar tudo a perder. Cathy tem promovido a cura e instrução em nosso casamento ao passar horas ou mesmo dias orando primeiro e depois pedindo direcionamento e conselhos com amigos espirituais de confiança, buscando orientação para que, quando ela fosse falar, seria em espírito de amor e não de vingança. Essa sabedoria e discernimento têm ajudado nosso casamento tremendamente.

5. Aceitar que os pecados da carne do seu cônjuge não são piores do que os pecados do seu coração

Por mais que seu cônjuge tenha pecado no casamento, você precisa assumir a responsabilidade pelos pecados do seu próprio coração. Mateus 7:1-2 fala muito claramente sobre nossa atitude de julgamento e como nós receberemos o mesmo julgamento que usamos com relação aos outros. Sei que alguns de vocês lendo isso se sentiram muito magoados porque seu cônjuge se envolveu com comportamento homossexual pecaminoso. O coração de Deus sofre com o que você está sofrendo e poucos serão capazes de entender a dor que você suportou. Porém, o Senhor ainda espera que você perdoe como Jesus perdoou aqueles que o mataram. Esse é o poder do cristianismo. Sem isso, o que nos sobra senão a vitimização? Quem quer viver assim, como uma vítima ferida? O poder da Cruz diz: "Vou perdoar, não importa o que você fez contra mim. Com o Senhor, tenho o poder para me levantar e escolher como vou me sentir e responder, e não entregarei o controle disso a mais ninguém a não ser Cristo". Nesse sentido, perdão, clemência e compaixão são iguais à liberdade, tanto para você, que tem sido tão profundamente ferida, quanto para seu cônjuge.

Gálatas 5:22-23 nos diz claramente como o coração de Deus é, e como é seu desejo que vivamos com essas qualidades: "Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei". Não existe uma cláusula escrita que diga: "Faça isso a não ser que seu marido ou esposa peque contra você. Nesse caso, esta instrução é nula e sem efeito". Na verdade, o que torna essas qualidades espirituais tão formidáveis e belas é que podemos tê-las em nossos corações e vidas mesmo em meio à dor, e não apenas na ausência dela. Quando você estiver exibindo o espírito de orgulho, autopiedade ou talvez a falta de vontade de perdoar seu cônjuge exterior ou interiormente, peça a Deus que ajude você a perdoar. Entregue esses pecados de coração ao Senhor e deixe-o substituí-los pelos frutos do Espírito. Pois assim como não há células cancerosas insignificantes, todos os pecados são mortais e a iniquidade do orgulho, da arrogância, do falso moralismo, do julgamento e da falta de perdão vai fazer sua fé naufragar e destruir sua alma.

Lembre-se de uma coisa: quem é seu inimigo? O inimigo não é seu marido nem sua esposa; o inimigo é Satanás.

Finalmente, quando você orar por seu cônjuge que sente atração homossexual, saiba a diferença entre oração de bênção e oração de maldição. Orar repetidamente uma oração que diz: "Deus, por favor, mude meu marido, faça-o se arrepender" na verdade é uma oração que diz: "Senhor, por favor, mude-o para que eu possa ser feliz". Essa não é a oração de alguém que entregou seu cônjuge ou seu relacionamento a Deus. Ore por seu cônjuge de forma positiva, pedindo a Deus para protegê-lo e curá-lo; ore por restauração espiritual e para que a alma dele seja salva.

Uma nota sobre situações conjugais específicas

Se você acha que seu marido ou esposa está passando tempo demais longe da família e parece ter desistido dessa questão ou mostra constante indiferença por sua saúde sexual e se ele fica culpando os outros e exhibe padrões habituais de mentira, você precisará de ajuda pastoral e profissional adicional de longo prazo, devido à complexidade e gravidade da situação. É claro que o ideal é quando os dois cônjuges querem melhorar o casamento. Porém, creio que em circunstâncias extremas, tais como as mencionadas acima, esse não seja o caso. É momento de se considerar uma separação restauradora com o objetivo de reconciliar o casamento. Deixe-me enfatizar que você precisa buscar muitos conselhos de líderes espirituais em sua vida e entregue a situação em oração antes de tomar qualquer decisão.

Qualquer que seja sua decisão, é importante entender que a homossexualidade com que seu esposo está lidando antecede o casamento; esses desafios não são culpa sua e você nunca deve levar esse fardo sobre seus ombros. Agarre-se a Deus durante esse período; descanse segura de que ele tem você na palma da sua mão e se importa com você além do seu entendimento. Ele conforta os que choram, e talvez você precise chorar pelo seu relacionamento, se você já não o tiver feito. Descanse no Senhor e busque apoio daqueles que você mais ama e confia: "Que o amado do SENHOR descanse nele em segurança, pois ele o protege o tempo inteiro, e aquele a quem o SENHOR ama descansa nos seus braços". (Deuterônimo 33:12).

Para mulheres casadas com maridos cristãos que sentem atração homossexual

Para esta seção do capítulo, pensei que seria mais sábio deixar Cathy falar sobre suas experiências como mulher que sente atração heterossexual casada com um homem que é cristão fiel e sente atração homossexual. As palavras dela seguem abaixo.

Sendo uma mulher casada com um homem que sente atração pelo mesmo sexo, escrevo a vocês que também estão nessa situação para que saibam que não estão sozinhas, que seus sentimentos e perguntas são comuns a cada cônjuge de alguém que sente atração pelo mesmo sexo. Também quero lhe dar muita esperança. Meu marido Guy e eu estamos casados desde 1991, e embora problemas de identidade sexual sejam uma realidade em nosso casamento, isso não foi algo que nos impediu de sermos incrivelmente apaixonados um pelo outro e viver uma vida muito realizada e feliz juntos. Independentemente do que a sociedade diz ou o que seus medos e inseguranças dizem, quero que você saiba que ser casada com alguém que é atraído pelo mesmo sexo não é impedimento para ter um casamento maravilhoso e cheio de amor, desde que Deus esteja no centro de seu relacionamento.

Alguns meses antes de Guy me pedir em casamento, ele compartilhou comigo sobre seu antigo envolvimento com homossexualidade durante sua adolescência e até mesmo em seus vinte e poucos anos. Ele compartilhou que tinha recebido ajuda, tinha se arrependido e não estava ativamente

envolvido nesse pecado desde que se tornou cristão. Várias emoções e pensamentos me inundaram. Minha primeira reação foi sentir como se tivesse levado um chute na barriga. Na verdade, achei que fosse vomitar. Senti-me tão traída por ter me envolvido em uma relação de tanta confiança com ele no namoro, onde eu tinha compartilhado tanto emocionalmente, mas que ele tinha escondido esse grande segredo sobre a sua vida. Será que havia outras coisas que ele não me contou? Também me senti tão triste por ele ter passado por tudo aquilo e senti pena dele, pois dava para ver que estava profundamente envergonhado. Porém, o mais importante é que senti orgulho de vê-lo compartilhar aquela parte de sua vida comigo.

Fui para casa naquela noite e me senti em grande conflito. As perguntas que passaram pela minha mente foram terríveis: será que ele tinha AIDS? Será que tinha feito exames? Será que ele ainda sentia atração por outros homens? E em caso afirmativo, como ele conseguia se sentir atraído por mim? E como seria nosso relacionamento físico depois que nos casássemos? Será que seríamos capazes de desfrutar disso? Será que realmente poderia confiar nele, sabendo que ele tinha escondido isso de mim por tanto tempo? Seria que eu deveria insistir nesse relacionamento e possivelmente me ver num casamento que poderia ser uma catástrofe? Será que poderia confiar em Deus para me conduzir e cuidar disso para mim? Após receber as garantias do homem que cuidava espiritualmente do Guy durante seu processo de arrependimento, orei e li passagens bíblicas sobre perdão e pecado; e finalmente convenci minha mente e coração do fato de que, diante de Deus, os pecados de Guy não eram diferentes dos meus.

Ao longo dos anos, tivemos nossos momentos difíceis. Durante muitos anos foi difícil para eu fazer perguntas ou trazer preocupações porque Guy imediatamente ficava muito inseguro e retraído. Ele ainda estava muito envergonhado e embaraçado por sentir atração homossexual. As perguntas que fiz durante anos foram: você ainda sente atração por outros homens? Você sente atração por mim? Você sente atração por outras mulheres? Você tem medo de que as pessoas descubram sobre seu passado? Nos últimos anos, porém, nosso relacionamento se aprofundou em confiança e comunicação. Isso realmente nos permitiu discutir estas questões em um ambiente seguro, com fé em nosso amor um pelo outro e por Deus.

Em certo sentido, a questão da atração pelo mesmo sexo ensinou a nós dois a sermos extremamente sensíveis às necessidades dos outros. Aprendi que o meu marido exige de mim comunicação constante de que ele é atraente, que me sinto atraída por ele, que me orgulho de ser sua mulher, de que estou feliz por estarmos casados, que o amo, que me orgulho dele e de que ele realmente satisfaz minhas necessidades físicas e emocionais. Percebo que essas são as mesmas coisas que todo marido precisa ouvir de sua esposa, mas Guy tem muita necessidade de ser lembrado disso e de ouvir essas palavras de afirmação diariamente.

A maioria dos homens convive muitas vezes com uma sensação de insegurança, mas homens que sentem atração pelo mesmo sexo vivem com um profundo sentimento de insegurança. Sei que Guy tem pensamentos que dizem que ele é menos homem por causa de sua atração pelo mesmo sexo, e isso pode ser combatido e até mesmo eliminado com minhas palavras de amor, carinho, admiração e confiança. Também vejo que ao mesmo tempo em que ele continua a buscar a cura, o esmagador sentimento de vergonha e insegurança que atormentavam sua vida diariamente vem sendo lenta e consistentemente substituído por uma forte confiança e autoestima saudável em quem ele é como homem, marido, pai e homem de Deus.

Guy, por outro lado, tem aprendido que eu também preciso de muitas das mesmas palavras de afirmação e de carinho, especialmente considerando seus problemas de identidade sexual. Preciso ouvir muitas vezes que ele me acha bonita, que eu o satisfaço como amante, que ele precisa de mim e que ele

está feliz por estar casado comigo. Este é o tipo de linguagem com que tentamos permear nosso casamento. Não somos perfeitos nisso, é claro, mas realmente estamos há muitos anos nos esforçando para constantemente edificar um ao outro com palavras de encorajamento, apoio e amor.

Garanto que se você se esforçar para amar seu marido cristão que sente atração homossexual com o tipo de amor que lemos em 1 Coríntios 13, seu marido a estimará, valorizará, protegerá e responderá da mesma forma. À luz desse tipo de amor, Guy e eu descobrimos que as questões de identidade sexual que temos que resolver juntos (sem contar todos os outros desafios que a vida traz) são na verdade muito pequenos e até mesmo irrelevantes.

E quanto à intimidade?

Muitos países têm um sistema de classificação de filmes para avaliar a adequação de conteúdo para determinados públicos, proporcionando assim advertências necessárias para que as pessoas (pais e mães, principalmente) possam saber antecipadamente a adequação de idade de cada filme. Da mesma forma, quero oferecer uma palavra de advertência sobre esta seção; ela não será adequada para todos os leitores. Entretanto, seria negligente escrever um capítulo especificamente para maridos e esposas que estão em meio à genuína perplexidade em seu relacionamento, sem abordar uma área sobre a qual mais frequentemente me perguntam. O assunto é a intimidade entre marido e mulher, quando um dos dois sente atração pelo mesmo sexo. Agora que foi dada uma advertência adequada, devo continuar.

Antes de Oprah Winfrey decidir parar, quando ainda estava no topo da audiência televisiva e acabou com seu programa de auditório vespertino incrivelmente popular, ela levou ao ar o episódio de 3 de abril de 2009 intitulado: "O que toda mulher quer?". Como sou homem e não tenho doutorado nesta área ainda, dediquei a Oprah Winfrey 60 minutos do meu tempo. Fico feliz em ter feito isso, porque o programa realmente cristalizou o que eu vinha aprendendo nas duas últimas décadas do meu próprio casamento, o que vi e ouvi em inúmeras horas de aconselhamento de casais que participei como ministro, e muito do que li no meu tempo de estudo e pesquisa. Então parabéns a Oprah por colocar no ar um programa sobre esse assunto. Sem querer ser tão ousado e adicionar algo à sabedoria de Oprah, acho que não são apenas as mulheres que querem isso, os homens também! Então o que é que toda a mulher e todo o homem querem? Desejo.

Minha cara esposa, meu caro marido, se você sente atração homossexual, sei que existem alguns desafios únicos aqui, mas esta parte deste capítulo está repleta com nada além de boas notícias que realmente ajudarão tanto a você quanto a seu cônjuge que sente atração heterossexual.

O que seu marido quer de você mais do que qualquer coisa, exceto talvez respeito, é ser desejado. Muitos homens gostariam que você pensasse que isso não é verdade, que de alguma forma não é coisa de macho querer ser desejado, mas não acredite nisso. Todo marido quer ser desejado por sua esposa.

O que sua esposa quer de você, mais do que segurança financeira, mais do que uma casa grande e um carro legal para dirigir, mais do que as férias ocasionais e mais do que seu incrível charme, é ser desejada e querida. Não me interpretem mal. Estou certo de que segurança financeira, um lugar decente para morar, viagens legais e ser casada com um cara espiritual têm seus bônus. Nós, como maridos, precisamos fazer o que pudermos para proporcionar essas coisas, mas se você não a quiser e desejar, você terá uma mulher machucada e desapontada em suas mãos.

Os desafios específicos que enfrentamos

Percebo que estou escrevendo para um público muito específico: homens e mulheres casados com o sexo oposto, mas que são pelo menos em parte ou inteiramente atraídos sexualmente pelo mesmo gênero. Acho que você diria que estamos em uma situação bem difícil, não é? Como você pode mostrar amor e afeto ao seu cônjuge quando você se sente atraído pelo mesmo sexo? Você pode achar, a princípio, que desejo e atração sexual são a mesma coisa, mas não são. Não há dúvida que eles estão intimamente ligados e para os homens e mulheres cuja atração sexual é heterossexual por natureza, são coisas que até se sobrepõem às vezes. Porém, na verdade, eles são duas entidades separadas. Isso é uma tremenda notícia para o cristão casado que sente atração homossexual e eis aqui o porquê:

Só porque você ainda está aprendendo, mudando e crescendo em termos de ser sexualmente atraído por seu cônjuge, isso não significa que você não é capaz de desejá-lo e, por sua vez, fazer seu cônjuge se sentir desejado enquanto você e o Senhor trabalham juntos no desenvolvimento desse aspecto de seu relacionamento. Deixe-me dizer aqui que isso pode acontecer mesmo; sou a prova viva. Logo quando me casei, fiquei com medo de como as coisas funcionariam nessa área, mas posso dizer com segurança que com o passar dos anos, minha experiência mostrou que meu desejo sexual pela minha esposa tem progressivamente despertado e aumentado e hoje desejo minha mulher sexualmente de uma maneira que antes eu teria achado impossível. Realmente só tenho olhos para ela.

Independentemente de onde você esteja agora em termos do grau de atração sexual que você tem pelo seu cônjuge, saiba disso: seu cônjuge deseja ser desejado; essa é a chave. E não há nenhuma razão (por mais que você tenha deficiência na atração pelo sexo oposto) pela qual você não possa, ao mesmo tempo, desejar seu cônjuge também!

Eu desejo de minha mulher amizade, companheirismo, conversas; rir e compartilhar experiências de vida, coisas boas e coisas ruins. Desejo minha esposa, porque minha vida seria muito solitária e vazia sem ela. Prefiro conversar com ela a conversar com qualquer outra pessoa. Prefiro ir ao cinema com ela a ir com qualquer dos meus amigos. Prefiro assistir televisão com ela a assistir com qualquer outra pessoa. Escolheria fazer uma caminhada com ela antes de com qualquer outra pessoa. Prefiro jantar com ela a jantar com qualquer outra pessoa no mundo inteiro. Não há ninguém no planeta que eu escolheria para passar férias comigo a não ser a Cathy, e passar também épocas festivas e momentos especiais.

Será que eu amo minha esposa? Amo, além do que possa expressar em palavras. Será que eu quero minha esposa? Pode apostar que sim! Será que desejo minha esposa? Com certeza! O desejo e a ânsia que sinto por ela e o incrível valor que dou a tudo o que ela é para mim fazem-me querer encontrar maneiras para demonstrar o quanto a desejo e quero. Como faço isso na prática?

- Digo a ela o tempo todo que eu a amo;
- Abraço e beijo minha esposa todos os dias, às vezes várias vezes ao dia;
- Seguro sua mão;
- Coloco meu braço ao redor dela;
- Planejo momentos especiais juntos;
- Digo a ela várias vezes por semana que ela é linda;
- Quando ela se arruma para ir a um evento, digo-lhe como ela está bonita e asseguro que ela vai ser a mulher mais bonita do pedaço!;
- Quando estamos na cama, eu a abraço, envolvo e digo que a amo.

Eu a quero e desejo e é por isso que faço essas coisas. O resultado final é que minha esposa se sente querida e desejada, a única coisa que ela quer mais do que tudo.

A beleza está nos olhos de quem vê

A beleza realmente está nos olhos de quem vê. Sendo um homem que sente atração pelo mesmo sexo, admito plenamente que sou deficiente em atração física pela minha esposa. Não sou sexualmente atraído por ela da mesma forma que seria se eu sentisse atração heterossexual. Isso não quer dizer, contudo, que não ache minha esposa bonita. Acho-a incrivelmente bonita de fato. Aqui está uma analogia que pode ajudá-lo a compreender o que quero dizer. Quando vejo uma rosa, sua beleza me encanta. Uma rosa é delicada, cheia de detalhes, tem um cheiro delicioso e me ajuda muito a lembrar do quanto Deus é magnífico ao criar uma flor maravilhosamente linda para nos alegrar. Ora, obviamente não sinto atração sexual pela rosa, mas isso não significa que não possa apreciar plenamente a elegância única que ela tem. Da mesma forma, olho para minha esposa, e sua beleza me encanta. Ela é delicada, cheia de detalhes, cheira bem e me lembra do quanto Deus é magnífico ao criar uma mulher maravilhosamente linda para me alegrar. Sentir-se atraído pelo mesmo sexo não limita minha habilidade de perceber e verbalizar o quanto ela é bonita para mim.

Determine o seu próprio êxito

Não quero de modo algum minimizar os desafios que alguns de vocês estão enfrentando em relação à intimidade física. Sei que para alguns homens e mulheres que sentem atração homossexual, o ato da relação sexual com seu cônjuge parece quase impossível agora. Não há nenhuma necessidade de entrar em pânico, sentir-se inferior ou perdedor. Também não há qualquer razão para o cônjuge se sentir inseguro ou não amado por causa de um marido ou esposa que esteja apresentando incapacidade para a atividade sexual. Não é um comentário sobre como ele ou ela se sente com relação a você. Na verdade, é simplesmente uma das muitas maneiras que a complexa e intrincada realidade do transtorno de identidade sexual às vezes se mostra, e também é muito comum.

Já aconselhei casais nessa situação, e muitos descobriram que, ao focalizar seu afeto físico em momentos de afago, abraços e carícias e expressar verbalmente seu amor profundo um pelo outro com o passar do tempo (às vezes semanas, às vezes meses), faz com que o desejo pela atividade sexual aumente. Eles fizeram isso em vez de se concentrar na necessidade de ter relações sexuais, o que muitas vezes provoca pressão emocional excessiva e obstrutiva. Lembre-se, o objetivo mais importante não é fazer sexo; é desejar, mostrar amor, exibir afeto, apreço e aconchego, delicadeza e ternura. Você pode realizar tudo isso mesmo quando sente atração homossexual e quando no momento tem dificuldade de expressar esses sentimentos fisicamente.

A cultura, tanto dentro quanto fora da igreja, pode frequente e incorretamente ditar o que é e o que não é considerado êxito quando se trata de atividade sexual no casamento. Casais podem erradamente acabar se comparando ao que outros casais são capazes de atingir neste quesito, tanto em termos de frequência quanto ao tipo de atividade sexual que praticam e de alguma forma sentir que são fracassados se são incapazes de desfrutar da mesma medida de sucesso que eles ouvem que outros desfrutam. Isso é um erro para maridos e esposas que estão lidando com questões tão multifacetadas quanto atração pelo mesmo sexo em seus relacionamentos.

Nesses casos, através de uma comunicação honesta e sensível, praticando tentativa e erro, com paciência, gentileza, carinho, consideração, e às vezes até mesmo buscando conselhos de pessoas de confiança, o casal deve decidir qual será seu referencial de realização, sem usar comparações. O casal precisa ser capaz de definir o seu próprio sucesso e depois comemorar e alegrar-se um com o outro e com Deus quando eles o atingirem.

Prezado marido ou esposa que sente atração homossexual, permita que o cônjuge com que Deus o abençoou seja o desejo de sua vida e assegure-se de que ele ou ela se sinta desejada. Faça isso na

maneira como você se comunica todos os dias. Expressem muitas e muitas vezes a razão pela qual vocês amam e apreciam um ao outro. Faça de tudo para que esse tipo de diálogo seja uma parte normal da vida diária. Pare e pense em todas as formas que você deseja seu marido ou esposa e ao fazer isso pense muito além das fronteiras do sexo. Quando se trata do relacionamento íntimo com que Deus o abençoou, entregue-se a seu cônjuge. Trabalhe em conjunto com seu marido ou esposa e defina a sua própria medida de sucesso. E, por último, lembre-se do dia do seu casamento, pois ele foi o milagre especial que Deus realizou só para você.

Referências

1. Connie Neal, *Holding On to Heaven While Your Marriage Is Going Through Hell* (Mun Gode Press, 2012).
2. Jim Burns, *Creating an Intimate Marriage*. House Publishing, 2006).
3. Joe Dallas, *Restoring Marriages Damaged by Sexual Sin*, CD, www.joedallas.com.

Capítulo 6

Ajuda prática para pais e mães

A mãe que realmente é mãe nunca está livre.

Honoré de Balzac, escritor francês, 1799-1850

“Olá, tenho 16 anos de idade. Sou cristão há dois anos. Antes do meu compromisso com Cristo, me envolvi em atividade homossexual. Embora tenha confessado isso para meus pais quando estava estudando a Bíblia, eles achavam que era só uma fase que eu estava passando, mas isso não é verdade. Ainda luto contra o que se chama de “atração pelo mesmo sexo”. O cristão que estudou a Bíblia comigo disse-me que os “gays” superam seus desejos ao negarem-se a si mesmos e amarem Jesus. Ouvi isso e comecei a negar a minha realidade, dizendo para mim mesmo várias vezes que sinto atração por mulheres, não por homens. Porém, isso não deu certo e ainda sou assim. Até onde todo mundo sabe, eu sinto atração por mulheres e toda a “homossexualidade” que estava em mim desapareceu. Mas por mais que eu queira que isso vá embora, não vai. Sinto que deveria contar para alguns irmãos na igreja e, definitivamente, para os meus pais, mas estou com medo. Meus pais têm uma visão extremamente forte sobre esse assunto, e pelo o que eles já conversaram comigo, sei o que eles pensam. Quero que eles saibam, mas estou com medo porque quero que eles me amem mesmo assim, e quero que saibam que eu ainda sou um bom rapaz. Não sei como jogar essa bomba em cima deles. Você pode ajudar a mim e a meus pais?”.

Um rapaz de 16 anos nos Estados Unidos

Odeio a incerteza. É verdade que nossas vidas e lares seriam muito mais simples e nossas igrejas muito menos complicadas se todos os problemas com que tivéssemos que lidar pudessem facilmente ser categorizados como preto ou branco, certo ou errado, melhor ou pior. Mas quando se trata do tema de identidade sexual, as questões são muito ambíguas. Existe ainda um grande fator de mistério no que diz respeito à causa da atração homossexual. A verdade é que você muito provavelmente nunca saberá de modo completo por que seu filho ou filha é assim, o que significa que qualquer um abordando esse tópico terá que aprender a aceitar esse mistério. De alguma forma devemos viver neste mundo em que não temos todas as respostas e soluções, reconhecendo que esse processo poderia levar uma vida inteira para se resolver. Talvez toda uma vida não seja tempo suficiente.

Todos nós temos ânsia por soluções. Nós queremos chegar lá. Nós queremos o destino. E como a viagem tanto para aqueles que lutam contra a atração homossexual quanto para os pais deles é repleta de dificuldades, de noites sem dormir, de angústia mental e horas de oração, queremos saber se há uma razão para tudo isso. Nosso desejo por soluções é natural e compreensível, mas Jesus nos chama para entregar a ele essa exigência por soluções. Mais importante que ter as respostas que queremos é confiar que Deus está apenas nos pedindo para colocá-lo no centro desses paradoxos e mistérios. Enquanto queremos uma resposta, Deus está nos pedindo para acompanhá-lo fielmente e vivermos no meio de toda essa ambiguidade, permanecendo fiéis e glorificando-o com nossas vidas. Claro, isso é muito mais fácil de falar do que fazer.

Para você, o pai ou a mãe, que só há bem pouco tempo recebeu a revelação de que seu filho sente atração pelo mesmo sexo e possivelmente já se envolveu em comportamento homossexual, isso

pode parecer uma bomba detonando dentro de sua casa, de sua vida e de seus planos. Você fica tentando entender como juntar todas as peças novamente. Você, muito provavelmente, está descrente e confuso, e mais do que provavelmente está irado. Para o pai ou mãe que tem trilhado essa estrada há alguns anos e seu filho já está na idade adulta, você fica suscetível a sentir-se cansado, pois já fez inúmeras orações e passou muitas noites chorando até conseguir adormecer. Você mesmo pode estar à beira de perder a fé numa possibilidade de mudança. É tão fácil perder a esperança quando nossa sociedade exalta tanto o mundo gay e a homossexualidade é tão festejada, enquanto Deus é tão ridicularizado. Espero que as seguintes informações e conselhos neste capítulo possam encorajá-lo.

Tendo reconhecido essas realidades, entendo que sugerir a aceitação da incerteza pode não parecer muito útil em primeira análise, mas digo a você que existe liberdade nisso. Nem tudo pode ser reduzido a uma explicação ou uma fórmula simples. Colocar-se no meio desse mistério e dizer “eu não sei” requer humildade e entrega e, finalmente, é preciso fé para fazer isso.

Três verdades fundamentais

Sendo alguém que iniciou atividade homossexual na tenra idade de 12 anos, durante toda a adolescência e, em seguida, até os 20 e poucos anos e que ainda assim é hoje um homem de família e cristão fiel; sendo alguém que já viu incontáveis homens e mulheres gays assumidos voltarem para seu porto seguro espiritual e, como o filho pródigo bíblico, caíram em si para viver para Cristo, gostaria de lhe pedir para lembrar-se de três verdades fundamentais quando se trata de seu filho ou filha:

1. A espiritualidade do seu filho é o assunto principal.

A principal preocupação sobre o bem-estar do seu filho não é a identidade sexual, mas a espiritualidade. Seu filho ou filha que sente atração homossexual pode aprender a superar seus desafios e viver uma vida cristã preenchida por Cristo, gratificante e feliz. Discípulos que sentem atração homossexual em todo o mundo fazem isso todos os dias. Você, como pai ou mãe, pode aprender a ter um orgulho incrível desse filho ou filha vitoriosa.

Falando como um cristão que sente atração homossexual, posso atestar o fato de que prefiro conviver com atração pelo mesmo sexo sendo um cristão salvo, que vai para o céu, a viver como um homem heterossexual que está perdido e vai para o inferno. Não se deixe ser apanhado na armadilha de permitir que a orientação sexual de seu filho seja a questão principal; com certeza não é.

2. Seu filho não é inerentemente homossexual.

Seu filho ou filha está vivendo uma vida que Deus não planejou para ele, embora ele talvez acredite que sentir atração homossexual seja inerente a sua natureza. Deus não os criou assim; isso não é uma representação de como o Senhor queria que ele experimentasse a sexualidade ou os relacionamentos. Assim como cada ser humano no planeta, seu filho está sofrendo os efeitos de viver em um mundo decaído e corrompido. Isso é uma boa notícia para os pais de filhos que sentem atração homossexual, independentemente da idade, porque por meio de Jesus, o que foi destruído pode ser reconstruído mais uma vez. Talvez haja cicatrizes como prova de que havia uma ferida aberta em algum momento, mas as cicatrizes também ficam como prova de que houve cura. Essa é a mensagem de 1 Coríntios 6:9-11 quando Paulo se dirige aos cristãos, alguns dos quais antes de se tornarem discípulos praticavam a homossexualidade: “Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus”. Então, permaneçam cheios de esperança, apeguem-se a ela, pois Deus está trabalhando para curar as feridas.

3. Seu filho pertence ao Senhor.

A terceira verdade fundamental é que o chamado de Deus para seu filho é irrevogável: Deus não desistirá de chamar seu filho de volta para si. Embora biologicamente esse filho seja seu, espiritualmente, ele ou ela pertence ao Senhor. Para o Criador, você é uma barriga de aluguel. O Senhor é o pai verdadeiro. Ele está dirigindo a vida de seu filho contínua e perfeitamente, e cuidadosamente tecendo o mundo dele – com você percebendo isso ou não – tudo num esforço constante para trazê-lo de volta a casa para receber seu abraço amoroso, com muito carinho. Lembre-se das reconfortantes palavras de Oseias e deixe que elas aqueçam seu coração mostrando como Deus sente com relação a seu filho:

Mas fui eu quem ensinou Efraim a andar, tomando-o nos braços;
mas eles não perceberam que fui eu quem os curou.
Eu os conduzi com laços de bondade humana e de amor;
tirei do seu pescoço o jugo e me inclinei para alimentá-los. (Oseias 11:3 – 4)

Três passos necessários

Com essas três verdades fundamentais no lugar, deixe-me oferecer três medidas necessárias que seriam úteis você tomar a fim de avançar com fé:

1. Liberte-se da culpa.

O que faz com que alguém comece a sentir atração homossexual? A conclusão é que ninguém é capaz de apresentar uma resposta definitiva. Existem muitas influências que possivelmente contribuem para alguém estabelecer uma atração pelo mesmo sexo. Não há investigação científica concreta, provando que há uma conexão genética ou biológica. Nós, contudo, vemos muitas vezes padrões que parecem apontar para essas influências, e a lista é extensa.

Sempre que falamos de qualquer tipo de comportamento humano, é sempre uma fórmula que envolve a complicada combinação de natureza e criação (minhas desculpas a todos os psicólogos por essa definição embaraçosamente simples de que estou prestes a apresentar).

A natureza tem a ver com biologia, genética e características inatas. A criação tem a ver com experiências, relacionamentos e influências ambientais de uma pessoa. Tudo que faz parte da experiência humana (incluindo identidade sexual) entrelaça de modo intrincado os componentes da natureza e criação.

Vamos então começar analisando a natureza. O que somos nós para determinar a natureza e o papel que ela desempenha na causa da homossexualidade? Será que existe um "gene gay?". Ainda não, pois ainda não foi descoberto. O que isso significa é que a composição genética de uma criança influencia ou contribui para a dinâmica complexa que ocorre enquanto ela cresce, se desenvolve e progride em seu desenvolvimento de identidade sexual. Embora talvez não haja um gene gay, a natureza de fato desempenha um papel indireto na determinação de quem nos tornamos.

Já que as pessoas se esforçam para entender por que alguém sente atração homossexual, elas muitas vezes procuram alguém para culpar, e os pais podem ser um alvo fácil. Isso se dá principalmente devido à falta de instrução, mitos divulgados na nossa cultura e às vezes até culpa autoinfligida dos pais. Podemos ficar consumidos pela necessidade de encontrar uma resposta; isso não só é triste, mas

também injusto. A partir de estudos científicos, não há evidências conclusivas de que a genética sozinho seja responsável pela atração pelo mesmo sexo.

Agora vejamos o aspecto da criação. Lembre-se, a criação tem a ver com experiências, relacionamentos e influências ambientais de uma pessoa. Posso dizer com segurança que não há nada que um pai ou mãe possa fazer para garantir que seu filho sentirá atração pelo mesmo sexo; da mesma forma, não há nada que um pai ou mãe possa fazer para garantir que seu filho não sentirá atração pelo mesmo sexo. Isso não quer dizer que passar um tempo investigando a dinâmica familiar em sua casa não seria benéfica, mas claramente é apenas uma parte entre muitas e com certeza não é a causa central que muitos rapidamente se apressam em identificar. Você não é a única influência na vida do seu filho.

Há sabedoria, porém, em perguntar a Deus onde foi que você errou no seu papel de pai ou mãe. Eu mesmo, sendo um pai imperfeito de quatro adolescentes, sei o quanto é doloroso, mas se o Espírito Santo lhe revelar algo, aceite, peça perdão e depois não olhe para o passado. Siga em frente, na direção do alvo e esqueça o que ficou para trás (Filipenses 3:12-13). Se você tem carregado um fardo de culpa e vergonha, examinando, reexaminando e questionando repetidamente onde você errou no seu papel de pai ou mãe que possa ter causado confusão de identidade sexual no seu filho, é hora de abandonar essa linha de raciocínio e libertar-se de um fardo que você não deveria estar carregando. Se você vem culpando seu cônjuge, acusando-o de ser o principal responsável pela orientação sexual de seu filho, é hora de abandonar essa linha de raciocínio e libertar seu cônjuge de um fardo que ele não deveria estar carregando. Sei que você está desesperado para encontrar uma resposta, porque acha que ela vai trazer paz, mas, por favor, entenda que você não é mais do que uma pequena parte do que formou a vida do seu filho. Existem muitas facetas e fatores que contribuem para a atração homossexual de seu filho ou filha que simplesmente estão fora de seu controle. Natureza e criação desempenham um papel no nosso desenvolvimento e nenhum deles pode ser o único culpado pelo resultado.

2. Entregue seu filho a Deus.

Se você não fez isso ainda, esse é o momento para entregar seu filho ao Senhor. Isso não significa abandoná-lo, nem significa que você vai ficar de braços cruzados. Isso significa que no seu coração e alma você entregou seu ente querido a Deus. Liberte-se do peso da responsabilidade de que a situação espiritual e o destino eterno do seu filho dependem de você. Isso não é verdade; nunca foi nem nunca será.

Entregue seu filho nas mãos de Deus e deixe que construam um relacionamento. Entregar seu filho a Deus com humildade muito provavelmente será uma decisão que você terá que voltar a fazer várias vezes com o passar do tempo. Pais amorosos muitas vezes sentirão a tentação de tentar pegar esse fardo de volta. Quando sentirem isso acontecendo no seu coração, entreguem seu filho novamente. Vocês não devem se considerar responsáveis pela salvação do seu filho. Aos pais cabe a tarefa de ensinar com sabedoria, direcionar, guiar e amar; o resto ficará a cargo do livre arbítrio de seu próprio filho em escolher como vai viver a vida, e também do Senhor.

3. Responda com intenção.

Após libertar-se da culpa e entregar seu filho ao Senhor, permitindo assim que Deus trabalhe no lado espiritual, como você deve prosseguir no mundo físico, ajudando seu filho ou filha que sente atração pelo mesmo sexo? Responda com intenção; tenha um propósito. E assegure-se de estar agindo com muita determinação, oração, tenacidade e resolução.

Embora Satanás esteja tentando usar a homossexualidade como uma arma de destruição em

massa na sua família, você tem que encontrar dentro de si a vontade e a força para lutar e não permitir que a sua família seja uma vítima da guerra. Só porque seu filho pode estar envolvido em comportamento homossexual hoje não significa que o futuro dele ou dela está selado, independentemente de quantos anos eles têm ou há quanto tempo eles estão envolvidos com homossexualidade. Nem tudo está perdido; há esperança, mas você tem que aprender a lutar contra o diabo e o plano de tentar acabar com sua família. Você deve fazer isso com discernimento e agúcia.

Ao lidar com seu filho homossexual, sugiro que você não trate isso como uma campanha de "choque e pavor" como muitos pais fazem, batendo de frente com o filho. Para ganhar essa batalha pela sua família, você precisa agir como se estivesse numa missão de "operações especiais". Nessa operação, você furtivamente tenta atravessar as linhas inimigas e se infiltrar no território de Satanás de modo lento, porém firme, aos poucos e com muita oração e amor. Tire as algemas do seu filho que está acorrentado na homossexualidade e traga-o de volta para casa em segurança. Lembre-se, seu filho não é o inimigo, Satanás é o inimigo; ele capturou seu filho ou filha. Obviamente, não há nenhuma opção, a não ser agir.

Você fará isso sem errar? Claro que não. Mas nas palavras de Theodore Roosevelt: "A melhor coisa que você pode fazer é a coisa certa, a segunda melhor opção é fazer a coisa errada, e a pior opção é não fazer nada". Muitas vezes pais e mães me perguntam o que devem fazer ou dizer quando seu filho vem pela primeira vez com a terrível notícia de que sente atração pelo mesmo sexo ou que já está envolvido em comportamento homossexual. Minha resposta é "se envolva!". Em todas as outras áreas da vida do seu filho, depois que ele nasceu, você deliberadamente entrou em cena para protegê-lo quando ele ou ela se envolveu em qualquer outro tipo de comportamento destrutivo; é inadmissível ficar sentado sem fazer nada. Assim, faça a mesma coisa com relação à homossexualidade.

Você e seu filho podem ter levado um ou dois tiros e tiveram alguns ferimentos nessa guerra iniciada por Satanás. Porém, ninguém em sua família deve ser uma vítima. Vamos em frente com um coração de combate e atitude que diz: "Satanás pode ter começado essa luta, mas o Senhor e eu é que vamos terminar, não importa quanto tempo leve".

As cinco fases do luto

Em 1969, a psiquiatra suíço-americana Dra. Elisabeth Kübler-Ross publicou um livro pioneiro intitulado *Sobre a Morte e o Morrer*. No livro, ela discute o que é agora conhecido como o "modelo Kübler-Ross": uma teoria baseada no seu trabalho com doentes terminais, que define cinco fases do luto que as pessoas passam ao descobrir que vão morrer em breve: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. É claro que pessoas que passam por provações de muito menor agouro do que a morte iminente também podem passar por esse ciclo de cinco estágios de luto. Podemos citar como exemplo a perda de um emprego ou de uma casa, um divórcio e falência nos negócios.

Certamente, receber a notícia de que seu filho sente atração homossexual e que talvez esteja participando de atividade homossexual é outro exemplo; a dor que sofre um pai é muito real e forte. Ouvi pais dizerem que quando receberam essa notícia, sentiram-se na verdade como se uma parte deles tivesse morrido. Será que isso é exagero? Acho que não.

Uma mãe sofrerá a dor da perda do sonho do casamento de seu filho (pelo menos o tipo de casamento que ela há muito vinha idealizando) e muito provavelmente a perda da futura alegria do filho dela ter filhos, o que significa que não haverá nenhum neto para amar e acariciar. Pais lamentarão não poder ver seu filho transmitindo o sobrenome da família. É verdade que descobrir que seu filho sente atração pelo mesmo sexo e que possivelmente é homossexual seja bastante devastador e todos esses

pais atravessarão os mesmos cinco estágios de luto em grau maior ou menor. Independentemente de onde você esteja nesse processo, é importante responder a seu filho de modo solícito, amoroso e com respeito.

É útil saber de uma coisa: não importa o quanto seu mundo tenha virado de cabeça para baixo, a intenção do seu filho nunca foi magoar ou ferir você. Quando seu filho vem até você para dar essa notícia, ele já passou muito tempo pensando, chorando, examinando a si mesmo e provavelmente orando. Sei que revelar minha atração homossexual para minha família foi um dos momentos mais terríveis da minha vida e ouço o tempo todo esse sentimento por parte dos discípulos que têm atração pelo mesmo sexo. Regularmente recebo ligações de adolescentes querendo saber como eles podem compartilhar essa informação sem magoar seus pais ou irmãos. Cartas como a que incluí no início deste capítulo são apenas um exemplo do tipo de medo e confusão que adolescentes que sentem atração homossexual passam quando desejam contar a seus pais sobre essa luta:

“Quero que eles saibam, mas estou com medo porque quero que eles me amem mesmo assim, e quero que saibam que ainda sou um bom rapaz. Não sei como jogar essa bomba em cima deles. Você pode ajudar a mim e a meus pais?”.

É muito triste, não acha?

Claro, há pouco que pode ser feito para aliviar o golpe inicial, mas espero que você encontre um pouco de paz em saber que nunca foi intenção do seu filho causar esse tipo de transtorno. Seu filho ama você além do que palavras podem expressar e tem a expectativa de que você tenha o mesmo sentimento por ele, mesmo depois de ter compartilhado tão abertamente essa parte de sua vida.

Concentre-se na sua própria saúde

O Senhor está tão preocupado com seu bem-estar espiritual quanto do seu filho. Ele está dirigindo e trabalhando em situações na sua vida também: ele se move suave e carinhosamente, tentando usar essas situações para amadurecer você e torná-lo semelhante a Cristo. Seu filho não é a única pessoa em que Deus está trabalhando. Por que não permitir que essa jornada seja um bem poderoso, afetando o crescimento positivo em sua vida e na vida dos seus familiares?

Para poder receber adequadamente esse tipo de atenção divina e seguir em frente com intenção e propósito na vida do seu filho, você tem que estar saudável, pois você muito provavelmente vai percorrer um longo caminho com seu filho ou filha. Embora você possa ficar em estado de choque no início e até mesmo encontrar-se sofrendo espiritualmente por causa desse desafio, você não tem a liberdade para permitir que essa seja a sua realidade por muito tempo. Não é momento de nos afastarmos do Senhor como Satanás deseja desesperadamente. Odeio afirmar o óbvio aqui, mas se você não for conhecido como um guerreiro de oração em sua vida cristã, este é o momento de começar; se você já é, não é hora de parar.

Ore por você mesmo. Ore para que você e seu cônjuge estejam mais unidos do que nunca e que vocês trabalhem como equipe para conduzir a sua família através desse desafio. Ore para que seus outros filhos cheguem mais perto de Deus por causa disso. Ore para que Deus use essa área de desafio em sua vida para incentivar e ajudar outras famílias que estão passando pelas mesmas provações. Se seu filho ou filha atualmente tem um parceiro, ore por eles também, pois também são almas perdidas e vítimas de Satanás nesse conflito espiritual.

Estratégias úteis para lidar com seu filho

Muitas vezes quando estou falando com os pais de filhos que sentem atração homossexual, peço que me contem sobre o seu filho ou filha, e na maioria das vezes ouço uma descrição de uma pessoa que é brilhante, talentosa, intuitiva, criativa, gentil, sensível, perseverante, articulada e alguém que tem muitos amigos. Quem não gostaria de ouvir seu filho sendo descrito assim? Embora pais de filhos que sentem atração homossexual usem esse tipo de linguagem afirmativa ao descreverem seus filhos, muitas vezes adicionam que ele ou ela também é muito imaturo. Imaturidade é apenas um sinal de que existem alguns déficits no desenvolvimento, algumas questões que nunca foram completamente resolvidas na infância.

Na sua essência, a homossexualidade é um problema relacional, e não sexual, e as questões subjacentes tem muito mais a ver com crescimento e desenvolvimento do que qualquer outra coisa. Em outras palavras, é algo que, durante os anos de formação, não foi completamente fechado de maneira ideal. Por qualquer motivo (mais uma vez, há muitos fatores que contribuem para isso), seu filho não sentiu todo o amor, afirmação e validação para seu verdadeiro “eu” e gênero, seja por parte da família ou de amigos, ou até mesmo de si próprio e, portanto, cresceu com lacunas no seu desenvolvimento emocional e confusão em torno de sua identidade. Quando isso acontece, a criança fica à procura de maneiras de preencher buracos emocionais.

Dra. Janelle Hallman é uma especialista reconhecida internacionalmente na área da homossexualidade feminina e dependência emocional, autora do livro *The Heart of Female Same-Sex Attraction*, [O Coração da Atração Homossexual Feminina], obra que recomendo muito. Em uma palestra apresentada pela Dra. Hallman, a que eu pessoalmente assisti em 2007, ela falou extensivamente sobre os métodos que ela usa quando aconselha pais de filhos que sentem atração pelo mesmo sexo. As estratégias apresentadas no restante do presente capítulo são creditadas ao seu trabalho nesse campo. Adicionei pensamentos meus com base na minha própria experiência pessoal com essa questão.

Quando a criança se envolve em um relacionamento com alguém do mesmo sexo que é afirmativo e acolhedor, é como se ela preenchesse suas deficiências de desenvolvimento. Isso se torna problemático porque se ainda houver necessidade legítima de acolhimento por parte dos pais ou amigos, um relacionamento sexual nunca irá proporcionar o que somente a mãe, o pai ou uma amizade saudável e não sexual proporciona. É por isso que homens e mulheres gays frequentemente pulam de um relacionamento para outro: porque eles estão tentando preencher necessidades emocionais legítimas de uma maneira que nunca preencherá essas lacunas. Será que esses déficits poderiam ser supridos adequadamente mais tarde na estrada na vida? Sim. A boa notícia é que o desenvolvimento de todas as pessoas é fluido. Contudo, a verdade é que existem métodos que funcionam e métodos que não funcionam; a homossexualidade é um método que, definitivamente, não funciona porque nunca vai preencher esse vazio.

O que pode funcionar é um pai ou mãe que conseguem proporcionar um ambiente em que a criança pode adquirir as peças de desenvolvimento que ela ainda não tem mais tarde, em algum momento da vida. Se você se torna alguém disposto a trabalhar habilidades e estratégias de comunicação que fortalecem a ligação com seu filho, isso o ajudará em seu processo de formação, crescimento e cura. Ao fazer isso, você oferecerá uma qualidade de conexão e amor que é terapêutica e auxilia na resolução de algumas dessas deficiências emocionais subjacentes que, em princípio, produziram essa atração pelo mesmo sexo. Essas são estratégias simples que qualquer pai ou mãe pode usar ao longo do tempo e que têm comprovada utilidade. O objetivo de compartilhá-los aqui é ajudar a impedir que seu filho ou filha tenha a sensação de ser o paciente identificado ou o projeto da família que precisa ser “consertado”, mantendo ao mesmo tempo o diálogo aberto entre você e seu filho.

Será que usar essas ou quaisquer outras técnicas vai "curar" seu filho da atração homoerótica? Muito provavelmente não, pois embora haja alguns que afirmem ter conseguido este tipo de recuperação completa (em que a atração homossexual desaparece completamente e atração heterossexual total é atingida), tais casos são extremamente raros. Para a maioria, a eliminação total da atração pelo mesmo sexo não se realizará aqui na terra, independentemente das terapias ou métodos empregados. Isso, porém, não quer dizer que não devemos nos esforçar para encorajar a cura e a plenitude para nossos filhos sempre que estiverem em nosso alcance. Neste sentido, na verdade, um pai ou mãe que de fato exerce sua função nunca está livre.

A Dra. Hallman também oferece os seguintes passos que podem fortalecer sua ligação com seu filho e ajudar a trazer a cura. Esses conselhos são muito práticos para qualquer pai ou mãe, embora a linguagem destine-se especificamente para pais de um filho que sente atração pelo mesmo sexo.

1. Concentre-se nos dons e talentos do seu filho.

Faça uma lista de dons e talentos do seu filho. Faça a lista do modo mais completo e abrangente que puder. Quando você se sentir desanimado e oprimido (às vezes isso acontece diariamente), consulte essa lista; leia até o final e valorize tudo com que Deus abençoou seu filho. Isso é importante porque muitas vezes, em dias difíceis e sombrios, quando a esperança parece distante, pode ser fácil esquecer como seu filho é realmente maravilhoso. Isso o ajudará a lembrar que a atração homossexual é uma pequena parte da vida dele, não sua identidade completa. Há tantas outras características dele que você ama e pelas quais você pode dar graças a Deus.

2. Use palavras de afirmação.

É possível que crianças cresçam num lar estável e amoroso e não assimilem a afirmação que os pais tentaram oferecer ao longo dos anos. Também é possível que, em meio a uma vida agitada e frenética, pais negligenciem a importância das palavras de afirmação para os filhos. Também é comum que o uso regular de palavras de afirmação não seja o tipo de interação presente no diálogo familiar passado de geração em geração dentro de sua família. Seja qual for o caso, enquanto você busca fazer progresso sem se importar com a idade do seu filho (não importa se ele tem 14 anos ou 40), será preciso encontrar muitas oportunidades de expressar palavras de afirmação.

Quando você observa seu filho exibindo qualidades e traços de bondade e compaixão, não deixe que esses momentos passem sem comentar o quanto você ama essa característica e quanto orgulho você sente por isso. É possível fazer isso mesmo quando seu filho está em um relacionamento homossexual e você observa como ele ou ela mostra compaixão ou bondade com o parceiro. Você é livre para amar seu filho pelo que ele é como pessoa, mesmo quando você não aprova todas as decisões que ele tomou na vida. Não tenha medo de afirmar o fato de que seu filho é um indivíduo generoso e carinhoso. Essa é uma característica válida e verdadeira do caráter dele e reflete o caráter de Deus. Diga a seu filho que você percebe as qualidades do seu coração e que sente orgulho da pessoa que ele se tornou. Se esse tipo de apoio verbal tradicionalmente não faz parte do diálogo no relacionamento com seus filhos, não desanime. A boa notícia é que você pode começar hoje.

3. Não tente explicar a homossexualidade ao seu filho.

Como um cristão adulto que sente atração homossexual, tenho a experiência de muito êxito em

superar minhas tentações, meus sentimentos e emoções homoeróticas; embora tenha alcançado muitas vitórias ao longo dos anos, passei incontáveis horas de oração, elaboração de estratégias, discussão, confissão, estudos e autodisciplina, juntamente com uma dependência total de Deus para alcançar esse sucesso. Essa experiência envolveu lutas comigo mesmo, com o diabo e com Deus. Isso tem sido a batalha da minha vida. Custou tudo o que tenho e mais um pouco. Pensar que minha luta de quarenta anos contra a atração pelo mesmo sexo possa ser resumida em uma explicação simples e um pouco de raciocínio dedutivo seria ofensivo e também seria um sinal para mim que você não valoriza o fato de que minha orientação sexual foi entretecida em meu desenvolvimento como homem. Não é algo que pode ser ligado ou desligado quando a pessoa quer. Se eu tivesse descoberto facilmente uma maneira de mudar isso agora, pode acreditar que eu o faria.

Os pais precisam se acalmar e buscar entender, junto com os filhos, o mistério da atração pelo mesmo sexo, especialmente se estiverem em idade adulta, e sentir empatia pela complexidade de suas vidas. Não estou dizendo que devemos evitar ter conversas profundas com nossos filhos sobre este assunto, ou que devemos desencorajar a busca por respostas. Se seu filho ou filha está num momento da vida em que está disposto a fazer isso com você, isso é incrível! O que estou dizendo, porém, é que temos de ter cuidado para não oferecer explicações simplistas e dogmáticas para um assunto tão complexo.

4. Conheça sua própria história.

Faça uma avaliação: você tem problemas de intimidade ou sofreu um padrão de vínculos rompidos em seu próprio passado? É bem possível que você careça de algumas habilidades que poderiam ajudá-lo a se unir a seu filho ou seu filho se unir a você. Se você vê isso no seu próprio passado, por exemplo, um histórico que inclui abandono, divórcio, depressão, doença mental, separação ou até mesmo a morte de seu próprio relacionamento pai-filho (ou mãe-filho), é possível que haja algo em sua vida que você queira investigar para poder se conectar com suas próprias decepções e perdas. Tenha consciência de sua própria história de vida. Isso ajudará você a entrar em sintonia com seu filho, caso ele ou ela sinta que sofreu diferentes tipos de abandono em sua própria história. Se você consegue entrar em contato com sua própria dor, poderá mais facilmente conectar-se e sentir empatia pela dor do seu filho.

5. Aceite de modo incondicional e radical.

Deixe-me primeiro definir o que quero dizer quando uso a palavra "aceitação". Aceitação não é a mesma coisa que aprovação, tolerância ou a apologia de um comportamento. Você pode aceitar e reconhecer no seu próprio coração as realidades atuais que seu filho está experimentando, sem ter que aprovar, tolerar ou compactuar com suas decisões ou ações. Aceitação incondicional e radical é uma atitude que diz: "amo meu filho do jeito que ele é. Aceito todos os aspectos da sua vida, entendo que ele está corrompido e decaído neste mundo pecaminoso, e vou amá-lo da melhor maneira que eu puder". Ter esta atitude é importante porque a homossexualidade é algo estigmatizado. Pode ser fácil dar a entender que vamos reter a aceitação de um filho a menos que eles deixem de sentir atração sexual pelo mesmo gênero.

Definitivamente não era essa a maneira que Jesus pensava das pessoas. Ele era capaz de ver homens e mulheres na pior situação e ainda assim aceitá-los, a ponto de estar disposto a ter comunhão com aqueles "pecadores" e amá-los. Ele obviamente não aprovava as decisões e ações que os ladrões, bêbados e prostitutas tinham tomado em suas vidas, mas ele com certeza virou o mundo religioso de cabeça para baixo com seu desejo incondicional de aceitá-los do jeito que eles estavam naquela fase da vida. Jesus genuinamente amou e cuidou deles apesar de situações tão extremas. A aceitação que Jesus

mostrou àquelas pessoas, a vontade de estar com elas, de dialogar, de partilhar das refeições, de se divertir com elas não foi definida por uma escala baseada em retidão ou disponibilidade de arrependimento, nem mesmo condicionada a ouvir a mensagem. É esse mesmo coração e atitude que precisamos estender aos nossos filhos quando eles estão envolvidos em comportamentos que não estão alinhados com o que Deus quer.

Como pais, nosso objetivo deve ser aceitar incondicionalmente nossos filhos e amá-los, quer eles mudem quer não. Definitivamente, você pode mostrar aceitação, graça e ternura; pode ser gentil, divertido, amigo e confidente de seu filho. Pode ser que um dia seu filho veja a homossexualidade como pecado e queira se arrepender e entregar sua vida ao Senhor e viver segundo o padrão bíblico de sexualidade; ou pode ser que não. Não tire seu carinho ou deixe de fazer o que costumava fazer por ele e com ele antes de saber sobre sua homossexualidade. Isso não é aprovar a homossexualidade; é amar o seu filho ou filha à moda de Jesus e uma das maneiras principais para ajudar a libertar seu filho das correntes da homossexualidade.

Seu objetivo em sua comunicação diária com seu filho não é continuamente tocar no ponto de que a homossexualidade é errada ou pecado. Lembre-se: isso não é uma batalha de "choque e pavor". Não estou sugerindo que você se cale com relação à ética sexual bíblica, mas há chances de que seu filho adulto já seja um bom conhecedor da visão bíblica. Se o tom de seu discurso é geralmente de confrontação, oposição, correção ou relutância em aceitar a condição atual de seu filho, ele não vai responder e muito provavelmente evitará falar com você tanto quanto puder.

Não se focalize no que você vê

Finalmente, deixe-me pedir a você que se focalize no que diz a Palavra, não no que você vê. Às vezes o que você vai ver com seus olhos físicos é caos e desordem: características verdadeiramente satânicas e marca da homossexualidade. Como cristãos, precisamos ser capazes de ver com nossos olhos espirituais. Isso só pode ser feito por meio da concentração na Palavra de Deus e nas verdades que nela encontramos. Clame e se apegue a Escrituras como Jeremias 33:3 que diz: "Clame a mim e eu responderei e lhe direi coisas grandiosas e insondáveis que você não conhece"; Hebreus 11:1, que corajosamente faz uma afirmação necessária a todos os pais: "Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos"; e 1 Pedro 5:6-7, que diz: "Portanto, humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus, para que ele os exalte no tempo devido. Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês".

Continue oferecendo sementes de reconciliação

Como essa é uma jornada que pode levar anos, ore para que você possa combinar seu tempo de envolvimento intencional com o tempo de Deus. Isso pode significar passar tempo juntos em um ambiente onde você fará vista grossa para o problema; situações em que você e talvez sua família inteira possa se envolver em atividades que trarão de volta memórias positivas, ou apenas passar um tempo juntos em que não se faz menção ao assunto "gay". Pode ser preciso esforço de sua parte para não trazer o assunto à tona e negar o desejo de "entender" seu filho.

Independentemente do que acontecer, continue oferecendo sementes de reconciliação a seu filho. Seu relacionamento com ele é precioso. Valorize-o como tal e esteja determinado a se reconciliar, não a condenar.

Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas! Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio

de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não lançando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação. (2 Coríntios 5:17-19)

Há muitas coisas boas que virão com isso: Seu casamento pode melhorar, sua compaixão para com os fracos e à margem da vida pode se expandir, sua caminhada com Deus pode tornar-se mais profunda e mais significativa e sua capacidade de aconselhar os outros pode crescer. Não deixe que a homossexualidade de seu filho seja algo que afasta você do Senhor; permita que isso seja algo que o aproxime. Não deixe que isso destrua sua vida; use essa situação como uma oportunidade para edificá-la.

Finalmente, seria bom que a maioria dos pais no mundo se lembrasse de que seus filhos vão lutar contra alguma área problemática na vida terrena. Pode ser que no íntimo você desejasse que não fosse a homossexualidade, mas a verdade é que se não fosse isso, seria outra coisa. Os pais de um filho que sente atração heterossexual podem presumir que, porque seu filho não lida com questões de identidade sexual, eles de alguma forma conseguiram escapar de um grande problema, mas isso é errado. Se eles escaparam do problema da identidade sexual, você pode ter certeza que existe alguma outra coisa. Então, se você conseguir aprender a relaxar (lembre-se: você já entregou seu filho a Deus) e se dispuser a aceitar que sua vida é assim, que seu filho ou filha sente atração homossexual e provavelmente tem um parceiro, você já está avançando na direção de criar um ambiente onde possa haver mais diálogo. Você estará, sem dúvida nenhuma, promovendo uma valorização de seu filho ao amá-lo e aceitá-lo, mesmo que ele esteja ciente de que você não aprova o que ele está fazendo.

É um fato que você não pode ajudar a mudar o que você se recusa a aceitar como realidade. Para manter a comunicação fluindo, será importante manter um diálogo consigo mesmo, como: "Vejo meu filho agora do jeito que ele me diz que é, porque quero estar ligado a ele". Tenha uma atitude que diz: "Andarei lado a lado, de mãos dadas com meu filho ou minha filha, mesmo que tenhamos opiniões diferentes". Lembre-se, seu filho homossexual atualmente não é cristão, então não tenha a expectativa de que ele viva como cristão. Não comunique uma atitude de vê-lo como pecador, mas de só aceitá-lo se ele não pecar. Deus dá a cada um de nós a liberdade para ter sucesso e fracasso e precisamos oferecer a mesma liberdade a nossos filhos.

Como um pai e um companheiro cristão, ofereço-lhe esses conselhos com amor, com compaixão por você e por seu filho, com sinceridade, com esperança e fé de que Deus vai mover seu coração e curar a mágoa e a dor que você talvez esteja sentindo. Acredito de todo o meu coração que ele é capaz de fazer imensamente mais do que podemos pedir ou imaginar. É minha esperança e oração que ao prosseguir você permita que o Espírito Santo guie a vida de seu filho ou filha; e que a decisão de se libertar da culpa sirva como um refrigerio espiritual em sua vida. Deus está trabalhando no mundo do seu filho, assim como trabalha no seu. Tenha temor a Deus por causa do modo milagroso que ele está trabalhando e louve-o por isso. Ninguém sabe exatamente o que você está passando, exceto Deus. Por mais incerta e sombria a situação, saiba que Deus está acima de tudo, age por meio de tudo e está em tudo, e é a autoridade final sobre todas as coisas. Ele ama seu filho mais do que você possa imaginar.

Referências

1. Joe Dallas, *When Homosexuality Hits Your Home* (Eugene, OR: Harvest House, 2004).
2. Stanton L. Jones e Mark A. Yarhouse, *Homosexuality: The Use of Scientific Research in the Church's Moral Debate* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000).
3. Janelle Hallman, *The Heart of Female Same-Sex Attraction: A Comprehensive Counseling Resource* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2008).

4. Anne Paulk, *Restoring Sexual Identity: Hope for Women* (Eugene, OU Harvest House, 2003).
5. Mark A. Yarhouse and Lori A. Burkett, *Sexual Identity: A Guide in the Time Between the Times* (New York: University Press of America, 2003).
6. Consulte: www.instituteforhealthyfamilies.org.
7. Janette Howard, *Out of Egypt: One Woman's Journey out of Lesbianism* Howard Books, 2001)
8. Wesley Hill, *Washed and Waiting: Reflections on Christian Faithfulness and Homosexuality* (Zondervan, 2010)

Capítulo 7

Como compartilhar sua fé com a comunidade LGBT

Para quem só sabe usar martelo, todo problema é um prego.

Abraham Maslow, psicólogo americano

Eu não sabia onde estava me metendo; não fiz muitas perguntas sobre quem seria o público e estava muito entusiasmado por ter sido convidado a fazer a palestra. Meu ministério era relativamente novo e em grande parte desconhecido e, à exceção de alguns convites, até aquele momento eu não tinha feito muitas palestras públicas sobre o assunto. Então, quando veio convite para viajar até New Brunswick, Nova Jersey, para uma palestra na Universidade Rutgers sobre o tópico: "Cristianismo e homossexualidade" em nome do ministério universitário da igreja de lá e de uma organização estudantil chamada "*Campus Advance*", rapidamente respondi de forma afirmativa. O que poderia dar errado? Minha suposição é que o público fosse composto principalmente de universitários cristãos simpáticos e amistosos, ansiosos para ouvir a história sobre como eu tinha ido de homossexual a cristão, juntamente com um pouco da minha filosofia sobre como ajudar outros a fazerem o mesmo. Mas não foi esse o propósito principal por trás do convite, nem o público era do tipo que eu estava esperando.

Em vez de só querer ouvir meu testemunho (e por que alguém não gostaria disso?), aquele pequeno ministério universitário cristão com cerca de 25 estudantes ansiosos e entusiasmados, procurou utilizar esse assunto altamente controverso, calorosamente debatido e desagregador como uma oportunidade para alcançar seu campus, como se fosse um evento evangelístico. Eles penduraram cartazes e ousadamente convidaram tantas pessoas quanto puderam, mas depois que a notícia se espalhou, o evento a ser realizado não foi bem recebido. É fácil entender o porquê.

Poucos meses antes da minha chegada, a extremamente antagônica Westboro Baptist Church, uma igreja batista independente do Kansas conhecida por piquetes nos funerais de militares dos EUA, profanar a bandeira americana e carregar cartazes abomináveis e repugnantes que dizem coisas do tipo: "Deus odeia você" e "Deus odeia bichas", tinha vindo a Rutgers University para realizar seu próprio evento e a vomitar sua mensagem ridícula.

Alunos e professores da Rutgers saíram em grande número e fizeram uma passeata pacífica contra esse grupo, carregando seus próprios cartazes de paz e amor: sentimentos que na verdade encarnam a verdadeira mensagem cristã. Que bom!

Assim, quando a notícia se espalhou no campus que um evangelista cristão canadense vinha falar sobre cristianismo e homossexualidade, a suposição imediata era que eu estaria vindo com minha própria mensagem de intolerância e ódio, da mesma maneira que eles tinham acabado de vivenciar; algo que obviamente passava muito longe do que estava no meu coração, da minha mente e da minha mensagem.

Nunca vou esquecer da ligação que recebi uma semana antes de voar para Newark. O ministro do campus disse, "Espero que você realmente tenha tido bons tempos com Deus essa semana". Não estando muito confiante sobre o quanto meus tempos devocionais tinham sido de fato espiritualmente significativos (aquela semana tinha sido difícil), timidamente disse, "Acho que foram bons. Por quê?".

"Bem, porque há muita gente aborrecida com sua vinda. Alguns estudantes estão passando pelo campus e rasgando os cartazes do evento. A notícia está se espalhando, e há pessoas que pretendem participar e protestar contra sua palestra e até tumultuar a reunião, se necessário".

De repente, percebendo que estava me metendo em algo que eu não tinha planejado nem vivido antes, rapidamente iniciei uma conversa sobre o tipo de segurança que seria necessário para a minha integridade. Será que os seguranças da universidade seriam suficientes ou seria prudente pedir à delegacia de polícia de New Brunswick para ter um ou dois policiais de prontidão? Pelo menos, eu estava esperando que um dos rapazes do ministério universitário fosse um cara fortão que facilmente intimidaria um manifestante enlouquecido; talvez ele pudesse me defender, quem sabe? Rimos nessa conversa, mas minha risada era apreensiva. Em que confusão eu tinha me envolvido? Até aquele ponto, meu público tinha sido composto de membros das igrejas e grupos de liderança também da igreja. Sentia-me em território seguro; quero dizer, mesmo quando você faz um trabalho muito ruim, os cristãos são gentis o suficiente para dizer que você foi muito bem e agradecem por você ter vindo. Mas naquele evento prestes a acontecer, ao que parece, eu teria que falar a uma grande plateia composta principalmente de homens e mulheres lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) enfurecidos e seus simpatizantes, com raiva de mim por eu estar lá e prontos a mostrar seus sentimentos.

É incrível a rapidez com que meus tempos com Deus de repente melhoraram! Orei muito na semana que se seguiu, pedindo a Deus por sabedoria e discernimento, e a linguagem adequada para construir uma ponte necessária para trazer a verdadeira mensagem de Deus e da ética sexual bíblica para aquele grupo de pessoas de tal forma que eles quisessem me escutar de verdade.

Lembro que entrei no auditório de 200 lugares e conheci cerca de 20 a 25 estudantes cristãos do campus que organizaram o evento. Eles me inspiraram muito, foi um ato de coragem e fidelidade deles em fazer o evento. Seria possível escolher um assunto mais acalorado e contencioso para discutir, especialmente em um campus universitário?

O restante do teatro rapidamente chegou à capacidade máxima. À medida que as pessoas entravam, algumas com cartazes, algumas vestindo camisetas com arco-íris e slogans promovendo os valores LGBT, achei que seria prudente de minha parte ser um pouco proativo e deixar as pessoas saberem desde o início que tipo de pessoa eu era. Um cara legal e simpático, alguém de quem eles não iriam sentir raiva nem protestar! Então fiz um trabalho com a plateia: fui de fileira em fileira me apresentando e tentando apertar as mãos das pessoas, mas a maioria nem me deu bola. Ficou claro que minha boa aparência e personalidade cativante não seriam suficientes para aquecer a frieza daquele lugar.

Considerando que eu estava falando sobre o tema da homossexualidade do ponto de vista cristão para uma plateia composta principalmente de pessoas que abertamente não concordam com a cosmovisão bíblica, eu estaria vulnerável a uma série de estereótipos e seria posicionado diretamente contra as normas culturais que a maioria na sala celebrava. Ficou claro que aquela seria uma noite difícil. Dava para sentir a tensão no ar.

Tive duas falas de 40 minutos naquela noite, com um tempo para perguntas e respostas ao final. Foi simplesmente incrível ver o quanto Deus trabalhou poderosamente naquela noite. Quando chegou a hora de fazerem as perguntas, respondi de modo calmo, paciente e amável, porém com franqueza, da melhor maneira que pude. Tantas mãos se levantaram para fazer perguntas ou comentários que teria sido impossível responder todas. Da maneira como aconteceu, acredito que o Espírito Santo me levou a escolher a mão mais importante: a de uma jovem que fazia parte de um grupo chamado "LLEGO": organização das lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, questionadores, intersexuais e aliados

negros da Universidade de Rutgers. A moça se levantou e disse que ela e muitos em seu grupo tinham vindo para uma briga; que vinham se preparando há muitos dias para discutir comigo, mas depois de ouvir a mensagem que transmiti naquela noite, não havia nada para ela a dizer, exceto que nunca tinha ouvido falar desse tipo de cristianismo. Ela disse que se isso era mesmo o cristianismo, mesmo sem ter interesse em tornar-se ela mesma uma cristã, era uma mensagem que o mundo precisava ouvir. Depois ela me agradeceu por ter vindo e sentou-se. Essa foi a última pergunta que eu precisava responder. Não houve briga, nem discussão, nem tumulto, nem ataque e não houve necessidade de segurança. A missão foi cumprida, e muitos dos que não quiseram apertar minha mão no início vieram me conhecer e compartilhar suas histórias; alguns até me abraçaram, expressando gratidão.

O jornal do *campus* de Universidade de Rutgers, o *Daily Targum*, registrou o evento. No artigo, Shawanna James, copresidente do grupo LLEGO foi citada dizendo, "Foi bom ter uma perspectiva diferente que eu não tinha ouvido sobre o cristianismo. Acho que foi ótimo muitas pessoas da comunidade LGBT terem comparecido para ouvir isso".¹

As pessoas que conheci naquela noite (no final) foram carinhosas, gentis e mostraram-se ávidas por um diálogo respeitoso. Seu comportamento no início, quando chegaram, não foi baseado em quem eles são como pessoa, mas na maneira como elas têm sido maltratadas por muitos que se intitulam "cristãos" e que têm representado a mensagem amorosa de Jesus de maneira inadequada. Fui embora naquela noite com um profundo respeito por esses homens e mulheres. Para muitos da comunidade LGBT, o cristianismo é, em grande parte, composto por fanáticos, homofóbicos, conservadores de extrema direita, malucos e ignorantes que andam de marcha a ré. Infelizmente, alguns certamente se encaixam nessa descrição. O que eu queria que eles soubessem naquela noite é que além desse estereótipo há verdadeiros homens e mulheres cristãos que realmente se preocupam com a comunidade LGBT e que estão ansiosos por ter conversas respeitosas enquanto compartilham os ensinamentos de Jesus e a ética sexual bíblica.

A mensagem que ofereci naquela noite é o que quero compartilhar com você aqui. Ofereço pensamentos sobre como compartilhar sua fé e as boas novas de Cristo com gays e lésbicas, alguns deles pessoas com quem você trabalha, outros são colegas da escola e alguns são seus vizinhos e amigos.

Tudo começa com sua atitude

Antes que você abra a boca para falar, seu coração, mente e sentimento precisam harmonizar-se com as verdades a seguir para que o diálogo que você vai estabelecer seja relevante e temperado com sal (Colossenses 4:6):

1. Qualquer pessoa deve ser tratada com dignidade, bondade e respeito, não importa o tipo de atração que ela sente, como escolheu viver sua vida ou no que ela acredita no que diz respeito à expressão sexual e questões de fé.
2. A questão são as pessoas, não a orientação sexual.

Com muita frequência, sempre que a igreja fala sobre homossexualidade é no contexto de algo a se opor. Quando a Igreja fala sobre homossexualidade, deve se falar no contexto de pessoas. Precisamos ver além do gay, ver além da lésbica e enxergar uma pessoa. Podemos agir ou dar a impressão de que, intencional ou não intencionalmente, vemos o sexo ou atração sexual como o único fator decisivo em um ser humano. Isso é um fator importante, mas não é a identidade completa de alguém. Muitos cristãos acham que não têm nenhum relacionamento pessoal próximo com gays, e as suas

perspectivas e atitudes têm sido influenciadas por uma experiência interpessoal: coisas que leram ou ouviram, viram na televisão ou no noticiário. Todavia, por trás das manchetes, atrás dos rostos na tela, estão as vidas de homens, mulheres e jovens que navegam pela realidade da atração pelo mesmo sexo em uma sociedade que torna isso uma constante e penosa batalha. Além da esfera retórica das teorias e argumentos e de alinhar-se em batalhas políticas e escolha de posicionamentos, encontram-se pessoas reais, com mágoas reais, sonhos, dons, talentos, famílias, carreiras, alegrias, tristezas, contas a pagar, exames, amores e vidas.²

3. Muitas pessoas gays e lésbicas querem conhecer a Deus. É um equívoco achar que nenhum homossexual tem interesse em questões sobre a fé e a Bíblia.
4. Os cristãos não têm todas as respostas sobre esse tema. Embora Deus tenha definido claramente que a homossexualidade é pecado, além dessa realidade a Bíblia aborda esse tópico muito pouco. Além de algumas referências indiretas à homossexualidade como a história de Ló (Gênesis 19, Judas 7, 2 Pedro 2:6-7), a Bíblia realmente só discute a homossexualidade diretamente cinco vezes (Levítico 18:22, Levítico 20:13, Romanos 1:26-27, 1 Coríntios 6:9-10 e 1 Timóteo 1:9-10) e certamente não fala sobre causas. Há muitas influências que contribuem para o porquê de alguém sentir atração homossexual, mas nem a Bíblia nem a ciência tem dado qualquer resposta definitiva a esse respeito. A única coisa que sabemos com certeza é que ninguém escolhe sentir atração homossexual. Isso significa que você precisará falar com cuidado ao abordar esta questão. Isso significa que você precisará ser honesto tanto quando você tem uma resposta disponível como quando não tem. Isso significa que você precisará se sentir confortável com o fato de que muita coisa em torno desse tópico é ambígua. Entender isso significa que quando você ensinar a ética sexual bíblica, fará isso com coragem, mas também com sensibilidade, compaixão e bondade. Por alguma razão, nós muitas vezes parecemos pensar que, quando falamos sobre Deus com um indivíduo que sente atração homossexual, a primeira coisa que precisamos lidar é com a orientação sexual. Por quê? Há uma pessoa completa ali, que terá de ser transformada à semelhança de Cristo. Esse será um processo que levará tempo, à medida que o Espírito Santo se move na vida dessa pessoa para lhe dar convicção. Certamente deve haver outros tópicos e questões sobre os quais você pode discorrer e ensinar além da atração sexual! É claro que você em algum momento chegará no que a Bíblia ensina sobre sexo e relacionamentos, mas buscar isso como prioridade e permitir que o assunto domine a discussão significa que suas prioridades estão desajustadas e que você não está vendo a situação de vida dessa pessoa nem a vontade de Deus para ela. Se você consegue conversar entendendo essas realidades, você está fazendo progresso na direção de ser capaz de falar a verdade em amor.

O objetivo é manter a conversa fluindo

Normalmente, quando um cristão entra em contato com alguém da comunidade LGBT ou com um defensor dos direitos gays, a primeira pergunta que é colocada para o cristão é algo do tipo: "O que você, ou o que a sua igreja pensa sobre homossexualidade?" É nesse ponto, bem no início do diálogo, que muitas vezes dá tudo errado e a conversa chega a um grande impasse. Isso acontece porque o cristão, na maioria das vezes, responde algo que se assemelha a isso: "A Bíblia ensina que homossexualidade é pecado". Fim de papo.

Dada essa resposta, devemos nos perguntar: por que o "inquiridor" iria querer continuar investigando os pontos de vista cristãos sobre esse assunto, já que uma resposta definitiva, conclusiva e final já foi apresentada? Não haveria nenhuma necessidade de uma discussão mais aprofundada; a

resposta teria encerrado qualquer necessidade disso.

Não é que a homossexualidade não seja pecado. A resposta apresentada acima está absolutamente certa: a homossexualidade é pecado. Mas temos de nos perguntar: É possível que haja situações em que o método para dar uma resposta é quase tão importante quanto a resposta em si? Se a resposta bloqueia a continuação do diálogo, como alguém poderá compartilhar a boa notícia de Jesus? Ao dar a resposta que a homossexualidade é pecado, certamente foi apresentada uma verdade bíblica, mas com certeza há mais coisas que Deus gostaria que fossem compartilhadas, e não somente esse fato imutável.

Um exemplo do lar

Tenho quatro filhos jovens. Agora a adolescência louca já passou e Cathy e eu sobrevivemos incólumes a maior parte dela; alguns problemas aqui e ali, mas no geral foi tudo bem! Se na época do ensino médio, um de meus filhos tivesse me perguntado como me sentiria se ele se envolvesse sexualmente com um rapaz ou moça na escola, acho que minha primeira resposta facilmente poderia ter sido fazer um sermão, ensinar ética sexual cristã e depois deixá-lo de castigo até completar 50 anos! Mas permitir que fosse essa a minha primeira resposta seria algo superficial e míope, em minha opinião. Embora a resposta estivesse correta, oferecer uma réplica tão categórica iria provavelmente fechar qualquer possibilidade de avançar no diálogo com meu filho. Não seria mais sensato começar uma conversa que tentasse extrair informações importantes como: Por que meu filho sente essa necessidade de tornar-se sexualmente ativo? Que acontecimentos recentes podem ter ocorrido em sua vida para ele considerar esse tipo de decisão? Que necessidades emocionais ele está tentando preencher, tornando-se sexualmente ativo? Ele está levando em conta as enormes alterações de vida em consequência desse tipo de decisão?

Ser capaz de descobrir essa informação subjacente exigiria que eu encorajasse a abertura e a transparência através do diálogo, fazendo perguntas exploratórias e abertas e até mesmo mostrar disposição de minha parte em compreender por que ele gostaria de se envolver em um relacionamento sexual. Na verdade, isso me traria uma oportunidade única de compartilhar que fui um adolescente com envolvimento sexual e que venho sofrendo as consequências dessa decisão há décadas. Já estive no seu lugar, já fiz isso; não vale a pena.

Manter a conversa fluindo com meu filho me permitiria dizer a ele como Satanás trabalha, atraindo-nos com atividades que parecem divertidas e emocionantes no começo, mas que na verdade, são uma armadilha que trará uma grande carga de mágoa, culpa e vergonha depois. Isso me permitiria verdadeiramente compartilhar minha fé com meu filho. Poderei dizer a ele que embora a atividade sexual possa parecer incrível no momento, se ele conseguir esperar e fazer tudo no tempo de Deus quando estiver casado como o Senhor planejou, ele desfrutará das bênçãos dessa decisão para o resto da vida. Isso me permitiria dizer que como não posso policiar a vida dele 24 horas por dia como eu fazia quando ele era criança, sei que aquela seria uma decisão que ele teria que tomar sozinho. Embora eu rogue para que ele leve a sério minhas palavras sinceras de precaução e o que a Bíblia ensina sobre o assunto, se ele de fato decidir ser sexualmente ativo, vou estar lá para ajudar quando ele perceber que na verdade caiu numa armadilha, e mais importante que isso, o Senhor estará lá também.

Esse tipo de diálogo me permitirá dizer ao meu filho que não importa o que ele faça na vida, estarei lá para dar meu apoio. Esse tipo de diálogo me permitirá dizer que nunca vou desconsiderá-lo, não importa o que faça, e que não importa o que aconteça no futuro quando estiver em dificuldade, nós vamos superar isso juntos com a ajuda de Deus. Este tipo de conversa me permite tempo para orar com meu filho, pedindo a nosso pai celestial para dar a ele a coragem, a força e a sabedoria que ele precisa

para que possa enfrentar as forças dominantes de Satanás e das normas culturais em que vivemos.

Você não acha que essa seria uma melhor maneira de responder do que simplesmente dizer, "Não, isso é pecado?".

Provérbios 20:5 diz: "Os propósitos do coração do homem são águas profundas, mas quem tem discernimento os traz à tona". Não trazemos nada "à tona", quando usamos nossas palavras para encerrar uma discussão, mesmo que a resposta esteja correta!

Considerando isso, que resposta os cristãos poderiam apresentar que promoveria uma conversa mais profunda, sem desencorajar, quando se trata da questão da homossexualidade? Que resposta eles poderiam dar que ofereceria tempo e espaço para falar da própria essência do Evangelho, em vez de sabotar a conversa tão rapidamente com uma retaliação que não dá a oportunidade de falar de Jesus na vida da pessoa?

Paulo em Atenas

Em Atos 17, a fim de proteger Paulo de judeus que o estavam seguindo de cidade em cidade para causar tumulto, os irmãos levaram o apóstolo secretamente para Atenas, onde ele esperou por Timóteo e Silas, que iriam se juntar a ele. Enquanto aguardava, Paulo fez o que qualquer um de nós faria hoje se fôssemos a Atenas, na Grécia. Ele deu uma de turista e explorou a cidade. Ao ver os pontos turísticos, as Escrituras nos dizem que ele ficou extremamente angustiado com o grande número de estátuas e ídolos que povoavam cada parte da capital, os quais estavam "relacionados com a adoração do panteão grego e com a cultura pagã. Portanto Paulo, com sua aversão judaica à idolatria, não tinha como não achar a cultura de Atenas espiritualmente repugnante".³

Como foi que Paulo lidou com aquela situação? Ele certamente poderia ter começado seu discurso dizendo: "Homens de Atenas, vejo que vocês são pervertidos e pecadores, pois adoram ídolos. Se não se arrependem e se voltarem para Jesus, vocês estarão condenados ao inferno". Se Paulo tivesse dito isso, ele não estaria errado, mas ele nos mostra que só porque você tem a verdade não significa que você tem que martelar a cabeça das pessoas na primeira oportunidade que surge! Na verdade, ainda usando a analogia do "martelo", como Abraham Maslow, famoso psicólogo americano, disse uma vez brilhantemente: "Para quem só sabe usar martelo, todo o problema é um prego". Tenho certeza que o Dr. Maslow não estava se referindo a maneiras que os cristãos efetivamente podem compartilhar a sua fé quando ele ofereceu essa sabedoria de mestre, mas a analogia pode facilmente descrever muitos cristãos em sua abordagem para ensinar as pessoas sobre a boa notícia de Jesus, especialmente tratando-se do tópico de como envolver indivíduos em questões de fé e de expressão sexual.

Acho que seria útil fazer uma pausa e considerar o quanto Paulo teria ficado enojado pela idolatria que testemunhou enquanto passeava pelas ruas de Atenas. No entanto, quando ele teve sua oportunidade de contestá-la, podemos ver que ele não só manteve suas emoções e palavras sob controle, mas também se esforçou muito para encontrar um denominador comum com pessoas de quem ele discordava completamente. Ao encontrar um altar com a inscrição: "Ao Deus desconhecido", Paulo tinha achado uma maneira de usar aquilo como uma abertura, uma oportunidade de explicar aos atenienses que o "Deus desconhecido" era o único e verdadeiro Deus, que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos (v. 22-31).

Usando esse método estratégico e atencioso de evangelismo, Paulo ganhou mais tempo para falar. Dessa forma, ele conseguiu manter a conversa fluindo. (v. 32-34). Ele até mesmo converteu

peças a Cristo depois de pregar naquela cidade, muitos dos quais não teriam se tornado discípulos se o apóstolo tivesse começado usando o martelo “arrependa-se ou pereça” no início da pregação.

O que Paulo fez literalmente foi começar a conversa reconhecendo o que os atenienses valorizavam e depois, lenta e metodicamente, ensinou o que ele mesmo valorizava. Muitas vezes, os cristãos esperam que as pessoas comecem a conversa em um denominador comum de entendimento, mas tal expectativa é injusta e fora da realidade. Será que não faz mais sentido imitar a abordagem de Paulo, iniciando o diálogo ao reconhecer onde nossos ouvintes estão e depois, de modo sistemático e lógico, trazê-los ao ponto em que entendem a convicção bíblica?

A abordagem de Paulo não foi um acidente. Ela foi bem pensada e faríamos bem em replicar seus métodos enquanto passamos por nossas cidades e sentimos o mesmo sofrimento que ele sentiu ao ver pessoas adorando suas próprias formas de idolatria, nesse caso, a homossexualidade.

Encontrando um denominador comum

Que denominador comum pode existir entre alguém que acredita na visão bíblica e é heterossexual e alguém que não acredita na ética sexual bíblica e é homossexual?

Em um capítulo anterior (“Como a homossexualidade me enganou”), discuti como a grande maioria de nós aprecia beber refrigerante muito embora numerosos estudos continuem a provar que beber essas misturas gasosas de xaropes e produtos químicos é incrivelmente prejudicial para nosso organismo. O fato é que nenhum de nós precisaria ler um estudo para reconhecer essa realidade. Só o que precisamos fazer é ler os dizeres nas laterais da lata para saber que essas bebidas não são saudáveis para nosso consumo, pelo menos não regularmente. Então, por que continuamos bebendo essas coisas? Porque o gosto é bom; porque em um dia quente de verão, poucas coisas são mais gostosas do que um refrigerante geladinho. O problema com esses produtos, todavia, é que eles saciam nossa sede por apenas um curto espaço de tempo. Não demora muito e estamos com sede de novo. Apenas a água clara, limpa e potável pode saciar nossa sede física de uma forma saudável, gratificante e duradoura.

Essa é a mesma maneira que o pecado funciona. O gosto é ótimo, satisfaz uma necessidade legítima e nos faz sentir melhor, mas é muito fugaz. Tudo o que o pecado pode oferecer é prazer em curto prazo e nenhuma satisfação em longo prazo. Na verdade, quando se trata de iniquidade, sempre ficamos com mais sede emocional do que antes de começar nosso envolvimento com um pecado.

Em minha própria experiência, era assim que funcionava a homossexualidade. Houve poucas coisas que procurei para saciar minha sede emocional mais do que a homossexualidade. Desde minha juventude, sempre que me sentia sozinho, inseguro, com medo, não amado ou insignificante, aprendi a buscar o comportamento homossexual para satisfazer essas necessidades muito genuínas. E funcionava. Participar de atividades e relacionamentos homossexuais me fazia sentir satisfeito, amado, apreciado, aceito e importante. Após um curto período de tempo, entretanto, sempre sentia uma necessidade emocional ainda maior; matava-se a sede momentaneamente, mas ela nunca era verdadeiramente satisfeita. O problema é que eu não conhecia nenhuma outra opção viável que realmente iria matar minha sede por um longo prazo.

Como a mulher no poço em João capítulo 4, quando descobri que Jesus estava oferecendo a água viva que daria conta de minhas necessidades emocionais legítimas de modo a saciar esses desejos para sempre e de uma forma que a homossexualidade nunca conseguiria, seguir a Jesus tornou-se a opção mais inteligente a fazer.

O denominador comum, portanto, encontra-se no fato de que todos nós somos culpados de beber do poço errado para fazer com que nossas necessidades emocionais sejam preenchidas. Você pode nunca ter lutado com homossexualidade, mas com certeza cada um de nós praticou um pecado que talvez nos tenha satisfeito momentaneamente, mas que, em última análise, só nos deixou ainda mais carentes. Nesse sentido, o pecado mentiu para cada um de nós; fomos todos enganados, e todos nós somos culpados de comprar mercadorias falsificadas: o pecado prometeu tanto, mas nos deu tão pouco.

Portanto, a condição humana corrompida neste mundo decaído é nosso denominador comum. Ter vivido a própria experiência humana de escolher pecar a fim de desfrutar de satisfação momentânea, para depois sofrer a decepção de se sentir insatisfeito é uma experiência coletiva de todas as pessoas, e cada um de nós pode se identificar com isso.

Uma possível resposta nova

Assim, quando um cristão entra em contato com alguém da comunidade LGBT ou com um defensor dos direitos gays, a pergunta inevitável é feita em algum momento: "O que você pensa sobre a homossexualidade?". Há uma resposta possível que quero oferecer e que acredito que possa ajudar na busca de um denominador comum necessário, dando assim ao cristão a oportunidade de manter a conversa fluindo para depois compartilhar as boas novas de Jesus, da mesma maneira que Paulo fez quando pregou em Atenas.

Em vez de dizer, "A homossexualidade é pecado", a resposta que sugiro é a seguinte: "Entendo porque as pessoas se envolvem em relacionamento homossexual. Acho que a homossexualidade preenche muitas necessidades legítimas na vida das pessoas. Eu entendo. Mas também acredito que há outra opção disponível que satisfará uma pessoa de uma maneira muito mais completa do que a homossexualidade ou do que qualquer outra coisa, que é seguir Jesus. Por mais benéfica que a homossexualidade possa parecer, Jesus é muito melhor. A razão por que tantos não seguem não é porque o que ele oferece é insuficiente, mas sim porque as pessoas não conhecem o verdadeiro Jesus. Se as pessoas realmente soubessem como Jesus é maravilhoso, amoroso, misericordioso, compassivo e o quanto seguir a ele recompensa e satisfaz quando se trata de preencher nossas carências emocionais e partes vazias do nosso coração, todo mundo iria querer ser um cristão. O problema não é Jesus, o problema é que a maioria das pessoas ainda não o conhecem realmente! Esse é o Jesus sobre o qual quero lhe falar".

Meu caro cristão, acredito que se você pode encontrar suas próprias palavras para expressar o sentimento acima; e a conversa será impulsionada, e não encerrada. Você terá encontrado um denominador comum ao expressar entendimento da razão pela qual pessoas se voltam para a homossexualidade, ao mesmo tempo dizendo a elas que há uma opção muito melhor disponível em Jesus. E embora muitos vão imediatamente pensar que já sabem tudo sobre Cristo com base em experiências passadas, você estará dizendo a ele que há muito mais a aprender e que você gostaria de continuar a discutir o assunto. Você terá liberdade para continuar seu diálogo, convidando-o à igreja, a um grupo local de discussão da Bíblia ou até mesmo para um estudo bíblico pessoal, onde você pode ensiná-lo sobre nosso extraordinário e maravilhoso Senhor.

O melhor emprego de vendas na história da humanidade

Todos os dias somos confrontados com escolhas múltiplas entre produtos que os anunciantes alegam poder fazer muito por nós. Vamos tomar como exemplo o sabão de lavar roupa: o mercado perto

da minha casa dedica um corredor incrivelmente longo a um número aparentemente interminável de marcas de sabão, todas afirmando que o seu sabão é especial, que pode tirar manchas de roupa melhor do que qualquer outro. Embora cada marca realmente faça quase a mesma coisa em termos de qualidade, todas tentam nos convencer de que sua fórmula secreta e superior de sabão mais água fará o que nenhuma outra mistura de sabão e água poderá fazer. Tenho certeza que a verdade é que todas elas funcionam muito bem. Quero dizer, que mistura de água e sabão não vai limpar? Normalmente, quando apresentado a tantos produtos saponáceos, as pessoas encontram uma marca que elas gostam e depois compram baseadas no preço. No meu caso, me baseio no cheiro. Pessoalmente, gosto das minhas roupas com cheiro de limão. Não quero que fiquem com cheiro de lavanda. Assim, decidimos por uma marca baseada nesse critério incrivelmente técnico e importante.

Mas vamos supor que um dia eu realmente encontrasse um sabão que de fato tirasse manchas melhor do que qualquer outra coisa que já tivesse experimentado e que tivesse um cheiro mais gostoso de limão. Se o preço fosse justo, posso dizer a você que mudaria de marca. Quero dizer, quem iria continuar comprando um produto inferior, depois de ser convencido de que há outro produto disponível que funciona melhor? Ninguém.

Não quero reduzir Jesus a um produto, mas no mundo de hoje, onde Satanás oferece tantas opções às pessoas quando se trata de entregar seus corações, parece que Jesus se tornou apenas uma entre milhares de opções, todas muito promissoras para proporcionar satisfação e realização. Enquanto as pessoas passeiam pelo corredor da vida para ver tudo o que está sendo oferecido, os cristãos têm de ser capazes de convencer o mundo de que Cristo é o produto superior: que ele pode tirar manchas melhor do que qualquer outro que se possa experimentar! Em certo sentido, é o melhor emprego de vendas da história do mundo porque o que está em jogo são consequências eternas.

Acredito que se pudermos individualmente ser abertos para melhorar nosso "argumento de vendas" ao apresentar Jesus para este mundo perdido e agonizante, se estivermos dispostos a tentar novos métodos e investigar que diferentes estratégias podem funcionar no contexto de hoje e, ao assim fazer, melhorar nossa habilidade de explicar às pessoas porque Jesus é de fato o produto muito superior a qualquer outro no mercado, então as pessoas estariam dispostas a mudar de marca; neste caso, da homossexualidade para Jesus. Cristo terá se tornado a melhor escolha.

Uma palavra sobre a amizade

Muitos cristãos pensam que têm somente duas opções quando se trata de ensinar sobre a fé: a abordagem "arrependa-se ou pereça", ou tolerância. Mas sugiro que há uma terceira opção que a maioria dos cristãos não considera, ou se o fazem, têm pouco tempo para isso: a hospitalidade.

A hospitalidade cria um espaço para receber o convidado; ela cria espaço e tempo para as pessoas explorarem as diferenças. A comunidade cristã, quando vive constantemente da maneira de Jesus, deve ser marcada por um espírito de hospitalidade: reconhecendo as diferenças, ensinando a verdade bíblica, mas ainda assim estendendo uma boa recepção enquanto as pessoas aprendem, questionam e tentam descobrir as coisas. Em um contexto pluralista, estender tal hospitalidade é um avanço em meio à diversidade.⁴

O cristão tem medo de que dar espaço à hospitalidade significará que eles estão baixando os padrões bíblicos e parecendo aprovar comportamentos com os quais eles não concordam. Mas há uma diferença entre aceitação e aprovação. A beleza toda de Jesus foi que sua aceitação de pessoas não foi condicionada à aprovação.

Uma palavra sobre *bullying*

É um prédio pequeno e sem-graça. Quando o vi pela primeira vez pessoalmente, fiquei impressionado com a falta de criatividade daquela fachada. Por dentro, não há muito do que se falar também; ninguém poderia dizer que o que aconteceu aqui décadas atrás iniciou uma tempestade de protestos, tumultos e um movimento que transformou o mundo em que vivemos, desde as leis de nossos países (especialmente na América do Norte) às coisas que nossos filhos são ensinados na escola, e ao que vemos na televisão. O *Stonewall Inn*, um bar gay em Nova York, local da infame “Rebelião de *Stonewall*” em 1969, destaca-se como o coração e ponto de partida do que hoje conhecemos como movimento de direitos dos gays.

Nas primeiras horas da manhã de 28 de junho do mesmo ano, a polícia invadiu o bar mais uma vez, o que já tinha se tornado um evento corriqueiro. Desta vez, porém, eles foram acusados de brutalidade e se você ler os muitos relatos do que ocorreu durante o início daquela manhã você teria que concordar que as autoridades foram realmente cruéis no tratamento daqueles que estavam ali. Confronto físico se transformou em luta; e a luta, em rebelião; e a rebelião, em movimentos de protesto em longo prazo, em longo prazo mesmo, tanto que até hoje vemos os efeitos da infame “Rebelião de *Stonewall*” de 1969.

Homens e mulheres gays já sofreram muitas vezes abuso verbal, emocional e físico. Como cristãos, acredito que precisamos ficar ao lado de nossos amigos e vizinhos gays quando testemunharmos esse tipo de coisa ocorrendo. Essa é uma oportunidade para os cristãos mostrarem a essa comunidade e ao mundo que embora não concordemos sobre a questão da homossexualidade e como ela se relaciona às questões de fé, quando se trata de maus-tratos e crueldade de qualquer tipo, os seguidores de Jesus vão apoiar o lado que está sendo injustiçado.

Quando um seguidor de Cristo presencia pessoas fazendo piadas às custas dos outros na escola ou no trabalho, ou pior ainda, observa alguém sendo fisicamente maltratado por causa de sua orientação sexual, precisamos nos posicionar ao lado dos que estão sendo zombados e ridicularizados e não ter medo de intervir para proteger aqueles que estão sendo maltratados. Quando ouvimos sobre grupos como a Igreja Batista de Westboro vomitando sua mensagem de ódio, cristãos verdadeiros precisam verbalizar nosso apoio a homens e mulheres gays.

Aqueles a quem conheci na Universidade de Rutgers naquela noite tinham me estereotipado injustamente com base no crachá que usei, onde se lia: “Cristão”. Demorou um tempo para que eles ouvissem minha mensagem e o que o cristianismo realmente é, a fim de que estivessem dispostos a conversar comigo. Da mesma forma, nós às vezes podemos estereotipar injustamente pessoas da comunidade gay, fazendo suposições erradas sobre eles e suas vidas baseados no “crachá” que elas carregam onde se lê “homossexual”. Acredito que não devemos nos focalizar em títulos e nomes, mas em pessoas. Devemos oferecer respeito, muito embora discordando. Depois, com ponderação e humildade, podemos discutir as questões presentes, ao mesmo tempo focalizando na construção de relacionamentos através da hospitalidade. Assim, estaremos progredindo no sentido de verdadeiramente construir uma ponte sobre esse espaço enorme que muitas vezes nos separa.

Referências

Chad W. Thompson, *Loving Homosexuals As Jesus Would: A Fresh Christian Approach* (Ada, MI: Brazos Press, 2002).

1. Nick Pollard, *Evangelism Made Slightly Less Difficult: How to Interest People Who Aren't Interested*. (InterVarsity Press, 1997)
2. *Bridging the Gap: Conversations on Befriending Our Gay Neighbours*, DVD (Toronto, Canada: New Direction for Life Ministries, 2009).

Notas do Capítulo 7

1. Dennis Comella, "Gay Minister Preaches Tolerance in Church", *The Daily Targum* (Rutgers University, New Brunswick, NJ), March 8, 2010.
2. Wendy Gritter, *Bridging the Gap*, CD (Toronto, Canadá: New Direction for Life Ministries and Bridgeway Foundation, 2009).
3. Kenneth L. Barker and John R. Kohlenberger, *Zondervan NIV Bible Commentary*, Vol. 2 (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1994), 476.
4. Bruxy Cavey, *Bridging the Gap*, CD (Toronto, Canada: New Direction Ministries and Bridgeway Foundation, 2009).

Capítulo 8

Respondendo às perguntas mais frequentes sobre homossexualidade

Navegar através destas questões como cristão é difícil, para dizer o mínimo. Então, permitam-me o direito de começar essa discussão com algumas isenções de responsabilidade. Primeiro, não tenho todas as respostas. Como já ressaltai em outro momento neste livro, tenho perguntas que permanecem sem resposta e tenho estado disposto a viver com a tensão da incerteza sobre as questões de expressão sexual e como elas se mesclam com a fé e doutrina cristã.

Também percebo que a minha posição sobre alguns desses temas vai atizar um pouco de fogo, pois nem todo mundo que ler isso vai concordar com meu ponto de vista, e não vejo problema nisso. Essas são questões confusas, então é bom que as abordemos juntos, tentando encontrar maneiras de comunicar melhor a mensagem de Jesus para os perdidos e aprender a sermos mais compassivos e compreensivos com discípulos que sentem atração homossexual em nossas igrejas.

Existe uma causa genética para a homossexualidade?

O que causa a homossexualidade? A verdade é que ninguém sabe. Já abordei o argumento genético mais detalhadamente em um capítulo anterior intitulado “Ajuda prática para pais e mães” e sugiro que você leia, se ainda não o fez. Certamente há uma riqueza de informações disponível para aqueles que desejam estudar isso em maior detalhe do que o que estou oferecendo aqui. Um recurso extremamente útil é um livro intitulado: *Homosexuality: The Use of Scientific Research in the Church's Moral Debate* [A Homossexualidade: O uso da pesquisa científica no debate moral da igreja], escrito por Stanton L. Jones e Mark A. Yarhouse. Outro recurso que você deve acessar é o livro: *My Genes Made Me Do It! Homosexuality and the Scientific Evidence* [A culpa é da minha genética! A homossexualidade e as evidências científicas], escrito por Neil e Briar Whitehead.¹

Jeff Buchanan, um pastor de Pensilvânia, uma vez disse que:

Associação e ligação genética não são equivalentes a causa genética. Mesmo assim, numerosos estudos analisando um potencial "gene gay" foram realizados ao longo dos últimos cinquenta anos, mas nenhum foi replicado para provar conclusivamente que a homossexualidade é determinada somente pela genética. Além disso, pesquisadores não encontraram uma correlação de 100% entre os estudos de gêmeos idênticos em seus grupos de estudo; se a homossexualidade é apenas uma característica baseada na genética, obviamente não haveria nenhuma discrepância entre gêmeos idênticos que compartilham do mesmo histórico genético.

Até mesmo a *American Psychological Association* [Associação Americana de Psicologia], um grupo conhecido por suas inclinações a favor dos gays, e que no início dos anos 90 afirmou que havia evidências sugerindo que a biologia, incluindo fatores hormonais genéticos ou inatos, desempenhava um papel significativo na sexualidade de uma pessoa, oficialmente mudou esse ponto de vista em 2009. Sua posição agora é:

Embora muitas pesquisas tenham examinado as possíveis influências genéticas, hormonais, de desenvolvimento, sociais e culturais na orientação sexual, não há resultados que permitam aos cientistas concluir que essa orientação sexual é determinada por qualquer fator ou fatores em particular.² [Tradução nossa]

O ponto dessa questão é que a ciência ainda está por provar que há uma causa genética para a homossexualidade, e a Bíblia também não apresenta uma resposta para isso, exceto mostrar a realidade de que todos nascemos em um mundo pecador e corrompido, e todos nós exibimos nossas áreas de imperfeição de muitas formas diferentes.

Todavia, mesmo que não haja nenhuma prova científica de uma causa genética, sendo um cristão que sente atração homossexual, posso dizer-lhe que compreendo perfeitamente porque as pessoas argumentam que "nasceram assim". Por quê? Nunca acordei numa manhã e simplesmente decidi que sentiria atração homossexual. Isso é tudo o que sei, e sem problema nenhum, daria meu braço direito e mais para que isso me deixasse.

Como cristão, entretanto, não importa se a genética está envolvida ou não. Sei que nada me dá o direito de pecar. Então, mesmo se eu tivesse nascido com atração pelo mesmo sexo, Jesus me chama para viver para ele e para não me permitir ser dominado por essas tentações (1 Coríntios 6:12). Preciso carregar essa cruz a fim de ser um discípulo dele, e essa tem sido uma cruz que estou mais que disposto e ávido para carregar há quase três décadas, porque amo Jesus e quero honrá-lo com a minha vida (Lucas 14:27).

Há um pensamento comum em nossa cultura hoje que diz: "se você se sente bem, faça, contanto que você não esteja machucando ninguém". Essa linha de raciocínio é muitas vezes transmitida quando se trata daqueles que se identificam como gays. O discípulo de Jesus não pode se permitir considerar possível esse tipo de opinião para sua própria vida. Claramente, essa linha de raciocínio não funciona em nenhum outro exemplo de tentação.

Por exemplo, a Bíblia é clara sobre o fato de que mentir é pecado. Caso alguém tenha sido geneticamente programado para a falsidade ou não, isso não vem ao caso, pois em lugar nenhum a Bíblia diz: "Tu não mentirás, a menos, é claro, que tu sejas geneticamente inclinado a enganar. Nesse caso, tu receberás uma licença desse mandamento; vá em frente e minta a vida inteira".

Eu nasci homossexual? Não; ou pelo menos, nenhuma prova disso foi descoberta ainda. Eu nasci com a predileção pelo pecado? Sim, mas meu objetivo é viver com retidão. Para o seguidor de Jesus que sente atração homossexual, o objetivo final não é alcançar a heterossexualidade, mas esforçar-se para ser santo.

Com relação a como lidar com essa discussão quando ela surge com alguém que argumenta que as pessoas nascem com atração pelo mesmo sexo, gostaria de sugerir que não seja esse o ponto principal da discussão. A realidade é que já que nunca apresentaram nenhuma evidência imutável que confirme que as pessoas "nasceram assim", independentemente do que a Lady GaGa diz, isso é simplesmente uma opinião. Para que essa afirmação se torne um argumento legítimo, ela primeiro deve ser reforçada com fundamentação verdadeira. Não é sua responsabilidade apresentar provas de que as pessoas não nascem homossexuais; o ônus da prova recai sobre quem faz a alegação de que eles nascem assim. De maneira respeitosa, peça às pessoas para citar provas que elas possam apresentar (além do raciocínio emocional), confirmando que isso é uma realidade, a fim de apoiar sua afirmação. Se elas conseguirem apresentar provas de que o que eles acreditam é aplicável, então você pode continuar o diálogo.

Um cristão que sente atração homossexual deve expor sua luta em público?

Cada pessoa detém os direitos exclusivos de sua história de vida; é uma informação pessoal; é como se fosse material protegido por direitos autorais. Ninguém jamais deve se sentir pressionado para

expor em público seus problemas de atração pelo mesmo sexo. Cada indivíduo deve ter o direito de divulgar essa informação a quem desejar e no momento em que desejar.

Contudo, há uma diferença entre expor essa informação publicamente e expor a informação em particular. Acredito que seria benéfico para todo o discípulo de Cristo ter pelo menos um ou dois confidentes confiáveis e espiritualmente maduros com quem essa informação possa ser compartilhada. É minha experiência que, sem transparência total e completa com esses confidentes na minha vida, eu nunca teria experimentado a vitória que vivenciei sobre minha natureza pecadora.

Também digo que se chegar um dia em que você sentir o desejo de, como eu, "ir a público" com esta informação pessoal porque você anseia ajudar outros, há algumas coisas das quais você precisa estar ciente:

- Você não deve fazer isso antes de falar primeiro com seu cônjuge e filhos, e até receber a permissão deles para ir em frente. Sua luta com a atração pelo mesmo sexo nunca deve ser o tipo de coisa que seu cônjuge ou filhos vão ouvir pela primeira vez quando você estiver a frente de uma plateia para compartilhar seu testemunho;
- Se você for escrever um artigo ou um livro que vai ser publicado, você precisará primeiro se assegurar de que outros familiares importantes (cristãos e não cristãos), tais como seus pais e irmãos estão cientes de suas atrações homoeróticas. Novamente, isso não deve ser algo que eles vão descobrir pela primeira vez ao ler um artigo na internet;
- Não compartilhe essa informação a menos que você possa clara e inequivocamente fazê-lo do ponto de vista de força e de uma história de retidão pessoal; em outras palavras, suas atrações homossexuais não têm controle sobre você, mas você tem controle sobre elas; isso precisa ter sido comprovado pela maneira como você tem vivido a sua vida. Em minha opinião, se você teve atividade sexual nos últimos 12 meses, sugiro que você não compartilhe publicamente. Espere até que você tenha, no mínimo, essa mesma quantidade de tempo de retidão pessoal.
- No contexto da igreja, seu anúncio público só deve ser feito em conjunto com a liderança de sua igreja local. Deixe essas pessoas ajudarem a elaborar seu comunicado e ajudarem com a questão do momento certo. Descobri que aqueles que vêm de um passado homossexual muitas vezes têm uma veemência involuntária nas palavras e no tom que usam, baseados num desejo muito forte de ensinar e educar aqueles que podem ter sido insensíveis com as palavras no passado. Seu pastor local tem um plano para a direção de sua igreja; trabalhe em uníssono com ele e confie no caminho e direção que ele está mostrando diante de você. Se a liderança de sua igreja local sente que você deve esperar mais tempo antes de fazer essa declaração pública, confie nessa orientação. Parafraseando Jerry McGuire, "ajude-os a ajudar você!".
- Palavras são importantes. Tenha cuidado como você compartilha sua história. Seja sensível com os mais jovens na plateia. Nunca compartilhe detalhes íntimos do seu passado. Em minha opinião, não é benéfico para você como cristão se descrever como sendo "gay" ou "homossexual". Fiz uma longa explicação sobre isso em um capítulo anterior intitulado: *Homossexualidade versus atração homossexual: será que existe diferença?* Por favor, leia esse capítulo se você está considerando ir a público com essa informação sobre sua vida.

Será que o discípulo que sente atração homossexual pode servir no ministério infantil da igreja?

Essa pergunta vem de uma crença frequente, porém falsa, de que a maioria dos homens e mulheres que sentem atração homossexual são sexualmente atraídos por crianças. A verdade é que a maioria dos indivíduos que sente atração homossexual não sente atração doentia por pessoas de idade inapropriada e ficariam enojados com essa sugestão. Se o discípulo em questão estiver vivendo uma vida claramente justa a esse respeito, ele provavelmente pode servir nesse ministério.

Como é sempre o caso, qualquer pessoa, não importa qual seja o passado dele ou dela, deve ser cuidadosamente selecionada antes de ser autorizada a trabalhar com as crianças.

Quero ajudar e encorajar os cristãos que sentem atração homossexual, mas tenho medo de que se me aproximar muito emocionalmente, talvez ele (ou ela) sinta-se atraído por mim. Devo me preocupar com isso?

Um dos aspectos mais bonitos do cristianismo é que teremos relacionamentos íntimos, honestos e confiáveis, em que de fato ficaremos ligados emocionalmente em um nível muito mais profundo e significativo com o mesmo sexo do que normalmente experimentaríamos fora da igreja. Isso é bom e faz parte do plano de Deus para seu povo. Na verdade, para o discípulo que sente atração homossexual, quase não há outra coisa que auxilie mais na cura das deficiências emocionais deixadas insatisfeitas em sua juventude do que poder construir relacionamentos saudáveis, não-sexuais, com o mesmo sexo em um ambiente de retidão.

Minha resposta geral a essa pergunta é que não há o que temer. Na minha experiência cristã de 30 anos como um indivíduo que sente atração homossexual, tenho desfrutado do benefício de estar ligado emocionalmente com muitos, muitos homens cristãos e posso dizer seguramente que exceto em raríssimas ocasiões, nunca houve qualquer atração física envolvida em meu coração ou mente, não importa quão próxima a amizade se tornou.

Todavia, você deve ter notado que incluí "exceto em raríssimas ocasiões" na afirmação acima. Isso quer dizer que nas últimas três décadas, tem havido casos excepcionais quando eu sabia no meu coração que se fosse continuar desenvolvendo aquela amizade, haveria uma possibilidade de formar uma relação de codependência nociva ou atração física por determinado irmão da igreja. Quando isso aconteceu, fui extremamente cuidadoso para colocar limites adequados, tais como diminuir a quantidade de tempo gasto juntos, diminuir o tipo de influência que eu permitia aquele irmão ter na minha vida, cercar o tipo de conversas que tínhamos e mais importante, sendo completamente transparente sobre esta realidade com um conselheiro espiritual de confiança que estava pronto a fazer um acompanhamento a esse respeito. A aplicação desses limites de tempo e espaço, juntamente com oração, é tudo que é necessário para acertar as coisas.

Como um discípulo que sente atração heterossexual, você deve tratar o irmão ou irmã que sente atração pelo mesmo gênero de maneira semelhante a que você trataria qualquer outra pessoa. Esses homens e mulheres são pessoas ótimas com dons, talentos e qualidades incríveis, sem mencionar a surpreendente coragem e bravura que eles têm exibido em vir a Cristo e mudar por ele. São homens e mulheres maravilhosos, e conhecê-los será uma bênção em sua vida. Definitivamente, você não deve ter nada a temer.

Tornar-se um cristão afeta a estrutura de vida de uma pessoa que sente atração homossexual? Por exemplo, antes de se tornar um cristão, se eles moravam com um parceiro do mesmo sexo, isso deve mudar se eles assumiram um compromisso de se manterem puros após a conversão? E com relação a outras condições de vida possíveis? É aconselhável que eles morem com outros homens ou mulheres solteiros ou com universitários do mesmo sexo?

Deixe-me começar esta seção, pedindo-lhe para se lembrar de que nunca é sua responsabilidade como cristão forçar a obediência a Deus, mas sim falar a verdade em amor e então andar ao lado do indivíduo continuando a incentivá-lo a uma vida justa. Isso posto, algo em que homens e mulheres homossexuais devem se empenhar, se querem se tornar cristãos e verdadeiramente experimentar uma vitória real com relação à impureza e atividade homossexual, é remover todo e qualquer canal de comportamento homossexual em suas vidas, incluindo, em minha opinião, qualquer relacionamento que poderia levá-los a tropeçar na fé. Isso muito provavelmente incluiria o estilo de vida de uma pessoa que está tentando se tornar cristã, mas está morando com o parceiro do mesmo sexo.

Muito embora eu aprecie o coração que está por trás do compromisso de ser sexualmente puro mesmo ao continuar vivendo com seu parceiro, isso seria ignorar o fato de que o lado físico da relação é apenas uma parte do vínculo que eles construíram juntos. O outro é a conexão emocional ou relacional não saudável que teria se formado. É importante para os cristãos não apenas abster-se de contato físico sexual inapropriado, mas também de qualquer relacionamento emaranhado emocional que não estiver em consonância com o ensino bíblico. Isso é quase impossível de realizar enquanto você ainda está vivendo sob o mesmo teto que seu ex-parceiro. Portanto, é minha convicção que o modo de vida na verdade precisaria mudar.

Dito isso, entendo que especialmente para relacionamentos de parceiros juntos há muito tempo, e particularmente se houver crianças envolvidas, tomar tal decisão seria incrivelmente difícil. Como alguém dedicado a ajudar, gostaria de sugerir que você se mude aos poucos e com respeito, ao mesmo tempo em que humilde e honestamente compartilha suas convicções e espera pacientemente que o Espírito Santo faça seu trabalho. Pode levar um tempo para a pessoa que está deixando a homossexualidade dar esse passo em frente. Com certeza, você deve acabar a situação com oração. Isaías 30:18-21 nos diz que é desejo do coração de Deus nos ajudar quando decisões difíceis devem ser tomadas: "Quer você se volte para a direita quer para a esquerda, uma voz nas suas costas dirá a você: "Este é o caminho; siga-o"". Ore para que Deus mova o coração dessa pessoa para que ela possa ter a fé, convicção e coragem para fazer o que for necessário. Mais importante, porém, é nossa meta como cristãos de ajudar as pessoas a chegar a suas próprias convicções, dando-lhes o tempo e o espaço para fazê-lo. Também gostaria de lembrar você de que a fé das pessoas pode ser edificada ao ver Deus trabalhando em outras áreas da vida, o que pode dar-lhes a confiança e segurança para avançar nessas situações mais desafiantes. Nunca se esqueça de que aquela é uma pessoa que precisa ser mudada por completo à semelhança de Cristo. Essas áreas de dificuldade continuarão sendo lidadas com oração enquanto o Espírito Santo traz convicção e decisões vão sendo tomadas.

Com relação à pergunta se um cristão que sente atração pelo mesmo sexo deve morar com outros indivíduos de mesmo sexo solteiros, a resposta curta é "Sim". No entanto, tive que aconselhar muitas situações que se tornaram nocivas e não posso deixar de oferecer minhas palavras de cautela nesse caso. Se um discípulo que sente atração homossexual vai morar com outros cristãos solteiros, limites apropriados devem ser colocados. Eu consideraria esses limites óbvios, mas para minha surpresa, muitas vezes não são.

- Se for possível, o discípulo que sente atração homossexual deve ter um quarto só para ele (ou para ela). Nem sempre isso é possível, especialmente em uma situação de dormitório da faculdade. Tudo bem. Não há nenhum motivo pelo qual essa situação não possa acontecer de forma segura e justa; se for este o caso, então temos mais razão ainda para que alguns poucos limites a seguir sejam respeitados e seguidos;

- Colegas de quarto precisam ter cuidado com relação à quantidade de nudez que se permitem quando estão fora de sua área privativa dentro da casa. Ninguém jamais deve andar nu nem seminudus

cômodos em comum. Isso não sugere que o irmão ou irmã que sente atração pelo mesmo sexo seria atraído por aquele indivíduo; eles provavelmente não sentiriam atração, mas, por respeito, os cristãos devem ser sábios em como se vestem (ou se despem) em sua casa quando se vive com um discípulo que sente atração homossexual;

- Um indivíduo que sente atração homossexual nunca deve, e digo nunca mesmo, dividir a mesma cama com alguém do mesmo sexo. Não importa o quão inocente as pessoas digam que isso é, confie em mim; já aconselhei muitas situações que começaram aparentemente de modo bem inofensivo, mas que se tornou algo muito perigoso. Não posso imaginar uma situação em que isso seria uma coisa sábia a fazer. Não sei como ser mais claro do que isso.

Para meus irmãos e irmãs que sentem atração homossexual: entendo que é difícil às vezes ter que viver com tantas barreiras e limitações. Mas deixe-me lembrá-lo das palavras de Pedro em 1 Pedro 1:13-20, uma passagem que li muitas e muitas vezes para me lembrar da importância de viver com retidão diante de Deus, não importando o quão difícil as coisas às vezes me pareciam.

Portanto, estejam com a mente preparada, prontos para agir; estejam alertas e ponham toda a esperança na graça que será dada a vocês quando Jesus Cristo for revelado. Como filhos obedientes, não se deixem amoldar pelos maus desejos de outrora, quando viviam na ignorância. Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, pois está escrito: “Sejam santos, porque eu sou santo”. Uma vez que vocês chamam Pai àquele que julga imparcialmente as obras de cada um, portem-se com temor durante a jornada terrena de vocês. Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos da sua maneira vazia de viver, transmitida por seus antepassados, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito, conhecido antes da criação do mundo, revelado nestes últimos tempos em favor de vocês.

Meu filho ou filha gay quer trazer o seu parceiro(a) para passar o fim de semana em nossa casa. Devemos permitir isso?

Meu primeiro pensamento sobre essa questão é que o que você decidir, precisa ser uma decisão da família. Todos os adultos que moram na casa precisam ter a oportunidade de discutir seus sentimentos sobre o assunto e é preciso chegar a um consenso antes de uma decisão final sobre permitir ou não permitir que seu filho ou filha homossexual traga seu parceiro do mesmo sexo para uma estadia mais prolongada. Meu segundo pensamento é que, como cristãos, temos que ser hospitaleiros, e essa hospitalidade deve se estender a pessoas com quem não concordamos com relação a Deus, à igreja e à Bíblia. Acho que a maioria dos pais gosta que seu filho se sinta bem-vindo em casa a qualquer momento. A casa dos pais é sempre a casa dos filhos, mesmo se eles querem incluir um companheiro. Você definitivamente deve pedir a seu filho que respeite os padrões morais da sua família. Na maioria dos lares cristãos, isso incluiria limites como não fazer demonstrações públicas de afeto e que seu filho e o parceiro dormiriam em quartos separados. Creio que seria seguro supor que, se seu filho trouxesse para casa um namorado ou namorada do sexo oposto para passar o fim de semana, você provavelmente pediria a eles para manter esses mesmos padrões. Certifique-se de que seu filho ou filha sabe disso e que seus pedidos não são baseados na sua homossexualidade, mas na moral de sua casa. Se seu filho se recusa a seguir essas normas, você deve então deixar claro que ele é bem-vindo a qualquer momento, mas não com seu parceiro do mesmo sexo.

Provavelmente a parte mais difícil de permitir isso é como você vai decidir tratar o parceiro do

seu filho ou filha. Peço que você se lembre de que esse indivíduo não é o inimigo. O inimigo é Satanás, não o seu filho ou o seu parceiro do mesmo sexo. Para ter um impacto verdadeiramente positivo tanto sobre seu filho quanto sobre o amigo dele, você deve se esforçar para mostrar bondade e amor por essa pessoa. Faça seu melhor para fazê-lo sentir-se bem recebido e parte da família. Lembre-se que essa alma é tão perdida quanto a do seu filho e precisa desesperadamente da graça e misericórdia de Deus em sua vida. Ore para que, ao passar tempo com sua família, ele ou ela vai ver a Cristo e talvez um dia, depois de ter construído uma relação amorosa e de confiança com você, ele ou ela lhe peça para ensiná-lo sobre o Senhor. Essas coisas não são tão impossíveis de acontecer. Já conversei com pais que realmente converteram o parceiro de seu filho a Cristo. Isso só pode ocorrer quando os pais mostram amor incondicional e aceitação ao filho e ao seu parceiro do mesmo sexo.

Fui convidado para um casamento gay de amigos bem chegados. Sinto-me inseguro como responder. Seria errado comparecer, considerando o que acredito que a Bíblia ensina sobre esse assunto? Aceitar o convite seria mal interpretado como aprovação de um relacionamento que considero ser pecado?

No clima cultural de hoje, o casamento tradicional está sob ataque de um movimento de "direitos gays" muito bem financiado e enérgico de ativistas que estão determinados a redefinir a instituição do casamento como algo que não seja a união de um homem e de uma mulher. A resposta a esse dilema, à primeira vista, pode parecer óbvia para você: um firme "não, obrigado". E você pode estar certo; todos nós temos que viver de acordo com nossa consciência. Porém, gostaria de pedir que você olhe para essa situação de um ângulo diferente, uma nuance que acho que permitirá a você realizar bem essa tarefa sem ofender o anfitrião e, ao fazê-lo, ser um digno embaixador de Cristo, mantendo a ética sexual bíblica e continuando fiel à sua consciência.

Como eu poderia sugerir que você proceda? Usando a Grande Comissão como nosso guia, acho que existem duas perguntas principais que devem ser feitas. A primeira pergunta é: que resposta para um casamento ou cerimônia de compromisso gay mais iria expressar amor cristão e respeito e permitir que as portas sejam abertas para um relacionamento e diálogo futuros? Para responder isso, sugiro que você considere esta realidade: sua rejeição ao convite vai falar muito mais alto do que a sua aceitação. Há grandes chances de que o indivíduo convidando você já saiba que você é um cristão. Quase posso garantir que essa pessoa já sofreu uma vida cheia de rejeição e provavelmente já tem a expectativa de uma resposta negativa. Com isso em mente, gostaria de sugerir que você aceite o convite e vá. A recusa em fazê-lo só vai inibir seu objetivo final, que não é fazer uma declaração em defesa da Bíblia ao recusar, mas para encontrar maneiras de construir confiança nesse relacionamento para que você futuramente possa compartilhar as boas novas sobre Jesus e a Bíblia.

Como você pode fazer isso de tal forma a não ceder à tolerância e ferir sua consciência? Tudo está em como você lida com isso em seu próprio coração e mente, não na opinião do casal gay sobre seu comparecimento. Eu encorajaria você a pensar em ir a essa cerimônia no contexto de estar sendo usado por Deus para mostrar amor e manter as portas de comunicação abertas e não para apoiar a homossexualidade. Sua presença no evento não significa que você aprova o casamento gay, mas pode mostrar que você aceita aquelas pessoas como seres humanos, que você se importa com elas como pessoas e que está disposto a continuar o relacionamento com elas, apesar desse pecado, muito embora eles saibam que você não concorda com as escolhas deles a esse respeito. Com essa mentalidade, é possível participar desse evento sem aderir à definição de tolerância de nossa sociedade, em que você tolera tudo e não se posiciona em nada.

Você não conseguirá influenciar pessoas somente dizendo a elas as coisas que você é contra. A ideia de compartilhar a boa notícia de Cristo é ser capaz de construir pontes com um mundo que sabidamente vai fazer muitas coisas com as quais não concordamos. Porém, como poderemos construir

pontes com pessoas que precisam ouvir essa mensagem se não estivermos dispostos a estar com elas, conviver com elas e nos misturarmos a elas?

Alguns argumentam que Cristo não aprovava a vida dos cobradores de impostos, bêbados e prostitutas, mas isso não o impediu de se misturar com eles, compartilhando refeições e fazendo amizade, o que significa que nós devemos ir a um casamento gay. Dr. F. LaGard Smith, um amigo e membro confiável do meu conselho consultivo, salientou que usar o exemplo de Jesus de comer com os pecadores como uma razão para um cristão comparecer a um casamento gay não é muito correto; partilhar uma refeição com alguém é um evento moralmente neutro enquanto que assistir a um casamento gay não é moralmente neutro para o cristão. Bom ponto. Porém, há uma diferença entre aceitação e aprovação. Somos todos culpados de participar em várias atividades e padrões de pensamento que Deus certamente não aprova, mas ele aceita e ama incondicionalmente cada um de nós.

Comparecer a uma cerimônia de casamento ou de compromisso gay não significa necessariamente que você tem que aprovar o casamento gay, ou que você está cedendo ao objetivo de ativistas gays na redefinição do conceito de casamento. Na verdade, o casal gay cujo casamento você estará participando muito provavelmente não é "ativista gay", por que os ativistas são um grupo muito pequeno dentro da comunidade gay. Muito provavelmente, os amigos em que você vai causar impacto são pessoas normais, vivendo suas vidas, não querendo ofender ninguém. Se chegar um dia em que lhe darão a oportunidade de compartilhar suas crenças bíblicas, você definitivamente deve ir. A conclusão é sempre essa: Jesus é melhor do que qualquer coisa que a homossexualidade pode oferecer; Ele é melhor do que qualquer outra coisa, ponto final. Mas como você poderá algum dia compartilhar essa realidade se você ofende todos a sua volta com sua postura, tanto que eles já não querem ouvir o que você tem a dizer?

Meu ponto de vista é que se recusar a comparecer apenas confirmaria a ideia preconceituosa das pessoas do que um cristão faria, impediria um futuro diálogo e comunicação e fecharia as portas para que você pudesse efetivamente compartilhar a boa notícia de Jesus com eles no futuro. Digo que você deve ir tendo decidido que seu objetivo é ser um representante do amor de Cristo, em oposição a ser alguém que tem medo de expressar tolerância com uma união da qual discorda.

Que postura um cristão deve ter com relação ao casamento gay?

Não consigo imaginar muitos cristãos discutindo a questão de que o casamento, tal como definido por Deus nas Escrituras, não é para ser exclusivamente reservado para um homem e uma mulher. A Bíblia é abundantemente clara sobre isso (Gênesis 1:27, Gênesis 2:22-24, Mateus 19:4-5, Efésios 5:22-25, Marcos 10:6-9).

Quando discutimos o casamento do mesmo sexo, é fundamental que façamos uma clara articulação sobre o que está em jogo nesse debate e o que não está:

- Não é para se discutir se gays e lésbicas são pessoas legais ou bons cidadãos. Alguns são, outros não, tal como os heterossexuais;
- Não é para se discutir se gays e lésbicas se adaptariam a relacionamentos amorosos; é claro que se adaptariam;
- Não é para se discutir se gays e lésbicas podem ser pais amorosos. Há casais gays

acolhedores e carinhosos criando filhos em todo o país;

- Não é para se discutir se gays e lésbicas devem ser tratados com respeito e dignidade. Todo o membro da raça humana deve ser tratado com respeito e dignidade.

Acredito que o debate é sobre o que vem a seguir:

- Trata-se de saber se temos o direito de redefinir o casamento a ponto de ser flexível o suficiente para incluir todas as combinações de adultos;
- Trata-se de reconhecermos a maravilhosa diversidade humana expressa em dois sexos, masculino e feminino;
- Trata-se de homens e mulheres complementarem um ao outro em suas diferenças;
- Trata-se de mães e pais terem um papel único e insubstituível na vida de seus filhos, justamente por causa do seu gênero;
- Trata-se de haver razões sociais convincentes para definir casamento como uma coisa e não como outra.³

Isso posto, desde que a primeira edição deste livro foi lançada em 2012, a Suprema Corte dos Estados Unidos legalizou o casamento gay naquele país, juntando-se a várias outras nações ao redor do mundo que os tinha precedido, incluindo o meu país, Canadá. Dependendo do país onde você vive, foi legalmente determinado que a definição de casamento é realmente flexível o suficiente para incluir gays e, em breve, com certeza, qualquer grupo de adultos. Pessoalmente, isso não me incomoda. Com a liberdade de escolha que Deus deu à humanidade, eu respeito os direitos das pessoas de buscarem seus sonhos e viverem da maneira que desejam. Entendo que muitos não vão se importar com o que a Bíblia ensina sobre ética sexual, e seria errado de alguma forma ter a expectativa de que vivam baseados em um padrão que eles não respeitam ou nem se importam em seguir. Nesse sentido, se as pessoas gays querem se casar, isso é problema delas. Contudo, se obviamente a conversa é centrada na Bíblia, isso é uma outra discussão.

Quando se trata da cosmovisão bíblica, o relacionamento heterossexual monogâmico como primeiro apresentado em Gênesis é o único modelo de comportamento sexual consistentemente aclamado no Antigo e no Novo Testamentos. Embora seja verdade que outras formas de comportamento sexual como a poligamia fossem permitidas no Antigo Testamento, um relacionamento entre marido e mulher é o padrão defendido como o ideal ao longo de toda a Bíblia e em nenhum momento a homossexualidade é elogiada ou colocada como um exemplo de algo a ser imitado.

Acho que o verdadeiro problema para o cristão não é se o casamento gay deve ser legalizado ou não, pois não me parece realista considerar que nosso sistema judicial e político irá votar de acordo com valores cristãos e morais. Na verdade, o problema é como o discípulo de Cristo deve lidar com questões sociais e políticas na esfera pública. Em outras palavras, até que ponto um cristão deve se envolver em reformas sociais? Embora eu aplauda aqueles entre nós que se envolvem em diferentes causas de nossa sociedade a fim de melhorar a vida dos outros, acho que, no geral, nós, como cristãos seríamos sábios em não permitir que reformas sociais sejam a nossa maior prioridade ou ideal. Muito embora eu tenha certeza de que isso tem importância em determinados momentos, quando se trata de questões como o casamento gay, não me sinto muito confiante de que lutar contra isso em praça pública seja nosso papel,

ou que isso deveria ser nossa principal preocupação.

Acredito que comprometimento gera comprometimento, então não estou de modo algum sugerindo um afrouxamento da ética sexual bíblica. Como já afirmei ao longo deste livro, nos numerosos artigos que escrevi, em muitos fóruns diferentes e em palestras públicas que fiz, os cristãos precisam ensinar ousadamente os padrões que Deus estabeleceu para a sexualidade humana. Todavia, também acredito que isso deve ser feito com um enorme senso de humildade e bondade que exorte as pessoas a realmente ouvir o que temos a dizer, em vez de usar um tom combativo que só vai afastar as pessoas. Além de toda a política, argumentos, declarações públicas e manchetes estão pessoas reais, com vidas, carreiras, amigos, mágoas, hobbies, contas a pagar, problemas, pais, irmãos e irmãs reais; a maioria não é militante "ativista", mas sim pessoas comuns que querem apenas viver suas vidas em paz. A maioria quer contribuir para as suas comunidades; elas querem fazer uma diferença positiva no mundo. Eles são seres humanos gentis, generosos e maravilhosos que também têm a necessidade de ouvir a verdadeira mensagem de Cristo. Pessoalmente acho que se os cristãos fizerem como seu principal objetivo resolver o problema do casamento do mesmo sexo nas arenas pública e política, eles se tornarão mais conhecidos pelo o que são contra do que pelo que são a favor. Eles serão mais identificados como manifestantes do que como cristãos. Eles acabarão falando tão alto em questões sociais que os perdidos não estarão dispostos a ouvir o que eles têm a dizer, quando eles finalmente tiverem a chance de falar de Jesus.

Referências

1. Robert A. J. Gagnon, *The Bible and Homosexual Practice: Texts and Hermeneutics* (Nashville, TN: Abingdon Press, 2001).
2. Joe Dallas, *The Gay Gospel* (Eugene, OR: Harvest House, 2007).
3. Romell D. Weekly, *The Rebuttal: A Biblical Response Exposing the Deceptive Logic of Anti-Gay Theology* (Judah First Publishing, 2011).
4. Dan O. Via and Robert A. J. Gagnon, *Homosexuality and the Bible: Two Views* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2003).

Notas do Capítulo 8

1. Neil Whitehead and Briar Whitehead, *My Genes Made Me Do It! Homosexuality and the Scientific Evidence* (Whitehead Associates, 3rd edition 2013).
2. "Sexual Orientation and Homosexuality", *The American Psychological Association*, 21 de maio de 2012, <http://www.apa.org/helpcenter/sexualorientation.aspx>.
3. Bill Maier, "Same-Sex Marriage" in Joe Dallas and Nancy Heche, *The Complete Christian Guide to Understanding Homosexuality* (Eugene, OR: Harvest House, 2010), 364–65.